Editora ABRIL
edição 2828 - ano 56 - nº 6
15 de fevereiro de 2023

Abril

veja

www.veja.com

O ALVO ERRADO

Num tom absolutamente desnecessário e despropositado, Lula faz ataques à autonomia do Banco Central e ao seu presidente, Roberto Campos Neto — uma estratégia que pode ter resultados desastrosos para o próprio governo (e para o Brasil)

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

EDITORA Abril

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

veja

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz
Editores Executivos: Daniel Hessel Teich, Monica Weinberg **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, André Afetian Sollitto, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Cilene Gomes Pereira, Clarissa Ferreira de Souza e Oliveira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Diogo Vassao Magri, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Gustavo Magalhães da Silva Junior, João Pedroso de Campos, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Leandro Bustamante de Miranda, Leonardo Caldas Vargas, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Luisa Purchio Haddad, Marcela Moura Mattos, Maria Aguida Menezes Aguiar, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Paula Vieira Felix Rodrigues, Ramiro Brites Pereira da Silva, Reynaldo Turollo Jr., Sérgio Quintella da Rocha, Simone Sabino Blanes, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara, Victor Irajá **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórter:** Caio Franco Merhige Saad **Estagiários:** Camille da Costa Mello, Diego Alejandro Meira Valencia, Eric Cavasani Vechi, Felipe Soderini Erlich, Gabriela Caputo da Fonseca, Giovanna Bastos Fraguito, Marcelo Augusto de Freitas Canquerino, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Maria Fernanda Sousa Lemos, Marilia Monitchele Macedo Fernandes, Matheus Deccache de Abreu, Pedro Henrique Braga Cardoni **Checadora:** Andressa Tobita **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus e Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Colaboradores:** Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira
DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES Guilherme Valente
DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 828 (ISSN 0100-7122), ano 56/nº 6. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | GoRead | SIP

GRUPO Abril

www.grupoabril.com.br

MICHEL JESUS/CÂMARA DOS DEPUTADOS

PONDERAÇÃO
Aprovação da autonomia do BCe Lula com Meirelles: lições do passado foram esquecidas

AFP

ACIMA DA POLÍTICA

HÁ ASSUNTOS que por definição deveriam ser mantidos afastados das altas temperaturas da agenda política, sob o risco de graves consequências. Foi o caso, por exemplo, da saúde pública, como se observou no governo passado, no triste episódio da Covid-19 e da vacinação contra o coronavírus, cuja estratégia tresloucada contribuiu para potencia-

lizar o número de mortes no Brasil. Guardadas todas as proporções, o mesmo acontece agora no novo governo com a economia, quando o debate deixa a esfera do bom senso e a discussão passa a ser pautada por terraplanismos econômicos para delírio apenas da militância partidária. Nas últimas semanas, numa atitude absolutamente destemperada e acima do tom, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem atacado duramente a independência do Banco Central, bem como seu presidente, Roberto Campos Neto, cujo mandato se estende até 2024. Trata-se de um equívoco gigantesco, que já produz efeitos negativos nos juros futuros, na bolsa e na confiança internacional no país — e, a seguir assim, pode se tornar um desastre ainda maior.

Ao lado das reformas da Previdência e trabalhista, a autonomia do Banco Central foi uma das raras vitórias no campo da economia durante os últimos anos. Por mais de duas décadas, tentava-se instituir o modelo, que blinda as principais decisões ligadas à política monetária das manipulações e influências dos ocupantes do Executivo. Aprovada finalmente no Congresso em 2021, a mudança foi sancionada (a contragosto) por Jair Bolsonaro e, desde o início de 2022, o BC tem em Campos Neto o primeiro — e competente — ocupante do novo regime. Eficaz, o sistema vigora tanto em países desenvolvidos quanto em emergentes, sempre com bons resultados, como mostra a reportagem que começa na página 42. Nele, a autoridade monetária deixa a esfera das pressões populistas e eleitoreiras para ser

pautada por critérios estritamente técnicos — basicamente, controlar a oferta e a demanda de moeda, com o objetivo de combater a inflação.

Lamentavelmente, os ataques contra Campos Neto e a independência do BC vêm num péssimo momento. Com sua eleição, Lula tem a chance de atrair investimentos estrangeiros que veem uma melhora do país em assuntos como o meio ambiente e a estabilidade democrática. Ao dar declarações negativas, porém, ele demole essas perspectivas e — ao contrário do que supostamente gostaria — força o BC a manter as taxas atuais. A rigor, é um desperdício de oportunidade inacreditável. Detalhe: juros mais altos são um instrumento doloroso (mas temporário) para evitar que o trem da economia descarrilhe, como aconteceu no governo de Dilma Rousseff. Na ocasião, sob pressão da presidente e da equipe econômica, o BC mantinha juros baixos para estimular artificialmente o consumo, até o momento em que foi obrigado a elevá-los abruptamente, provocando a maior recessão da nossa história. O próprio Lula, por sinal, deveria conhecer bem essa dinâmica. Em seu primeiro mandato e ainda sem a independência, o presidente do BC nomeado por ele, Henrique Meirelles, manteve as taxas elevadas mesmo sob artilharia constante de membros do governo, como o vice-presidente José Alencar. Deu certo.

Defender o fim da autonomia do Banco Central e atacar seu presidente, como Lula tem feito, acaba sendo um gesto de puro negacionismo econômico, estado mental em que se

refutam fatos comprovados em nome de aventuras perigosas. Embalado por uma lógica meramente política, o presidente prefere escolher um bode expiatório e inimigo (Campos Neto), alguém que será responsabilizado por eventuais fracassos no campo econômico, a perder popularidade. É também um tipo de retórica adotado para manter a plateia acesa — estratagema, aliás, muito utilizado por seu rival Bolsonaro. A questão é que discursos messiânicos, recheados de desinformação e voltados para a manipulação da opinião pública não têm poder algum para resolver os problemas reais do país e tirá-lo da letargia econômica. Para isso, as escolhas do presidente deveriam ser feitas acima das conveniências e dos interesses políticos. Tomara que o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, que parece ser uma voz de bom senso em relação a esse assunto, convença seu chefe a não insistir nesse caminho. ■

MÁRCIO BATISTA/MRE

"SAÍMOS DE CIMA DO MURO"

O novo chanceler diz que hoje o Brasil defende claramente a Ucrânia no conflito com a Rússia e garante que, longe das ideologias, o país vai se aproximar da China e dos Estados Unidos

AMANDA PÉCHY

EM SUA SEGUNDA passagem pela Esplanada dos Ministérios, o chanceler Mauro Vieira, 71 anos, está debruçado sobre uma agenda repleta de viagens que julga essenciais à tarefa de reinstalar o Brasil no tabuleiro geopolítico. O périplo começou ao lado de Lula em viagem cercada de polêmicas à Argentina e segue nos Estados Unidos, a partir desta sexta-feira, 10, onde a ideia é refazer "laços esgarçados" com o governo Joe Biden. Conhecido pelo temperamento apaziguador, ele chegou a ser criticado por alas do PT depois de, tendo ocupado a pasta na gestão Dilma Rousseff, comparecer à posse de seu sucessor, José Serra, no polarizado cenário pós-impeachment. Com um extenso currículo de embaixadas que comandou em variados momentos da história do país — Buenos Aires, Paris, Washington —, Vieira acabou, na era Bolsonaro, sendo alojado na representação da Croácia e ali ficou isolado, distante das discussões globais. Em entrevista concedida em seu gabinete no Itamaraty, ele diz: "O Brasil está de volta ao jogo."

O que a visita de Lula aos Estados Unidos pode trazer de ganhos concretos para o Brasil? Essa visita é essencialmente política. O objetivo é restabelecer laços que ficaram esgarçados na gestão anterior. Foi um período em que havia um alinhamento automático não exatamente com os Estados Unidos, mas com o então presidente Donald Trump. Quando ele perdeu as eleições, em 2020, o elo deixou de existir. Para se ter uma ideia, o governo Jair

Bolsonaro demorou mais de um mês para reconhecer a vitória de Joe Biden.

Há alguma proposta de cooperação na mesa? Por enquanto, não. Só depois dessa reaproximação será possível começar a conversar de forma mais palpável sobre comércio, ciência e tecnologia. Uma das pautas relevantes da visita será a política ambiental. Os presidentes ainda devem falar de futuros investimentos americanos no Brasil e sobre caminhos para abrir espaço à iniciativa privada brasileira lá. Os Estados Unidos sempre estarão em nosso rol prioritário. Depois da China, são nossos maiores parceiros.

E sobre a visita à China, prevista para ser a próxima escala, há chances de sair daí o tão alardeado acordo com o Mercosul? Ainda não, isso leva mais tempo. Mas é um

"A visita aos EUA é para restabelecer laços esgarçados na gestão anterior. Lula e Biden ainda devem falar sobre investimentos americanos no Brasil e caminhos para a iniciativa brasileira lá"

primeiro passo. O governo chinês convidou Lula e ele já aceitou. Deve embarcar entre março e abril. Fazendo as contas e olhando a agenda, nos primeiros quatro meses de mandato o presidente terá mantido contato com todos os grandes parceiros brasileiros. É um trabalho de refazer pontes que hoje não estão tão sólidas.

Quais assuntos devem vir à tona na ida a Pequim? Discutirei a agenda em detalhes com o chanceler chinês nesse mês, na reunião do G20, na Índia. Eles são os parceiros comerciais número 1 do Brasil desde 2010, então há muitos interesses em jogo. Como a China ocupa uma posição de destaque na ciência e na tecnologia, essa é uma área que atrai a atenção do Brasil, entre muitas outras. Bolsonaro disparou comentários grosseiros sobre Pequim, criando rusgas que, agora, nos cabe dissolver.

Como o Brasil vai atuar no complexo tabuleiro em que a China tenta tirar dos Estados Unidos o posto de país mais poderoso? Negociaremos com um e outro, indiscriminadamente. Isso não significa, porém, ir e voltar nos acordos, ao sabor das circunstâncias. Política externa é um esforço de longo prazo. O programa espacial que temos com a China foi selado quatro décadas atrás. Os Estados Unidos, por sua vez, foram nosso maior parceiro por um século inteiro, até 2010. Faremos o que for bom para o Brasil, com diplomacia e não com ideologia.

A atual política externa de Lula vem sendo comparada à dos mandatos anteriores, sobretudo por dar ênfase às relações com a América Latina, que, com as voltas que o mundo deu, perdeu relevância. Faz sentido enveredar por essa direção? Garanto que, se ajustes forem necessários, serão feitos. Mas se a política do passado seguir nos beneficiando, não hesitaremos em voltar a mecanismos que deram certo. O retorno à Celac (*reunião de países latino-americanos e caribenhos*), por exemplo, é acertado, já que funciona como um eficiente espaço para o debate de interesses comuns.

A ideia de uma moeda comum na região, lançada na recente viagem de Lula à Argentina, vai mesmo sair do plano do discurso? Primeiro, só para não haver confusão, o presidente nunca se referiu a uma moeda única, nos moldes do euro, mas a uma unidade comum para trocas internacionais, a começar pela Argentina. Isso pode agilizar o comércio bilateral. Agora, para sair do papel depende de muitas variáveis, não se cria algo assim de uma hora para outra. Afinal, os quatro países do Mercosul apresentam ritmos muito diferentes na economia.

Lula também citou a intenção de canalizar verbas do BNDES para investimentos no exterior. Como evitar que caiam na teia de corrupção que já enredou outros projetos do gênero? Combatendo, investigando, punindo. Acho

inacreditável como criticam investimentos brasileiros no exterior. Esse tipo de linha de financiamento existe justamente para ajudar negócios nacionais, passando por uma aprovação criteriosa. Um eventual aporte de dinheiro para o gasoduto argentino de Vaca Muerta, para ir até o Rio Grande do Sul, tem potencial para beneficiar uma relevante cadeia produtiva, gerando emprego e renda no Brasil, só para dar um exemplo.

Não é um problema Lula apoiar ditaduras como as de Cuba e da Venezuela, dizendo que temos de demonstrar "carinho" e "respeito" com países que atropelam os direitos humanos? Não podemos deixar de conversar com Caracas e Havana por seguirmos linhas político-ideológicas divergentes e nos limitar àqueles que compartilham nossas visões — exatamente o que o antigo governo fez. A Venezuela não só é um país vital por deter as maiores reservas de petróleo do mundo, como tem uma fronteira de 2 000 quilômetros com o Brasil, na delicada região da Amazônia. Precisamos considerar nossos interesses. Podemos fazer críticas, mas não vamos fechar embaixadas.

Por que o Mercosul não deslanchou até hoje? Não vejo assim. De 1991, quando foi criado, a 2011, seu auge, o volume de comércio entre os quatro países (*Uruguai, Paraguai, Brasil e Argentina*) passou de 4,5 bilhões de dólares a 48,9 bilhões de dólares. Na última década, houve oscilações em

razão de crises econômicas regionais e mundiais, mas assistimos a uma forte recuperação. As críticas ao Mercosul estão mais relacionadas ao desejo de alguns países de selar acordos-solo de livre-comércio.

E por que o acordo do Mercosul com a União Europeia está há anos empacado? Não sei por que ninguém fez nada desde 2019, quando foi assinado, sem ter sido ratificado. Estamos neste momento examinando o texto, e o presidente já deixou claro que é uma prioridade. Quer pôr um ponto-final na história até o fim deste semestre.

Lula disse que pretende revisar pontos do acordo. Isso não atravancaria ainda mais o processo? A preocupação

"Bolsonaro interferiu em assuntos internos de outros países, criou saias-justas e fez comentários grosseiros sobre seus líderes. Nunca tinha visto em minha carreira nada parecido"

do presidente é justa: garantir que pequenas e médias empresas consigam ter acesso ao mercado europeu de forma competitiva, daí a necessidade de ajustes. Se não fosse por isso, poderíamos assinar imediatamente.

Segue na pauta o ingresso do Brasil no Conselho de Segurança da ONU como membro permanente? O tema está na ordem do dia. Vamos manter, com esse objetivo, um firme trabalho junto aos membros permanentes e não permanentes do Conselho.

E a entrada na OCDE *(organização que reúne os países mais desenvolvidos)* é uma possibilidade? O convite para ser membro foi apresentado ao governo brasileiro e será estudado. Lula já demonstrou interesse.

No recente encontro com o chanceler alemão Olaf Scholz, Lula afirmou que "quando um não quer, dois não brigam", mantendo um discurso ambíguo sobre o conflito entre Ucrânia e Rússia. Não está na hora de um pronunciamento mais enfático? Na minha interpretação, o que ele quis dizer com essas palavras é que, quando dois estão em guerra, se um lado fizer um gesto e o outro seguir, isso pode abrir chance para a negociação. A propósito, o presidente já afirmou inúmeras vezes que condena a invasão russa e a guerra. Ao contrário do governo Bolsonaro, agora o Brasil saiu de cima do muro.

Por que então o Brasil negou o pedido da Alemanha para fornecer munição aos tanques na Ucrânia? O governo não quer dar armas para que as pessoas se matem, mas conversar sobre a paz. Aliás, se formos chamados para ajudar a mediar as negociações, estamos dispostos a participar.

Como avalia a política externa na gestão Bolsonaro? Prefiro não cutucar o passado, mas, tudo bem, falo um pouquinho aqui. Bolsonaro interferiu em assuntos internos de outros países, criou saias-justas e fez comentários grosseiros sobre seus líderes. Nunca tinha visto em todos os meus anos de carreira nada parecido.

Ataques à democracia, como o de 8 de janeiro, são um freio de mão à diplomacia brasileira? No dia do atentado, recebemos dezenas de ligações de chefes de Estado prestando solidariedade e se dizendo horrorizados com aquelas cenas. No final, acho que o episódio serviu para mostrar que temos uma democracia sólida, com instituições capazes de reagir de forma rápida e punir os culpados.

Haverá troca-troca de embaixadores e representantes do Brasil em instituições estrangeiras? Haverá trocas em postos-chave naqueles países onde o presidente tem relação pessoal com os chefes de Estado. Júlio Bitelli, próximo de Lula, foi escolhido como embaixador na Argentina, e nomes indicados por Bolsonaro na França, na Holanda e

na Itália serão substituídos. Foi ainda anulada a indicação da representação do Brasil junto à Organização Mundial do Comércio. Em quase todos os casos, os diplomatas estavam dentro do período de troca.

O senhor foi escalado na gestão Bolsonaro para assumir uma embaixada menos vistosa, na Croácia. Guarda ressentimento? Nenhum. Fui para a Croácia porque quis. Tinha a opção de voltar ao Brasil, mas preferi me manter em exercício. Não falava com o governo nem o governo comigo. A solidão desse tempo felizmente ficou no passado. ■

IMAGEM DA SEMANA

DE MÃOS DADAS COM A DOR

Há cenas indizíveis, registros indeléveis das grandes tragédias. O terremoto que devastou o sul da Turquia e o norte da Síria será para sempre lembrado pela figura heroica de **Mesut Hancer a segurar por horas a mão da filha, Irmak,** que morreu em sua cama, debaixo de lajes de concreto, na província turca de Kahramanmara,. Ela tinha 15 anos e sonhos. Houve comoção amplificada com o

RAMI AL SAYED/AFP

registro de um outro drama, em Afrin, na Síria. Moradores que vasculhavam escombros de um prédio descobriram uma menina recém-nascida chorando, com o cordão umbilical conectado à mãe, que deu à luz enquanto estava soterrada. Só a pequena sobreviveu. O número de mortos (11 000 até quarta-feira 8) pode chegar a 20 000. A Síria foi especialmente abalada devido às estruturas já danificadas por doze anos de guerra civil. A Turquia, de seu lado, está em uma das áreas mais vulneráveis a abalos sísmicos do planeta. Três dias depois dos impactos, serviços de emergência travavam uma corrida contra o tempo para resgatar vítimas, acossados pelo frio inclemente de um inverno especialmente rigoroso, com temperatura média de 2 graus negativos. Em meio ao sofrimento, contudo, houve milagres. Uma família inteira foi retirada dos restos de sua casa na província síria de Idlib, na terça-feira 7. Uma salva de palmas de uma multidão atônica comemorou o resgate de um casal de pais, duas meninas e um menino, levados de ambulância ao hospital. Passam bem — e continuam a sonhar com o futuro subtraído de muitos outros. ■

Amanda Péchy

RICARDO STUCKERT/PR

ABAIXO O PRECONCEITO Anielle: "Quero dialogar com quem pensa diferente"

"ESTAMOS SEMPRE JUNTAS"

A ministra da Igualdade Racial fala do simbolismo de ser irmã da ex-vereadora Marielle Franco e do fato de ter como colega de governo uma deputada acusada de ligação com milicianos do Rio

Como enfrenta as críticas de quem atribui sua nomeação para o governo unicamente ao simbolismo do caso Marielle? Muita gente me atacou quando fui nomeada ministra dizendo que eu era só irmã da Marielle. Nos últimos cinco anos, fizemos campanha para eleger mulheres negras e pautamos discussões sobre violência política no mundo todo. Isso é o fortalecimento da minha própria história. Para além de ser irmã, carregá-la comigo e ter orgulho disso está na minha essência. Estamos uma ao lado da outra. Estamos sempre juntas.

A senhora já criticou o que seria a banalização da imagem de Marielle pelo país. Por quê? É importante que todas e todos saibam quem era Marielle, mas também que conheçam quais pautas e práticas políticas que ela defendia para que não se torne apenas uma imagem vazia. Ela é um símbolo legítimo que expressa coletivismo, e muitas pessoas ecoam o seu nome, mas precisamos fazer isso com responsabilidade.

A viúva do ex-capitão da PM Adriano da Nóbrega disse em sua proposta de delação premiada que quem mandou matar Marielle foram chefes milicianos. Como é ter entre os ministros do novo governo uma colega acusada de ter relação com milícias? Não cabe a mim julgar nada ou nenhum histórico que a ministra Daniela Carneiro *(ministra do Turismo)* possa ter tido ou não. Fomos nomeadas pelo presidente Lula e respeito todo e qualquer posicio-

namento dele quanto a isso. Quem nomeia não sou eu. Não cabe a mim julgar.

Qual é seu principal desafio como ministra da Igualdade Racial em um país historicamente conhecido pela desigualdade? Tem racismo no futebol, em evento religioso, racismo recreativo, em marchinhas de Carnaval. Para muitas pessoas, a irmã da Marielle é abortista, é de esquerda, é maconheira. Nosso intuito é a responsabilização sobre uma série de comportamentos racistas que estão presentes em toda a sociedade. Racismo é crime. Não existe outra expressão a ser usada.

Quando foi a primeira vez que se sentiu vítima do racismo? É difícil dizer ao certo a primeira vez que o racismo atravessa a nossa vida. Lembro de, pequenininha, o ônibus não parar para a gente, lembro dos olhares para o meu cabelo e para minha roupa. Veja que 58 milhões de pessoas votaram em Jair Bolsonaro, uma pessoa que falou tantas coisas grotescas sobre a população negra, LGBTQIAPN+. Parte dessas pessoas não quer dialogar, e sim desrespeitar. Sei que não vai ser fácil, mas quero dialogar com quem pensa diferente. ■

Leonardo Caldas

O MECENAS DELICADO

LUIZ PAULO MACHADO

ECLÉTICO Magalhães Lins, do Banco Nacional: apoio ao cinema novo, a João Goulart, Roberto Marinho e Samuel Wainer

Há um modo de entender as contradições do Brasil durante a ditadura militar, entre 1964 e 1985: pelos olhos do banqueiro **José Luiz de Magalhães Lins.** No comando do poderoso Banco Nacional, hoje extinto, ele articulou — e deu dinheiro — para a campanha do plebiscito que, em

1963, devolveria a João Goulart a Presidência, derrotando o parlamentarismo que os quartéis impunham como condição para aceitá-lo no Planalto. Em 1964, ele seria chamado a conversar com o tio, o governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto, conspirador civil de primeira hora, para convencê-lo a interromper a caravana de tanques que seguiam para o Rio de Janeiro — contudo, as tropas mineiras tomaram o caminho da estrada e Goulart terminaria deposto. Em meio ao mundo político, entre deputados, senadores e generais, Magalhães Lins tinha uma faceta fascinante — como se fosse dois.

Próximo ao mundo artístico, ele foi o principal apoiador do cinema novo. Entre 1961 e 1966 pagou as contas de clássicos como *Vidas Secas*, de Nelson Pereira dos Santos, *Os Fuzis*, de Ruy Guerra, e *O Padre e a Moça*, de Joaquim Pedro de Andrade. Sempre que estava no vermelho, e isso era quase sempre, Glauber Rocha pedia ajuda ao amigo. "Era o amigo certo das promissórias incertas", na definição do escritor Otto Lara Resende. Magalhães Lins não era um homem de esquerda — mas sabia o lado correto para estar. Quando a repressão quis alcançar os diretores de cinema, levando-os à cadeia, ele fez cara feia. "Isso aí eu queria que você não mexesse, deixa por minha conta", disse a um coronel que trabalhava com o governo. "Tem que dar lugar para desaguar um pouco as mágoas."

Avesso a ideologias, gentil e bom de conversa, ele era capaz de dar as mãos simultaneamente a inimigos íntimos —

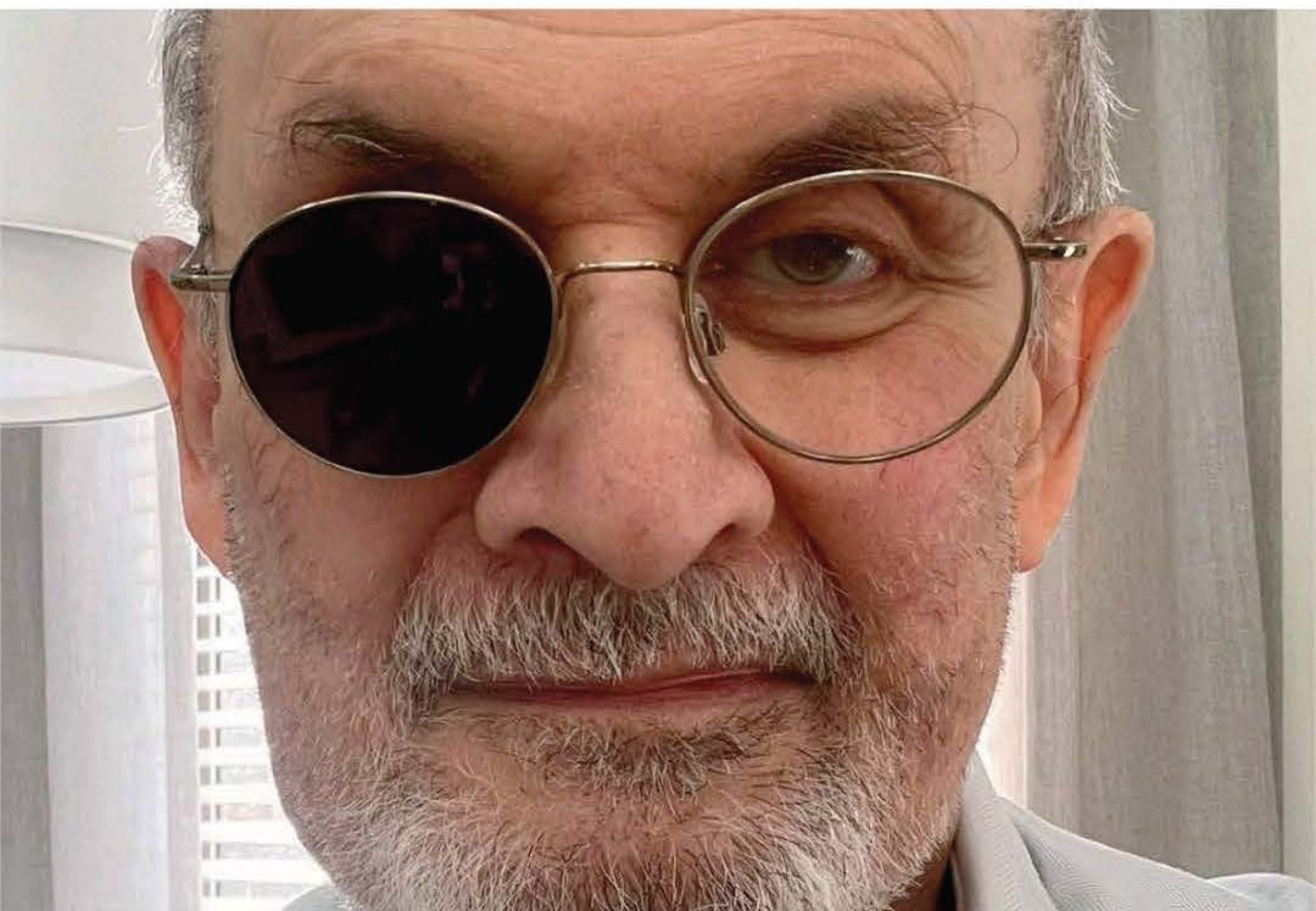
salvou a *Última Hora* de Samuel Wainer da bancarrota e avalizou uma dívida de milhões de dólares de Roberto Marinho com o grupo americano *Time-Life*, nos primórdios da TV Globo —aliás, o *Jornal Nacional* tem o nome que tem porque, nos primeiros anos, foi patrocinado pelo banco mineiro dirigido por Magalhães Lins. Ele fez valer, ao longo da vida, uma frase do cronista Antônio Maria, escrita nos anos 1960, e que só não faliu porque bebeu da generosidade do banqueiro: "Ele é muito sério, sem ser triste. Muito equilibrado, sem ser velho". Para o economista Armínio Fraga, sócio-fundador da Gávea Investimentos, ele tinha a "raríssima capacidade de identificar o que era realmente relevante em situações frequentemente muito complexas". O jornalista Ruy Castro descobriu, nas pesquisas para o livro *Estrela Solitária*, que Magalhães Lins havia socorrido Garrincha inúmeras vezes — aconselhando o ingênuo craque a tirar dinheiro debaixo do colchão para pô-lo numa conta bancaria (que seria fatalmente zerada). O mecenas delicado morreu em 3 de fevereiro, aos 93 anos, no Rio de Janeiro. ■

FERNANDO SCHÜLER

O BRILHO E A ESCURIDÃO

SALMAN RUSHDIE está de volta. Ele reapareceu, depois de longa recuperação, com algumas cicatrizes e um tapa-olho cobrindo a lente dos óculos. Durante um longo tempo, Rushdie foi um homem marcado para morrer. Depois de lançar seus *Versos Satânicos*, em 1988, recebeu a *fatwa*, a condenação do aiatolá Khomeini. No início viveu recluso. "Nos primeiros meses nos mudávamos a cada três dias", conta, "e logo me vi sozinho, vivendo em uma casa cercada por policiais". Com o tempo, foi relaxando. Mudou-se para Nova York, em 2000, e decidiu que "tinha uma vida para viver", e não o faria sob a lógica do terror. Tive a rara chance de conhecê-lo, no Brasil, em 2014, e guardo a memória de um homem espirituoso e modesto, em sua fala, dizendo que, "se o mundo por vezes busca nos estreitar, a literatura nos lembra que somos amplos". Mas seu destino estava marcado. Três décadas se passaram, até que o longo braço do fanatismo o pegou. Em agosto de 2022, foi esfaqueado quando se preparava para falar em uma escola próxima a Nova York. Foram quinze facadas, que lhe fizeram perder o movimento de uma mão e o olho direito. Sua volta é

uma redenção. A vitória do "espírito humano", na frase de Winston Smith, o herói de Orwell, em *1984*, a seu torturador, quando estava por um fio. Rushdie também esteve por um fio, e só consigo pensar nele como um herói de verdade, em nossa tradição iluminista.

Ainda que assustador, a história de Rushdie pode, estranhamente, nos tranquilizar. Em primeiro lugar pela reação do mundo intelectual. Quando um ato trágico e desumano acontece, aprendemos alguma coisa. Enxergamos uma face da barbárie, e com isso abrimos caminho à frente. Há algo também tranquilizador por um motivo duvidoso: a agressão que ele sofreu veio de uma "outra cultura". Do universo sombrio do fundamentalismo religioso, de modo que podemos dizer: por aqui, dois séculos depois de Voltaire, somos diferentes. Superamos o fanatismo, venha ele de onde vier. E é aí que as coisas começam a embaralhar. Por óbvio não condenamos ninguém mais à morte, por divergência política ou religiosa, fora em um ou outro tuíte ou artigo de jornal, mas andamos longe de um mundo pautado pela tolerância. Ainda agora, a Fundação para os Direitos Individuais na Educação fez uma ampla pesquisa, nos EUA, perguntado se os cidadãos acham que a democracia está ameaçada "por que as pessoas estão com medo de expressar as suas opiniões". Resultado: 58% dos entrevistados concordaram, parcial ou integralmente. Os números são frios. O interessante mesmo são as histórias. A Fundação identifica casos de professores censurados em universidades por tratarem de temas contro-

MARCAS NA PELE Salman Rushdie, de volta: vitória do espírito humano

versos. Foram 591 episódios documentados nos últimos sete anos. Um professor é punido por questionar cirurgias transgênero em adolescentes; outro por criticar uma política de cotas e convidar Charles Murray para uma palestra; ainda outros por alguma frase "polêmica" sobre Israel, Maomé, armas, 11 de Setembro, Black Lives Matter. No conjunto, uma incrível mistura de intolerância, mal-entendidos e prepotência. Uma vergonha, para ser direito, em um universo — a universidade — que deveria ser espaço de diálogo e liberdade.

TWITTER @SALMANRUSHDIE

“Ficou fácil mobilizar hordas digitais para causar danos a alguém”

Uma vergonha e um alerta. No Brasil, parece evidente que também vivemos uma época de intolerância, e é possível que o *shilling effect*, ou o “efeito medo” já funcione antes de muita gente dizer alguma coisa fora do padrão. Há uma sociedade polarizada e ficou fácil mobilizar uma pequena horda digital para causar dano a alguém e pressionar instituições, seja uma rádio, seja uma empresa. Por vezes, a coisa não dá certo. Nesta semana li a cartinha de um grupo de alunos do diretório estudantil da Faculdade de Direito da USP tentando banir Janaina Paschoal no retorno à sua atividade como professora. Os argumentos são conhecidos: ela se aliou ao lado “errado” da política, não assinou a carta que deveria ter assinado, curiosamente em “defesa da democracia”. Talvez por isso o caso tenha ganhado notoriedade. De um lado, a defesa da democracia; de outro, a negação do pluralismo. Apoiadores do lado político que fez 49% dos votos nas eleições devem ser banidos de uma universidade pública. Fosse isso levado à sério, o Brasil voltaria ao século XVIII, quando luteranos não podiam dar aulas em universidades francesas, e católicos em universidades na Inglaterra. Sempre me impressiona a repetição de erros

velhos. A boa notícia é o sentido didático disso tudo. Ele veio pela mão do professor Floriano Marques, com uma resposta simples aos donos da verdade: "Discordo da quase totalidade de suas opiniões", referindo-se à professora Janaina, "o que não me impede de respeitar seus pontos de vista".

As palavras do professor me fizeram lembrar de um grande advogado inglês, Thomas Erskine, que fez a histórica defesa de Thomas Paine, em 1792, acusado de sedição pela Coroa. Paine havia sido um dos heróis da independência americana, era um republicano e crítico feroz do sistema aristocrático inglês. E havia deixado isso claro com a publicação de *Os Direitos do Homem*. Criticado por assumir a defesa de Paine, a primeira coisa que Erskine faz é uma vigorosa defesa da advocacia. "O mais precioso bem de um inglês é ter a prerrogativa de um julgamento imparcial", diz. Ele sutilmente desloca a questão: seu ponto não era defender as posições de Paine, mas mostrar que, por mais que ofendessem as visões do governo e dos próprios jurados, não eram crimes reconhecidos pela lei inglesa. Era preciso distinguir forma e conteúdo. As ideias de Paine poderiam ser hostis à Constituição, mas seu direito de as expressar estava protegido por essa mesma Constituição. Erskine perdeu o caso, mas a história lhe deu razão. Seu argumento traduz a mesma tradição iluminista simbolizada naquele rosto marcado de Rushdie. Tradição que reflete o melhor de nossa herança cultural e que pode nos fazer recuar quando alguém propuser expulsar uma professora com ideias divergentes.

Ainda guardo na memória as palavras de Rushdie, naquela noite em São Paulo, dizendo que era um erro reduzir as pessoas a um credo político, identidade ou religião. Que somos mais complicados que isso, e que no fim do dia temos mais em comum com os outros do que imaginamos, e que a literatura é um bom caminho para compreendermos essas coisas. “Vivi para ver a ascensão e queda de um império”, diz Pampa Kampana, personagem fantástico de seu último livro, “e tudo que resta agora é esta cidade de palavras”. É esse o sentido. Um apelo à humildade intelectual. O reconhecimento de que nossos juízos por vezes falham, miseravelmente, o que frequentemente parecemos esquecer. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

RAYSSA LEAL

A "Fadinha do Skate", que tem apenas 15 anos, brilhou novamente no circuito internacional ao vencer o mundial de street disputado nos Emirados Árabes.

CARNAVAL CARIOCA

Após dois anos de restrições provocadas pela Covid, a festa voltou com força total. Há previsão de quebras de recordes de ocupação no Sambódromo e do movimento turístico.

HARRY POTTER

Com mais de 600 milhões de cópias vendidas, a saga do jovem bruxo tornou-se a série literária mais vendida da história.

DESCE

FLAMENGO

Ao perder para os árabes do Al-Hilal na semifinal do Mundial de Clubes da Fifa, o time engrossou a lista de vexames sul-americanos na competição nos últimos anos.

JOÃO DE DEUS

O ex-médium foi condenado a mais 48 anos de prisão por crimes sexuais. As penas somadas chegam agora a 271 anos de detenção.

BONINHO

O diretor da Globo não consegue manter o fôlego de outras edições do *BBB* e a 23ª temporada amarga a pior audiência da história.

“Que dia incrível. Ouvir nosso hino no lugar mais alto do pódio foi incrível.”

RAYSSA LEAL, ao celebrar o título mundial de skate na modalidade street

ALI HAIDER/EPA/EFE

“A direita precisa amadurecer e muito. Afastar-se dos que possuem comportamentos e ideias tabajaras. Sair do mundo virtual e de *likes.* Começar a agregar pessoas, ouvir ideias, raciocinar. A ‘mitada’ de hoje é a derrota de amanhã.”

FABIO WAJNGARTEN, ex-secretário de Comunicação Social da Presidência da República no governo Bolsonaro, em suas redes sociais. A expressão “tabajara”, tirada de um esquete do extinto humorístico *Casseta & Planeta,* é usada para definir uma coisa malfeita. Foi utilizada pelo ministro Alexandre de Moraes, do STF, para classificar a operação bolsonarista para tentar grampeá-lo, revelada a VEJA pelo senador Marcos do Val (Podemos-ES)

“Tem coisas que não podem ser reparadas.”

MARINA SILVA, ministra do Meio Ambiente, em torno das atrocidades cometidas contra os ianomâmis durante o governo de Jair Bolsonaro

“A prefeitura vem a público lamentar o uso do diminutivo de bloco (...) em claro desacordo com as tradições cariocas. O funcionário ficará de plantão no carnaval pra aprender.”

SITE OFICIAL DA PREFEITURA CARIOCA, ao deixar claro que o modo correto de se referir aos bloquinhos (termo utilizado em São Paulo) é bloco

“Que chova canivetes, todos os dias. Lamentável ter de conviver com a sujeira e a baderna sem ter tido a opção de escolha.”

DE UMA MORADORA DO BAIRRO DE PINHEIROS, EM SÃO PAULO, ao reclamar dos blocos – ops, dos bloquinhos

“A reforma tributária nunca esteve tão madura.”

SIMONE TEBET, ministra do Planejamento e Orçamento

“Fora da política minha qualidade de vida melhorou.”

JOÃO DORIA, ex-governador de São Paulo, responsável pelo respeitado Lide (Grupo de Líderes Empresariais)

“Não vim ao Brasil fazer amigos.”

ABEL FERREIRA, o treinador português do Palmeiras, que não passa um jogo sem desfilar diatribes à margem do gramado

“Não vou matar Zelensky.”
VLADIMIR PUTIN, em conversa com o ex-premiê de Israel Naftali Bennett revelada na semana passada

“A depressão não é tudo o que sou.”
RUPI KAUR, poeta indiana, best-seller global, em entrevista a VEJA

“Só escrevo mais lentamente. Já estive melhor, mas, levando em conta o que aconteceu, não estou assim tão mal.”
SALMAN RUSHDIE, escritor britânico de origem indiana, que foi esfaqueado em agosto do ano passado. Em 1989 ele fora “condenado à morte” pela *fatwa* do radicalismo no Irã *(leia o artigo de Fernando Schüler)*

“Oposição, fiquem tranquilos *(sic)*. Eu não tenho nenhuma intenção de vir candidata a nenhum cargo eletivo.”
MICHELLE BOLSONARO, ex-primeira-dama, em suas redes sociais

“Minha mãe sempre foi a pessoa mais corajosa que eu conheço.”
MARIA E LAURA, filhas adotivas de Glória Maria, ao lerem um pequeno texto sobre a jornalista, que morreu na semana passada em decorrência de câncer no cérebro

“Minha vida não caía na monotonia. Uma hora estava com uma roupa até abaixo do joelho porque ia entrevistar políticos em Brasília, depois estava de biquíni saltando de paraquedas. Era bem molecona.”

SABRINA SATO, de volta à TV Globo em *The Masked Singer Brasil*, ao comentar o início de carreira no *Pânico na TV*

INSTAGRAM @SABRINASATO

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia,
Lucas Vettorazzo e Ramiro Brites

Em nome do chefe

Recentemente, **Paulo Okamotto,** hoje um influente operador do governo, procurou Carlos Melles, presidente do Sebrae, para uma conversa sem meias-palavras sobre quem manda no órgão. Em novembro, Melles foi reeleito. Por lei, tem mandato até 2026, mas Okamotto, cumprindo ordens de Lula, quer tirá-lo à força.

A turma do cabide

Na virada do governo, Lula prometeu lotear o Sebrae — que tem salários de

MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

MEU REINO Paulo Okamotto: ele articula a queda da atual diretoria do Sebrae

até 60 000 reais e orçamento de 4,5 bilhões de reais — entre petistas de São Paulo.

"Quer minha cabeça?"

Há algumas semanas, Okamotto chamou Melles para uma conversa no hotel de Lula em Brasília e ordenou a renúncia. "Okamotto, você quer minha cabeça?", disse Melles, incrédulo. "Ou você sai ou vamos te tirar", devolveu.

Pode tentar a sorte

Eleito por força de lei e reconhecido pela gestão técnica, Melles só deixa o cargo se onze de quinze conselheiros — que o reelegeram em novembro por unanimidade — se curvarem a Okamotto. Melles não recuou: "Não vou renunciar. Pode tentar me tirar".

Exército em marcha

Depois dessa conversa, Okamotto e o próprio Lula entraram em contato com Robson Andrade, da CNI, e outros dirigentes do Sistema S pedindo a queda da diretoria técnica do Sebrae.

Não dá, paciência

Ministro da Indústria, até Geraldo Alckmin atuou para evitar a reeleição de Melles. A investida do vice, no fim do ano, porém, foi menos espalhafatosa: "Meu papel é pedir a você para adiar a eleição. O seu é dizer que não pode por força de lei. Fizemos nosso trabalho".

Agente duplo

Na quarta, Marcos do Val acionou um emissário de Jair Bolsonaro para dizer que tinha provas contra Alexandre de Moraes: "Consegui atingir

o Alexandre. Ele cometeu um crime". Ninguém levou a sério. "É maluco", diz a fonte.

Blindagem tabajara

Do Val chorou diante de colegas no Senado, nesta semana, pedindo proteção da Casa para não ser preso. Ele disse que seus documentos sobre crimes de Moraes "blindam Bolsonaro".

Eu tô voltando

Sempre imprevisível, Bolsonaro confirmou a um aliado: "Se tudo correr como o planejado, volto ao Brasil na primeira semana de março".

Universo paralelo

Nesta temporada nos Estados Unidos, Bolsonaro tornou-se ainda mais recluso e alheio à realidade dos fatos em Brasília. Os aliados (inclusive os generais de pijama) sumiram.

FELLIPE SAMPAIO /SCO/STF

CONSELHO Lewandowski: o ministro falou com Lula sobre sucessor no STF

Foi no 0800

A respeito do pente-fino do governo nos seus gastos na Presidência, Michelle Bolsonaro garante: todos os custos da cirurgia de silicone foram pagos pelo médico Regis Ramos.

Coragem e caráter

A caminho da aposentadoria, **Ricardo Lewandowski** conversou com Lula sobre seu sucessor no STF.

Indicou o assessor Manoel Carlos, mas, em última instância, pediu que o presidente escolhesse um nome com duas características: "Pedi que o indicado tenha coragem e caráter para lidar com pressões do cargo e fazer o que é certo".

Falta de classe

Nomeado por Bolsonaro para a Comissão de Ética da Presidência, o ex-ministro Célio Faria foi dispensado por um decreto de Lula, apesar de ter mandato até 2025. Ele diz que teria renunciado se o governo tivesse pedido.

Conselheiros do caos

O sonho de Aloizio Mercadante e de Gleisi Hoffmann é ver André Lara Resende no Banco Central. São eles que envenenam Lula contra Roberto Campos Neto dia e noite.

Fogo amigo

Chefe do BNDES, Mercadante — não é segredo — adoraria estar no lugar de Haddad na Fazenda.

Falta de sintonia

Lula, aliás, mina a credibilidade de Fernando Haddad sempre que abre a boca. "O ministro promete estabilidade pela manhã e Lula entrega o caos à tarde contra o BC. Muito ruim", diz um grande empresário paulista.

Chega de nós e eles

No Lide Brazil Conference, de João Doria, em Lisboa, Michel Temer foi muito questionado por empresários sobre as consequências dos ataques de

Lula ao BC — e respondia focando na solução: "Precisamos de paz".

Mera coincidência

A São Francisco Utensílios, dona da marca "Xandão", diz que sua linha de prendedores de varal não faz trocadilho com o ministro do STF. O "prendedor Xandão" existe desde 2010.

Questão de prioridade

Para dar espaço a sindicalistas, a chefe da Caixa, Rita Serrano, vai recriar a Vice-Presidência de Pessoas e acabar com a VP de Sustentabilidade.

Cabeças vão rolar

A Caixa deve degolar mais uma leva de executivos na próxima semana. Pelo menos quatro serão demitidos.

Velhos conhecidos

A Diretoria de Benefícios do INSS, a principal do órgão, deve ficar com André Fidelis, um dos envolvidos na aloprada operação que permitiu a Dilma Rousseff furar a fila da aposentadoria, em 2016, após o impeachment.

Força nos trilhos

Governador do Paraná, Ratinho Junior vai investir 592 milhões de reais num novo terminal ferroviário de carga no Porto de Paranaguá.

Os forasteiros

Ao lotar o governo de "bolsonaristas de Brasília", Tarcísio de Freitas tem feito importantes desafetos em São Paulo.

Mesa farta

A Rede Coco Bambu prevê abrir neste ano dez novos res-

INSTAGRAM @LIVIAANDRADEREAL

CALOTE Lívia: a modelo é alvo de ação por dívida de 60 000 reais em São Paulo

taurantes no Brasil. Está otimista com o governo Lula.

Procura-se

A modelo e apresentadora **Lívia Andrade** é alvo de uma ação judicial movida pela administradora de um condomínio de casas em Mairiporã (SP). A empresa diz que a musa deu um calote nas taxas do lugar, hoje estimado em 60 000 reais. A Justiça já tentou notificar Lívia várias vezes, sem sucesso. ■

O CERCO SE FECHA

Um mês depois de deixar o governo, Jair Bolsonaro é alvo de múltiplas investigações que podem resultar na cassação de seus direitos políticos

DANIEL PEREIRA E LARYSSA BORGES

INELEGIBILIDADE
Bolsonaro: se depender do desejo de Lula e do governo, o ex-presidente será preso

JOE RAEDLE/GETTY IMAGES/AFP

Apesar de prometer na campanha pacificar o país e não fazer do revanchismo uma marca de sua gestão, o presidente Lula está deixando claro que tem contas a acertar com adversários — antigos e novos, reais ou convenientemente fabricados. Uma de suas prioridades é garantir a punição a militares que contribuíram direta ou indiretamente para o ataque de radicais bolsonaristas ao Palácio do Planalto, ao Congresso Nacional e ao Supremo Tribunal Federal (STF). Outra, anunciada de forma surpreendente nos últimos dias, é atacar o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, numa tentativa de transformá-lo em bode expiatório e responsabilizá-lo injustamente pelas dificuldades econômicas do país, algumas das quais agravadas por declarações do próprio presidente *(leia a matéria na pág. 42).* A maior obsessão de Lula, no entanto, tem nome e sobrenome conhecidos. O petista quer que Jair Bolsonaro passe pelas mesmas agruras que ele enfrentou: inelegibilidade e prisão. Em retiro voluntário nos Estados Unidos, o capitão já disse mais de uma vez que teme ser preso, mas a principal ameaça a ele, por enquanto, é a cassação de seus direitos políticos.

A guerra entre o atual e o antigo mandatário está apenas começando. A estratégia de Lula é convencer a Justiça de que Bolsonaro foi o mentor de uma tentativa permanente de golpe, estimulada por uma poderosa máquina de disseminação de *fake news,* ensaiada no feriado de 7 de Setembro de 2021 e consumada com a invasão e depredação

da sede dos Três Poderes, em Brasília, no último dia 8 de janeiro. Ciente dos riscos que corre, Bolsonaro alega que nunca saiu das "quatro linhas da Constituição", que não flertou com uma intervenção militar e que não há provas de seu envolvimento em ações golpistas. Parte dessa argumentação está em xeque desde que VEJA revelou que o ex-presidente se reuniu com o ex-deputado Daniel Silveira (sem partido) e o senador Marcos do Val (Podemos-ES), em dezembro passado, para debater um plano destinado a anular o resultado das eleições, impedir a posse de Lula e garantir a permanência de Bolsonaro no poder. A ideia era que o senador, convidado para o encontro no Palácio da Alvorada, gravasse o ministro do STF Alexandre de Moraes, presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), e conseguisse uma declaração dele que pudesse ser usada para questionar a sua imparcialidade na condução do processo eleitoral e até mesmo pedir a sua prisão.

A VEJA, o senador declarou que Bolsonaro e Daniel Silveira disseram, ao encomendar a missão, que ele podia "salvar" o Brasil. Diante da repercussão do caso, Marcos do Val foi procurado pelo senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), o filho mais velho do ex-presidente, e em seguida passou a dar entrevistas nas quais afirmou que o capitão apenas ouviu o plano, que teria sido detalhado por Silveira. Uma mensagem inédita mostra que esta segunda versão do senador não se sustenta. Em 12 de dezembro, três dias após a reunião no Palácio da Alvorada, Marcos do Val escreveu a Alexandre

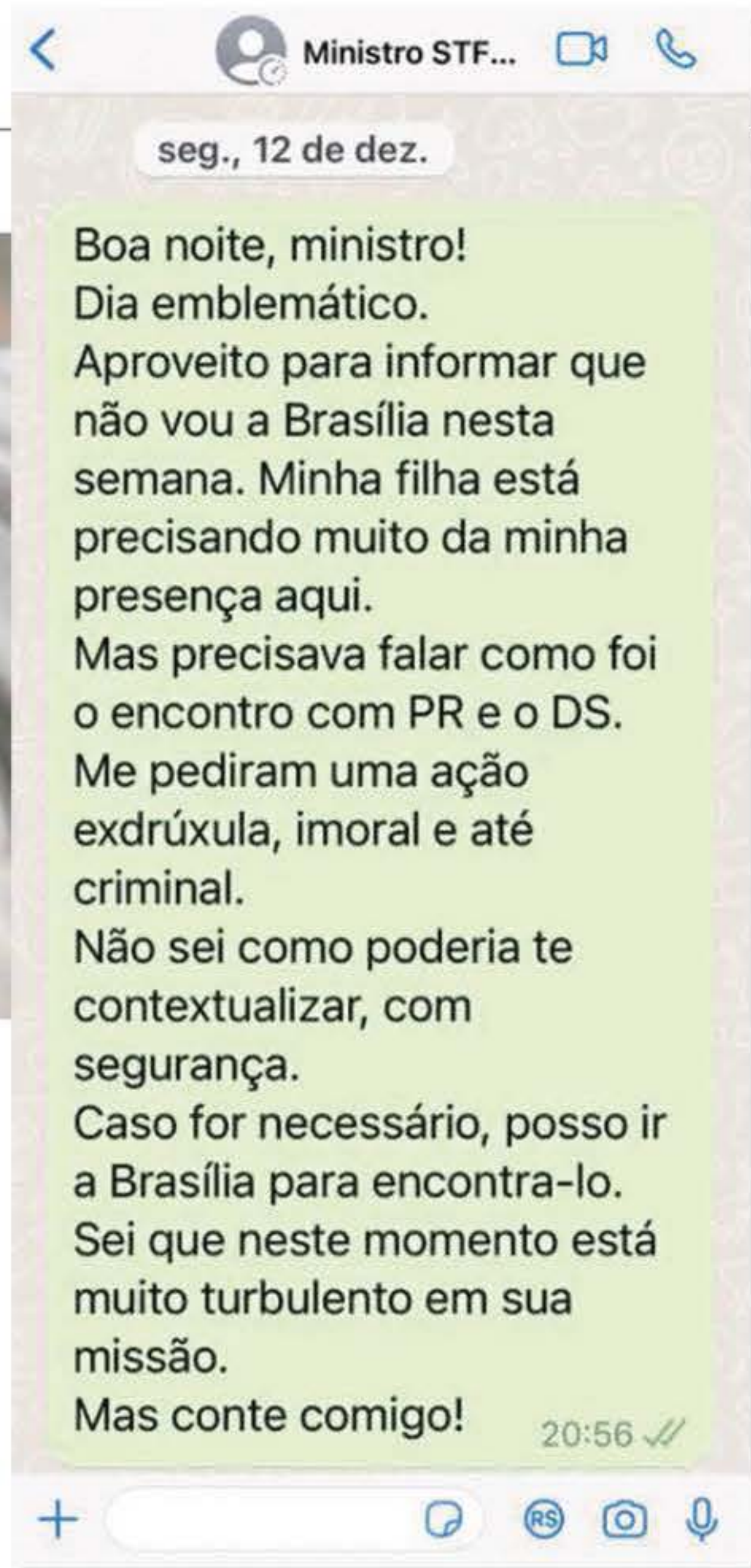
MATEUS BONOMI/ANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

ALVO Moraes: revelada por VEJA, proposta "esdrúxula e imoral" para gravar o ministro complicou ainda mais a situação de Bolsonaro na Justiça

Ministro STF...

seg., 12 de dez.

Boa noite, ministro!
Dia emblemático.
Aproveito para informar que não vou a Brasília nesta semana. Minha filha está precisando muito da minha presença aqui.
Mas precisava falar como foi o encontro com PR e o DS.
Me pediram uma ação exdrúxula, imoral e até criminal.
Não sei como poderia te contextualizar, com segurança.
Caso for necessário, posso ir a Brasília para encontra-lo.
Sei que neste momento está muito turbulento em sua missão.
Mas conte comigo! 20:56

de Moraes para dizer que precisava falar com o ministro sobre o encontro com o "PR" e o "DS". E emendou, de forma cristalina, usando o plural: "Me pediram uma ação esdrúxula, imoral e até criminal. Não sei como poderia te contextualizar com segurança" *(veja a mensagem).* Tachada de "operação tabajara" por Alexandre de Moraes, a conspiração urdida no Palácio da Alvorada deve encorpar uma das dezesseis ações que, por razões diversas, pedem a cassação dos direitos políticos de Bolsonaro por oito anos. Ações desse tipo contra presidentes da República costumam dar em nada, mas, no caso do capitão, há

disposição de integrantes do Poder Judiciário de levar os processos adiante e, mais importante, punir o ex-presidente.

Um indicativo disso é a decisão do corregedor da Justiça Eleitoral, ministro Benedito Gonçalves, de simplificar a coleta de provas. Ele determinou que não será mais necessário ao TSE se manifestar antecipadamente sobre a validade de cada documento novo incluído nas investigações que miram a inelegibilidade de Bolsonaro. Isso permite, por exemplo, que o plano detalhado por Marcos do Val possa ser incorporado aos processos sem uma análise prévia de admissibilidade. Tudo em nome da celeridade. "A infeliz constatação é que, embora seja de rigor afirmar que a diplomação encerra o processo eleitoral, um clima de articulação golpista ainda ronda as eleições de 2022. Assistimos a atos de terrorismo que atingiram seu ápice nos ataques à sede dos Três Poderes da República em 08/01/2023", diz Benedito Gonçalves em despacho assinado na terça-feira 7. "Somam-se o plano para espionar e gravar sem autorização conversa do presidente do TSE, a ocultação de relatórios públicos que atestavam a lisura das eleições e o patrocínio partidário de 'auditoria paralela' e de outras aventuras processuais levianas, tudo para manter uma base social em permanente estado de antagonismo com a Justiça Eleitoral, sem qualquer razão plausível", acrescenta o corregedor.

Até o ano passado, a hipótese de Bolsonaro ficar inelegível era considerada improvável, mas ela passou a ser cogitada no Supremo e no TSE depois de apoiadores do ex-presi-

MARCOS OLIVEIRA/AGÊNCIA SENADO

TESTEMUNHA Marcos do Val: o aliado que envolveu o ex-presidente na trama

dente protagonizarem atos de vandalismo no dia da diplomação de Lula, em 12 de dezembro, e ganhou tração após a quebradeira na Praça dos Três Poderes, no início de janeiro. Ministros e ex-ministros do TSE consideram emblemático o caso de Bolsonaro e alegam que, se o tribunal não punir o ex-presidente, endossará a ação dos radicais que atentaram contra a democracia e recorreram ao vandalismo para contestar a legitimidade das eleições. O ponto-chave na discussão jurídica é colocar o capitão na cena do crime, como mentor — ou mandante — de ações golpistas, exatamente o que Lula mais deseja. O TSE parece empenhado em passar a história a limpo. Há quem fale em decisão sobre o futuro político de Bolsonaro ainda neste ano. O tribunal entrou na fase final de instrução da primeira das ações de inelegibili-

dade, na qual o ex-presidente é acusado de abuso de poder por ter convocado embaixadores em julho passado para expor supostas fragilidades do sistema eleitoral brasileiro.

Já foi incluída no processo a minuta golpista encontrada na casa de Anderson Torres. A trama narrada por Marcos do Val deve ter o mesmo destino. Na quarta-feira 8, o TSE ouviu as duas únicas testemunhas de defesa do caso. Entre elas, o ex-ministro da Casa Civil Ciro Nogueira. "Bolsonaro estava tentando se aproveitar do poder político para ganhar as eleições e manchar as instituições democráticas com a decretação de um Estado de Defesa. O TSE já pode proferir essa sentença ainda em março, se quiser", disse a VEJA o advogado Walber Agra, que assina em nome do PDT a ação que pede a inelegibilidade do ex-presidente. Partido de Bolsonaro, o PL contratou cinco advogados para lidar com as acusações contra o seu filiado mais ilustre. Mandachuva da sigla, Valdemar Costa Neto considera a batalha judicial justamente o primeiro desafio a ser enfrentado pelo capitão ao voltar dos Estados Unidos. Hábil negociador nos bastidores, Valdemar está tentando um armistício com Alexandre de Moraes, desafeto público número 1 de Bolsonaro. A corte ao ministro faz todo o sentido.

Acusado por Bolsonaro de tentar inviabilizar o seu governo e de trabalhar pela eleição de Lula, Moraes também é responsável por inquéritos no Supremo que tratam do ataque às instituições à cadeia de comando dos atos golpistas de 8 de janeiro, ou seja: ele tem poder de sobra para, pelo

TON MOLINA/AFP

POR TRÁS Invasão do STF: a questão é entender quem incentivou os ataques

menos, constranger o ex-presidente. "Farão de tudo para prender Bolsonaro e seus filhos. A família tem medo sim da prisão", diz um dos aliados mais próximos do ex-presidente. Na última quarta-feira, quando completou um mês da invasão e depredação da sede dos Três Poderes, Lula publicou um vídeo para condenar ações terroristas e deixar clara sua disposição com relação aos radicais: "Todas essas pessoas que fizeram isso serão encontradas e serão punidas". O presidente quer punição ampla, geral, irrestrita — para todos, mas principalmente para Bolsonaro. Na cabeça do presidente, a desforra tem de ser na mesma moeda: cassação dos direitos políticos e cadeia. ■

OS BONS COMPANHEIROS

À frente de um país dividido e com base frágil no Congresso, Lula tenta ampliar apoio acenando aos governadores, incluindo na lista alguns rivais eleitorais **LAÍSA DALL'AGNOL** E **DIOGO MAGRI**

AFAGOS Cláudio Castro e Lula, em evento no Rio: sorrisos, conversas ao pé do ouvido e promessa de trabalharem juntos

MAURO PIMENTEL/AFP

NA VIRADA do século XIX para o XX, a recém-proclamada República vivia uma transição dos militares, que governaram o país nos primeiros anos, para os civis, cujo primeiro representante seria Prudente de Moraes. Coube ao seu sucessor, Campos Salles, a missão de institucionalizar a relação entre o governo federal e os poderes locais, em um país de dimensões continentais e porções do território geridas de forma autônoma por aristocratas regionais, no sistema que ficou conhecido como coronelismo. Salles criou, então, a "política dos governadores", em que o presidente apoiava os chefes estaduais em troca de apoio à sua gestão. Mais de 100 anos depois, em que pesem as ressalvas (o Estado é incomparavelmente mais amplo e forte e existe pluralidade partidária), o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tenta atualizar a forma de tocar o país ao lado dos governadores. A iniciativa, mais do que uma tentativa de reconstruir a harmonia na federação — estilhaçada pela animosidade que marcou os tempos de Jair Bolsonaro —, visa a ampliar a sustentação política do governo central, como ocorreu na República Velha, e manter a maior proximidade possível com potenciais adversários políticos — e eleitorais.

O último gesto de Lula nessa direção não poderia ser mais explícito. Na primeira visita a um estado, foi ao Rio de Janeiro, berço eleitoral de Bolsonaro governado por Cláudio Castro (PL), do partido do ex-presidente. Na ocasião, ambos trocaram sorrisos e conversas ao pé do ouvido, além de promessas de trabalho conjunto durante os discursos. "O que

WASHINGTON COSTA/MIN. FAZENDA

MENSAGEM CERTA Haddad com governadores: o ministro agradou ao prometer recompor perdas de receita dos estados

importa é que temos maturidade, presidente Lula, pois juntos temos a missão de trabalhar para esse povo", disse Castro. Lula devolveu a gentileza prometendo mais investimentos. Nos bastidores, o petista estimula emissários a tentar levar o governador para um partido da base, como União Brasil e PSD — o prefeito Eduardo Paes, do PSD, aliás, foi o responsável por unir os dois no evento.

O aceno de Lula aos governadores já vinha sendo feito desde a campanha, mas ganhou força após a intentona golpista de 8 de janeiro. No dia seguinte, os 27 chefes estaduais foram ao encontro do petista para defender as instituições da República. Duas semanas depois, voltaram a se encon-

trar na capital federal para lançar a Carta de Brasília, na qual reafirmaram o compromisso com a democracia, mas também lançaram o compromisso de pactuarem parcerias concretas e criaram o Conselho da Federação, uma entidade que terá Lula, o vice, Geraldo Alckmin, ministros, governadores e prefeitos e que vai organizar uma agenda prioritária de obras e parcerias. Lula ainda anunciou reuniões bimestrais com governadores.

Do encontro saltaram de imediato duas frentes de ação. Uma delas é retomar as mais de 10 000 obras que estão paradas e dar andamento às prioridades definidas pelos governadores. Há demandas como as privatizações do Porto de Santos e do metrô de Belo Horizonte, levadas pelos governadores Tarcísio de Freitas (Republicanos) e Romeu Zema (Novo), o destravamento da implantação do Ferrogrão, proposto por Mauro Mendes (União Brasil), de Mato Grosso, e projetos de investimento na Amazônia, entre eles um plano integrado de desenvolvimento sustentável, apresentado por Helder Barbalho (MDB), do Pará.

Outra urgência levada pelos governadores foram as perdas com o ICMS, principal fonte de receita dos estados, em razão do teto implantado no governo anterior para conter a alta dos combustíveis. Na terça 7, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, reuniu parte dos governadores e acenou com a possibilidade de uma compensação aos estados — no dia seguinte, técnicos da pasta anunciaram o tamanho da bondade: 22 bilhões de reais. O pacote ainda inclui a possi-

RICARDO STUCKERT/PR

FÓRUM Lula com governadores: em menos de um mês, dois encontros com os chefes dos Executivos estaduais

bilidade de rediscutir o próprio teto e o abatimento de dívidas com a União.

A aproximação de Lula embute dois cálculos políticos. O primeiro é manter boas relações com nomes que estariam na oposição, como os comandantes dos três maiores colégios eleitorais (Tarcísio, Zema e Castro), que apoiaram Bolsonaro. O governador de São Paulo, que tem tudo para herdar grande parte do eleitorado do ex-presidente, já se encontrou três vezes com Lula. Para arrepio dos bolsonaristas, disse que ele

e o petista são parceiros. "Para São Paulo ir bem, o Brasil tem de ir bem. Então, eu e o presidente Lula, agora, somos sócios", afirmou. Em encontro com o presidente, Tarcísio apresentou a fatura: além da concessão do Porto de Santos, obras como o Túnel Santos-Guarujá, investimentos em trens e metrôs, renegociação de dívidas de hospitais com bancos federais e mais verbas para a saúde. Com Zema, a relação é um pouco diferente. Embora também tenha ido a encontros com Lula e apresentado as suas demandas, o mineiro tem feito críticas pontuais ao petista — como as ressalvas ao aumento dos gastos públicos e a insinuação de que o presidente fez vista grossa nos atos terroristas em Brasília. O objetivo é marcar as diferenças e ser uma alternativa ao petismo no pleito presidencial de 2026. Diferentemente de Tarcísio, Zema não pode mais disputar a reeleição estadual. Ainda assim, elogia a aproximação com Lula. "Posso afirmar que hoje temos a melhor relação possível", diz.

É claro que a atual estratégia de boa vizinhança lá na frente vai inevitavelmente ceder espaço ao tiroteio entre o governo federal e os chefes dos Executivos estaduais que tentarem ocupar os palanques da oposição em 2026, mas Lula tem como objetivo de curto prazo ganhar musculatura para aprovar os seus projetos no Congresso, onde os governadores têm grande influência. O presidente, como se sabe, está à frente de um país dividido e, nesse cenário, melhor fazer amigos do que inimigos na política, aplainando o espinhoso terreno institucional. "O caminho de cooperação en-

CIETE SILVÉRIO/GOVERNO DO ESTADO DE SP

SELF-SERVICE Tarcísio: privatização, obras e dívidas no cardápio com Lula

tre os poderes é positivo para todos", projeta Fernando Abrucio, cientista político da FGV e autor do livro *Os Barões da Federação,* que estuda a ascensão dos governadores no cenário político nacional após as eleições de 1982.

A aproximação administrativa também cria condições para um ambiente menos extremado para a próxima disputa nacional. "Pode levar a uma eleição em 2026 na qual, ao invés de discutirmos se a democracia continuará ou não, poderemos debater políticas econômicas e visões de mundo

aceitáveis", indica Abrucio. Outro ganho de imediato para Lula na estratégia do discurso dos "bons companheiros" é dividir o ônus político de ações adotadas. "Ele prefere dividir a responsabilidade de medidas impopulares com governadores, prefeitos e outros poderes, enquanto Bolsonaro transferia integralmente o custo", diz Marta Arretche, cientista política e professora da USP.

A relação entre Lula e os demais caciques da federação tem, no entanto, imensos desafios pelo caminho. Além das divergências políticas, que se acirram à medida que se aproximam as eleições, há a possibilidade de temas espinhosos na pauta, como a reforma tributária. As propostas em discussão acabam com tributos como ICMS, IPI e ISS e criam um imposto unificado, mas as alíquotas cobradas e a divisão do dinheiro podem gerar um cabo de guerra entre a União e os estados. Na quarta 8, o secretário extraordinário da Reforma Tributária da Fazenda, Bernard Appy, defendeu a reforma tributária como uma maneira de reduzir a desigualdade na receita federativa. Bonito, na teoria. Na prática, existe a dificuldade de uma composição satisfatória para todos. "É sempre difícil fazer reforma em um contexto em que você precisa de dinheiro. Tanto a União quanto estados e municípios terão um 2023 pior do que foi 2022", afirma Felipe Salto, ex-secretário da Fazenda de São Paulo e hoje economista-chefe da Warren Renascença.

Independentemente desse e de outros desafios, a recuperação de alguma institucionalidade na condução do país era

CRISTIANO MACHADO/IMPRENSA MG

FREIA E ACELERA O mineiro Zema: elogio e críticas para marcar diferenças

mais do que necessária, e a postura de Lula e dos governadores mostra uma civilidade que não se via fazia algum tempo. "É bom que tenhamos essa retomada do diálogo, dentro de um movimento no sentido de recuperar as relações republicanas", elogia Eduardo Leite (PSDB), governador do Rio Grande do Sul, ele também um personagem com aspirações nacionais. O importante agora é separar o que é interesse genuíno da nação dos óbvios interesses políticos e eleitorais que estarão em jogo nessa nova dança ensaiada pelos caciques da federação. ■

RECADOS CIFRADOS

Reeleito com o apoio do PT, o presidente da Câmara não será um adversário, mas também não deve se comportar como um aliado do governo — muito pelo contrário

MARCELA MATTOS

BEM NA FOTO Arthur Lira e a bancada do PT: a relação amistosa com o governo é apenas aparente

O DEPUTADO Elmar Nascimento chegou a ser tratado como ministro por colegas do Congresso. Não era blefe nem exagero. Em meados de dezembro, ele teve uma conversa definitiva com o presidente eleito sobre esse tema. Em troca de apoio no Congresso, seu partido, o União Brasil, seria agraciado com alguns cargos no primeiro escalão do governo — e um deles, provavelmente o da Integração, seria ocupado pelo próprio parlamentar. Na conversa com Lula, Elmar lembrou que já tinha feito críticas extremamente contundentes ao PT e ao próprio presidente. Entre outras coisas, o presidente foi chamado de "ex-presidiário" e o partido de "maior organização criminosa da história republicana". Interessado naquele momento apenas em ampliar a base de apoio, o presidente disse que já havia perdoado agressões bem mais graves e que aquilo não era problema. Ficou subentendido, portanto, que estava tudo certo. O deputado e o presidente não se falaram mais depois disso, a nomeação não saiu e o caso foi anotado numa lista de "pendências" a serem resolvidas.

Durante as costuras para a formação do ministério, Lula não se cansava de repetir que vivia uma nova fase. Eleito para o terceiro mandato, dizia estar em um momento de paz e amor e disposto a negociar com antigos adversários. Ao prometer o cargo a Elmar Nascimento, o presidente mirava cooptar uma parte da bancada do União Brasil, mas também sabia que a nomeação do deputado era vista com imensa simpatia pelo presidente da Câmara, Arthur Lira. Por is-

ROQUE DE SÁ/AGÊNCIA SENADO

EM FAMÍLIA Renanzinho e Renan: rivais de Lira foram generosamente agraciados

so, ao não confirmá-la, acabou criando um problema. Desde o dia 1º de fevereiro, quando Lira foi reeleito, o episódio envolvendo Elmar é usado como exemplo de que a relação entre o Legislativo e o Executivo, apesar das aparências, não é tão harmônica quanto parece. Empoderado, o deputado alagoano relatou a aliados a insatisfação com o que considera um desequilíbrio na Esplanada dos Ministérios — as principais pastas, a exemplo do próprio Ministério da Integração, foram entregues a senadores, enquanto aos deputados resta-

ram espaços de menor expressão, como o Turismo, sendo que nenhum deles compõe o seu círculo de influência.

Para agravar, Lira viu o seu principal adversário político ocupar um lugar privilegiado. Há mais de uma década os clãs Lira e Calheiros protagonizam uma ferrenha disputa paroquial que envolve uma série de acusações mútuas de todo tipo. Herdeiro do senador Renan Calheiros (MDB), o ex-governador Renan Filho se elegeu senador neste ano, derrotando o candidato de Lira. Ao mesmo tempo, o nome do MDB ao governo de Alagoas também saiu vitorioso sobre o apoiado pelo presidente da Câmara. Com a vitória de Lula, Renanzinho recebeu especial reverência no novo governo. Inicialmente, foi convidado para o Ministério do Planejamento. A bancada do MDB, porém, pediu e levou uma pasta de mais visibilidade. E a primeira agenda como ministro dos Transportes, para a surpresa de ninguém, foi exatamente em Maceió, onde anunciou investimentos de 1 bilhão de reais para a construção de rodovias. Está, nitidamente, pavimentando o caminho para retornar ao governo em 2026.

Aliados de Lira garantem que a reação está sendo preparada, sem alarde, à maneira dele. O presidente da Câmara prometeu, por exemplo, acelerar a tramitação da reforma tributária, a menina dos olhos neste início de governo, ao mesmo tempo que indica que Lula pode enfrentar, já na largada, dificuldades na votação. Proposta pela Fazenda, a medida provisória que altera os critérios de desempate em decisões do Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Carf)

MICHEL JESUS/AG CAMARA

PRETERIDO Elmar Nascimento: pivô de um tremendo mal-estar entre Lula e Arthur Lira

é vista como um caminho para evitar que cerca de 60 bilhões de reais por ano em créditos tributários deixem de ser exigidos. Lira tem feito críticas públicas ao texto do governo e defende a tese de que a proposta só deve ser aprovada depois de passar por mudanças.

Há também engatilhado um "pacote" de contingência para ser desembrulhado em caso de necessidade. São projetos que minam no nascedouro algumas propostas já anunciadas pelo governo. Um deles proíbe o BNDES de conceder empréstimos a outros países — em viagem re-

BENNÉ MENDONÇA/ASCOM/CASA CIVIL

PRESSÃO Ciro Nogueira e Valdemar: partidos organizam a formação de blocos

cente à Argentina, Lula prometeu retomar os controversos financiamentos do banco no exterior. Outro projeto impede a transferência da Abin do Gabinete de Segurança Institucional para a Casa Civil. Há ainda temas sobre os quais o governo não quer ouvir falar, como a criação de uma CPI para investigar os desvios de quase 50 milhões de reais por compras feitas pelo Consórcio Nordeste durante a pandemia da Covid-19. "Quem conhece o Arthur, como eu, sabe que ele não está nada satisfeito com algumas decisões do governo Lula — e isso, pode ter certeza,

não vai passar batido. Vai ser no tempo e do jeito dele, pode esperar, mas haverá resposta", confidencia um dos mais próximos aliados do presidente da Câmara.

De fato, os números para controlar esse processo estão em suas mãos. O deputado foi reeleito por 464 votos dos 513 possíveis — uma vitória acachapante e inédita que contou, inclusive, com o apoio da bancada do PT. Não foi um apoio natural, movido por afinidades políticas ou programáticas. Foi uma aliança de conveniência. Na campanha presidencial, Lira estava ao lado de Jair Bolsonaro, e seu partido, o PP, integrava a coligação do ex-capitão. Sem a possibilidade de enfrentá-lo na disputa, os petistas acharam melhor aderir à reeleição do que amargar uma derrota. Nenhum governista admite publicamente, mas, em meio a esse cenário pré-beligerante, já há lideranças petistas defendendo a ideia de que, em breve, será necessário fazer uma mudança nos ministérios para contemplar o grupo de Lira na Esplanada. "Está ocorrendo a distribuição de cargos no segundo escalão, mas será insuficiente. Acredito que terá um reposicionamento", disse um dos líderes do partido.

Arthur Lira é hoje o parlamentar mais poderoso do país, status que Renan Calheiros, o seu rival, já teve um dia. Quando conquistou pela primeira vez a presidência da Câmara, ele era o candidato do então presidente Jair Bolsonaro e liderava uma base disposta a aderir ao ex-capitão. Naquela ocasião, o deputado exerceu seu mandato em linha com essa maioria, inclusive tratorando a oposição quando

necessário. A situação é diferente agora. O deputado conquistou a reeleição sendo aclamado por lulistas e bolsonaristas. O fato de ter sido um nome de consenso, segundo políticos mais calejados, pode obrigá-lo a ter uma postura de magistrado à frente da Casa. Isso não significa que Lira deixará de bater de frente com o governo, mas poderá fazer isso de outra maneira. Está em negociação, por exemplo, a formação de uma federação para unir o PP, partido de Lira, o União Brasil e o Avante. Se der certo, o grupo reunirá 115 deputados e será o fiel da balança na Câmara. Se será governista ou oposicionista, isso dependerá da vontade de Lula de negociar as pendências. Um dado é certo: Arthur Lira estará no comando das tratativas. ■

MURILLO DE ARAGÃO

O PERIGO DO "RETROPROGRESSO"

O novo governo busca inspiração num passado imaginário

DESDE AS ELEIÇÕES de outubro, o novo governo emite sinais e ruídos contraditórios. Tal fato se comprova pela assertividade e abundância de declarações polêmicas. Em vez de prevalecer o equilíbrio e a prudência, as vibrações eleitorais seguem predominando.

O fenômeno tem duas consequências principais. A primeira é gerar impasses, dúvidas e incertezas. A segunda é causar a impressão de que o novo governo busca uma espécie de "retroprogresso", ou seja, uma projeção rumo a um passado que não existiu.

No plano imagético, o retroprojeto se baseia em outro conceito complexo, este de Zygmunt Bauman: o da retrotopia, que é uma desconfiança do presente aliada a um imaginário utópico do passado. Passado do qual, como narrativa construída, se selecionam partes, visando compor uma imagem idealizada. E que só existe como imaginação e é motivada pela saudade do que não fomos.

Em política, a retrotopia é uma atitude recorrente. Só mu-

dam os atores e o cenário. O governo Bolsonaro também embarcou em uma viagem utópica, ao sonhar com um regime militar que não existiu. Assim como muitos, recentemente, pediram uma intervenção militar que não viria.

A retrotopia projeta um sucesso do passado composto de pedaços de verdades, de meias verdades e de mentiras sinceras. No entanto, a nostalgia do que não fomos é tão nefasta quanto a aspiração a sermos o que ainda não podemos ser.

Como disse Montaigne, "a sabedoria presta um bom serviço aos que subordinam seus desejos às suas capacidades". Prometer o que não pode entregar é uma ferida autoinfligida que, com o passar do tempo, só vai piorar.

Outra forma de se ferir é não entender, de forma clara, as razões que decretaram os acontecimentos. No caso, as eleições presidenciais. Por que chegamos aqui? Esquecemos que, nos últimos vinte anos, o país viveu uma vertiginosa se-

"Corremos o risco de ficarmos prisioneiros de um limbo, uma espécie de purgatório em que descuidamos da realidade"

quência de acontecimentos políticos, econômicos e sociais que moldaram uma nova realidade?

As duas contradições — a ferida autoinfligida e a não leitura da realidade — cobram um preço alto: o atraso nas realizações ou até mesmo o fracasso de propósitos. Entre uma contradição e outra, corremos o risco, como nação, de ficarmos prisioneiros de um limbo, uma espécie de purgatório em que descuidamos da realidade tentando viver em uma pararrealidade gelatinosa.

Posto o dilema do momento, pergunta-se: seria o retroprogresso inexorável, tal qual uma caminhada ao abismo político? Seguramente, não. Em política nada é inexorável. Tudo é relativo. Tudo pode mudar — para melhor ou para pior. Depende das decisões dos atores institucionais relevantes na cena política. E das escolhas que esses atores vão fazer.

O novo governo tem na história dos últimos vinte anos bons e maus exemplos de políticas públicas. Sabe também que não existe mais o monopólio das manifestações nas ruas. E sabe ainda que os poderes Judiciário e Legislativo são mais independentes e atuantes do que antes. Enfim, são outros tempos. Bem mais complexos e que exigem doses industriais de pragmatismo. ■

CAMINHO DO MEIO

Em resposta aos golpistas, o governo Lula mira regulação das redes – mas a pressa na reação pode ressuscitar a censura e limitar a liberdade de expressão **DIOGO MAGRI** E **JOÃO PEDROSO DE CAMPOS**

PACOTE Flávio Dino: o ministro inclui punição maior para crimes digitais entre medidas pró-democracia

MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

PEÇA CENTRAL na vitória de Jair Bolsonaro à Presidência da República, em 2018, quando o Brasil foi apresentado ao fenômeno da massificação de *fake news* como estratégia eleitoral, o mau uso político das redes sociais se tornou objeto de seguidas tentativas de regulação pelas autoridades. As iniciativas tiveram algum efeito, mas não foram suficientes para deter a proliferação de notícias falsas, mensagens antidemocráticas e campanhas de ódio e difamação. A rede de mentiras marcou também a eleição de 2022 e foi determinante para os atos golpistas de 8 de janeiro, em Brasília. O episódio desencadeou uma nova ofensiva, tocada pelo governo Lula, para tentar equacionar a questão. A gestão do petista sinaliza, ainda que de modo incipiente e vago, a pretensão de regulamentar o ambiente digital, inclusive com maior responsabilização das plataformas pelos conteúdos veiculados — uma iniciativa delicada, que já desperta as primeiras preocupações.

Em pouco mais de um mês, o governo abriu quatro frentes. Ainda antes do levante golpista, a Advocacia-Geral da União (AGU) anunciou a criação da Procuradoria Nacional de Defesa da Democracia, para combater desinformação sobre políticas públicas. A medida foi criticada por não haver no ordenamento jurídico uma definição sobre "desinformação" — o que abre uma brecha para descambar para a censura, como no orwelliano "Ministério da Verdade". A Procuradoria não está ativa e a sua dinâmica depende da regulamentação por um grupo que inclui autoridades, enti-

VALTER CAMPANATO/AGÊNCIA BRASIL

IDEIAS Pimenta: o titular da Secom quer novas leis e "rede de defesa da verdade"

dades e acadêmicos. A AGU diz que a ausência de uma lei específica não pode levar ao imobilismo diante de um problema que "está inegavelmente na raiz de um processo de avanço do extremismo". Outra medida foi o "Pacote da Democracia", do ministro da Justiça, Flávio Dino, que criminaliza condutas na internet configuradas como terrorismo ou atentado à democracia e responsabiliza as plataformas que não retirarem do ar esse tipo de conteúdo. O ministro Paulo Pimenta, da Secretaria de Comunicação (Secom), por sua vez, criou a Secretaria de Políticas Digitais e defendeu a aprovação de leis para regulamentar as redes ainda no primeiro semestre, além da ativação da "rede de defesa da verdade", sem especificar o que seria.

A ofensiva, no entanto, parece não ser suficiente para Lula, que anunciou a intenção de provocar uma discussão internacional. Ele colocou o assunto na pauta da viagem aos Estados Unidos e aposta na empatia do colega americano Joe Biden, que também foi alvo de uma tentativa de golpe pelos apoiadores de Donald Trump em 2021, estimulada pelas redes sociais. O petista também disse que está disposto a discutir o tema no G20, o fórum das maiores economias do mundo, e no Brics, que reúne países como China, Índia e Rússia. Nos últimos dias, a pretensão de Lula ganhou o respaldo de outro personagem importante na cruzada contra o mau uso das redes sociais, o ministro Alexandre de Moraes, presidente do TSE e relator de inquéritos do STF que investigam disseminação de notícias falsas e milícias digitais — ele pediu maior regulamentação do tema no país, disse que a Justiça elabora contribuições para enviar ao Congresso, mas defendeu a necessidade de leis internacionais que tenham como norte a defesa da democracia.

A discussão mundial, no entanto, já existe há algum tempo e avança com dificuldades, devido à complexidade e delicadeza do tema. Na última reunião do G20, em novembro, houve um debate específico sobre o assunto. A Unesco, em evento previsto para este mês em Paris, vai apresentar mais de cinquenta sugestões sobre como democracias devem controlar os conteúdos das redes. O assunto é tratado de forma diferente conforme o histórico de cada país. Nos Estados Unidos, costuma-se evocar a Primeira Emenda, que garante

MANUEL BLONDEAU/CORBIS/GETTY IMAGES

EMBATE Pavel Durov, dono do Telegram: a plataforma descumpriu decisão de Moraes para suspender canal bolsonarista

liberdade de expressão aos cidadãos, para defender a tese de que qualquer regulação deve ser feita pela opinião pública e pelo mercado. Já a União Europeia, que tem uma discussão mais avançada, começa a pôr em prática em 2023 o Digital Services Act, que vem sendo alvo de debates desde 2018. Ele vai exigir que as plataformas esclareçam informações hoje sigilosas, como o funcionamento de algoritmos na moderação e na disseminação de conteúdo falso. Ou seja, a Europa aposta em regular o procedimento, não o conteúdo.

Embora a necessidade da regulamentação seja ponto pacífico ao redor do mundo, a linha tênue entre liberdade de expressão e censura persiste. Segundo os especialistas, abordar de forma açodada o tema à base de medidas su-

perficiais, como vem tentando fazer agora o governo brasileiro, ainda que com as melhores intenções, é um erro. Cresce o consenso de que qualquer tentativa de regulação precisa ser feita de forma independente, de modo a evitar contaminação por interesses políticos e ideológicos. "O governo não deveria nunca procurar regular decisões individuais das plataformas, como o que ou quem deve ser banido, mas sim exigir que elas tenham sistemas adequados e proporcionais para reduzir o que é prejudicial", afirmou à VEJA o britânico Jamie Susskind, autor do best-seller *The Digital Republic* (A República Digital). "Atribuir a qualquer órgão governamental o poder de definir o que é ilícito é problemático. Ainda mais no Brasil, que tem um passado recente de censura que ainda encontra eco no Judiciário", acrescenta a advogada Luna van Brussel Barroso, autora de *Liberdade de Expressão e Democracia na Era Digital*. Qualquer discussão mais séria sobre o tema precisa ter a participação das muitas entidades da sociedade civil que têm competência no assunto. "Pensar num modelo de regulamentação desenvolvido em seis meses é muito apressado", alerta Celina Beatriz, secretária da Comissão de Tecnologia e Inovação da OAB-SP e membra do Instituto de Tecnologia e Sociedade.

As empresas de tecnologia responsáveis pelas redes são parte desse problema, pela falta de transparência e pela demora em responder de forma adequada aos abusos. Algumas companhias mais sérias colaboram hoje com as autoridades,

REPRODUÇÃO

PROTESTO Medeiros: o deputado usa mordaça na posse para criticar "censura"

mas focos de resistência persistem, como ficou claro na afronta do Telegram a uma recente decisão de Alexandre de Moraes de suspender o canal do deputado bolsonarista Nikolas Ferreira (PL-MG). A big tech não só não cumpriu como classificou a decisão como "indevida, irregular, nula e desproporcional". Multado em 1,2 milhão de reais pelo caso, o aplicativo, criado e controlado pelos irmãos russos Nikolai e Pavel Durov, já havia sido tirado do ar por Moraes em 2022.

As novas iniciativas do governo petista são o pontapé inicial de uma polêmica que deve crescer. O assunto vai chegar ao Congresso, onde iniciativas do tipo sempre tiveram dificuldades, como o projeto de lei 2.630/2020 (PL das Fake News), que travou na Câmara após ter sido aprovado no Senado. Ou a CPMI das Fake News, aberta em setembro de

2019, que provocou muito barulho, mas foi encerrada sem concluir os trabalhos. "Houve uma aliança entre o governo Bolsonaro e as plataformas, que não querem regulamentação", diz Orlando Silva (PCdoB-SP), relator do PL, que espera que ele volte a andar agora com o apoio do governo Lula. Já há reações a isso. O deputado bolsonarista José Medeiros (PL-MT) tomou posse na Câmara usando uma mordaça em protesto contra a suspensão de suas redes pela Justiça e apresentou um projeto para enquadrar na Lei de Abuso de Autoridade o magistrado que determinar a suspensão de perfis por conta apenas de opiniões que foram postadas.

O centro do debate atual é justamente como separar expressões legítimas de pensamento dos discursos de ódio e dos ataques à democracia. As redes sociais têm um papel importante ao ampliar o debate público permitindo a participação de um número maior de pessoas e podem, em tese, ajudar a democracia. Mas não devem ser uma "terra sem lei". A exigência, no entanto, é que qualquer regulação seja feita sem atropelar questões mais caras, como a liberdade de expressão, e não se confunda com censura. Também não pode atender a interesses políticos mais imediatos ou à necessidade de resposta a um episódio em particular. "A regulamentação pode ser problemática se enquadrada para proteger certo grupo específico da sociedade, ou vista dessa forma. Precisa ter ampla adesão do espectro político", ensina Jamie Susskind. Ou seja, o que está ruim pode ainda piorar se o problema for combatido com a receita errada. ■

MAÍLSON DA NÓBREGA

DESAFIOS DA REINDUSTRIALIZAÇÃO

Recuperar o peso desse setor no PIB requer ações complexas

PROMESSAS de reindustrialização têm permeado o discurso do atual governo de Luiz Inácio Lula da Silva. O objetivo é reverter a desindustrialização, um fenômeno que decorre, em todo o mundo, de transformações na economia. Por isso, os serviços assumem papel crescente, diante do avanço tecnológico e de novas formas de organizar a produção. O efeito é um longo e irreversível declínio da participação da indústria no PIB e da respectiva força de trabalho.

Nesse processo, a indústria se concentra no que faz melhor e contrata de terceiros o restante, geralmente serviços. Áreas como tecnologia, energia e telecomunicações crescem mais rapidamente, acelerando a participação dos serviços na economia. Tal descentralização costuma ser benéfica, pois contribui para elevar a produtividade e, assim, o potencial de crescimento.

A desindustrialização pode ser acelerada por outros fatores. Foi assim nos Estados Unidos nos anos 1980, quando a competição de produtos japoneses reduziu o parque industrial. O mesmo ocorreu na década seguinte com a transfe-

rência de parcela da indústria para a China. Hoje, medida pela mão de obra empregada, a indústria americana representa apenas 8% do PIB.

No Brasil, houve desindustrialização precoce, derivada de fatores internos. A permanência da substituição de importações por um período demasiadamente longo acarretou proteção excessiva. Inibiu-se a inovação, que é um dos principais motores da eficiência e da produtividade.

A Constituição de 1988 foi outra causa relevante. Ela aumentou substancialmente a partilha do IR e do IPI em favor de estados, municípios e fundos regionais de desenvolvimento. Saltou de 30% para quase 50%. Os gastos sociais, especialmente os previdenciários, explodiram. Para financiá-los sem maiores efeitos negativos, a União criou ou aumentou contribuições não partilháveis, mas causadoras de ineficiências.

"O risco é promover políticas do passado, como o protecionismo, o estatismo e o intervencionismo"

Com a vinculação de impostos à saúde e à educação, a Carta Magna elevou a rigidez orçamentária da União (93% dos gastos primários são obrigatórios). Por isso, caíram os investimentos federais, prejudicando particularmente a área de transportes. A operação da logística tornou-se ineficiente e cara. Apesar da forte expansão dos gastos em educação, a qualidade é lamentável, o que afeta a produtividade da mão de obra industrial.

Reduziu-se, assim, a eficiência e a competitividade da indústria, o que diminuiu substancialmente o seu crescimento. Os produtos manufaturados, que eram 35% do PIB em 1985, representaram apenas 12% em 2021.

A reindustrialização depende da reversão desses fatores, implicando a necessidade de ousadas reformas estruturais, o que levará tempo. O risco é promovê-la com políticas industriais do passado, baseadas em protecionismo, intervencionismo, estatismo e crédito subsidiado. Se for assim, a inflação, os juros mais altos e o desincentivo à inovação vão acelerar a desindustrialização. A reindustrialização ficará na retórica. ■

DOIS PESOS, DUAS MEDIDAS

Na campanha, Lula bateu forte no esquema de rachadinha dos Bolsonaro. Empossado, nomeou o suspeito número 1 da lista como secretário de Assuntos Federativos **RICARDO CHAPOLA**

RACHADÃO Lula e André Ceciliano: de acordo com dados do Ministério Público, beneficiário de quase 50 milhões de reais

FACEBOOK @DEP.ANDRECECILIANO

DURANTE os quatro anos da gestão Jair Bolsonaro, um fantasma assombrou intensamente o Palácio do Planalto. Em outubro de 2018, entre o primeiro e o segundo turno da eleição presidencial, descobriu-se que o Ministério Público havia quebrado o sigilo bancário de 21 deputados da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) e colhido indícios de que, durante anos, lá funcionou um esquema de recolhimento ilegal de parte dos salários dos funcionários. Na época, todas as atenções naturalmente se concentraram sobre o suspeito mais famoso da lista: Flávio Bolsonaro, o filho mais velho do futuro presidente da República, acusado de desviar 6 milhões de reais. O caso fragilizou o discurso do pai dele sobre ser implacável com a corrupção, envolveu o governo em uma série de fatos controversos e, embora não tenha resultado judicialmente em nada, marcou definitivamente a imagem do clã. Bolsonaro se foi, mas o espectro da rachadinha vai continuar rondando o Planalto — só que agora encarnado em outro personagem.

O ex-deputado André Ceciliano (PT-RJ) assumiu o comando da Secretaria de Assuntos Federativos, órgão que funciona no quarto andar do Palácio do Planalto, um pavimento acima do gabinete do presidente da República. Na época que eclodiu o escândalo das rachadinhas, ele comandava a Assembleia Legislativa do Rio e aparecia no topo da lista de suspeitos como beneficiário de quase 50 milhões de reais. Assim como Flávio Bolsonaro, ele sem-

ANDRE MELO/FUTURA PRESS

RACHADINHA Jair e Flávio: clã marcado pelas acusações de desvio de salários

pre negou que seu gabinete confiscasse parte dos salários dos funcionários. Assim como o caso de Flávio Bolsonaro, as investigações também não resultaram em absolutamente nada, o que não quer dizer necessariamente que irregularidades não ocorreram. Os inquéritos que apuravam a rachadinha nos dois gabinetes foram arquivados, mas as investigações não foram encerradas. “Ficou provado que o deputado não participou de esquema algum”, disse Luciana Pires, advogada de Ceciliano e, por coincidência, também defensora do filho do ex-presidente.

Atormentado pela “rachadinha”, Flávio Bolsonaro livrou-se das acusações em maio do ano passado. A Justiça do Rio arquivou o processo com base em uma decisão tomada pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ). Um ano antes, Ceciliano também havia se livrado do estigma, quando o Ministério Público descartou a hipótese, após analisar as quebras de sigilo bancário do deputado. Desde então, a Promotoria trabalha em outra linha de investigação: a de que o dinheiro detectado nas contas dos assessores do deputado, cuja origem ainda é desconhecida, na verdade foi movimentado para quitar uma dívida do parlamentar com um agiota que já tinha sido lotado no seu gabinete. Questionado sobre os detalhes e a situação do processo, o Ministério Público do Rio informou que as investigações correm em segredo de Justiça e que não podia dar informações.

O problema é que acusações graves como essas, muitas feitas antes de uma apuração mais rigorosa, eternizam suspeitas sobre figuras públicas que podem, em tese, ser realmente inocentes. No mundo político, a prática serve como uma poderosa arma de destruição. Na campanha eleitoral do ano passado, por exemplo, Lula não hesitou em atacar seu adversário invocando o caso envolvendo Flávio. “Violência e corrupção andam de mãos dadas com a família Bolsonaro. E de tudo isso surgiu o esquemão milionário da rachadinha. Bolsonaro e os filhos desviavam os salários dos funcionários para abastecer os cofres da família”, dizia uma das peças da propaganda petista. Agora no Palácio, a convi-

te do próprio Lula, Ceciliano é alvo das mesmas insinuações. "O PT e o Lula vivem criando narrativas. Durante esse tempo todo nos acusaram de ser o governo da rachadinha. Agora eles vão admitir que são o governo do rachadão?", provoca o deputado Carlos Jordy (PL-RJ).

O ex-deputado André Ceciliano diz que seu caso não guarda nenhuma semelhança com o que envolveu o filho do ex-presidente. "Minha história é diferente da história do Flávio. Não tinha dinheiro saindo do gabinete e indo para a conta do meu funcionário. Foi dinheiro de particulares, de empresas. No caso do Flávio, era do gabinete para pessoas", explicou. O novo secretário é considerado um negociador habilidoso, moderado, sem muita ou quase nenhuma amarra ideológica. Com esse perfil, ele conseguiu comandar a Alerj por quatro anos e dar sustentação política a governos de colorações distintas, como o de Luiz Fernando Pezão (MDB), Wilson Witzel (PSC) e de Cláudio Castro (PL). Embora sua nomeação ainda não tenha sido oficializada, Ceciliano já cumpre uma extensa agenda diária. Sua primeira missão à frente do cargo é ouvir prefeitos e governadores em busca de uma solução sobre a desoneração dos combustíveis. "Vamos ter de montar uma saída. Não dá para subsidiar a gasolina. Tem de subsidiar o diesel, porque é usado para plantar, para transportar, para comercializar", afirmou. É, sem dúvida, uma tarefa difícil, mas ainda pequena se comparada ao constrangimento de ser acusado de participar de uma irregularidade ou, como dizia Lula, de um "esquemão milionário". ■

O INFERNO DO PASTOR

Chega ao ponto máximo o calvário de rolos na Justiça de Valdemiro Santiago, fundador da Igreja Mundial do Poder de Deus, com dívidas milionárias e templos penhorados

VICTORIA BECHARA

FÉ Valdemiro em um culto recente: pedido desesperado aos fiéis para doações capazes de salvar o caixa da instituição

INSTAGRAM @APVALDEMIROOFICIAL

VALDEMIRO Santiago de Oliveira diz que teve a ideia de iniciar a construção daquilo que se tornaria um impressionante império neopentecostal depois de ter sobrevivido por milagre a um acidente. O apóstolo, conhecido por envergar chapéus de vaqueiro nos cultos, conta que recebeu o "chamado de Jesus Cristo" em meio a um naufrágio em Moçambique, na África, em 1996. Ele estava ali a serviço da Igreja Universal do Reino de Deus e, atirado ao mar, relata ter nadado por mais de oito horas até encontrar abrigo em uma ilha, enfrentando sede, fome e até cardumes de tubarões-brancos.

No retorno ao Brasil, ficou ainda dois anos a serviço da Universal, até se desentender com o bispo Edir Macedo. Na sequência, abriu o primeiro endereço de sua própria igreja, a Mundial do Poder de Deus, no interior de São Paulo. A multiplicação do rebanho ocorreu de forma rápida. Em 2006, já pregava para multidões na sede transferida para a capital do estado, um prédio de 18 000 metros quadrados. Atualmente, é dono de 6 000 templos espalhados pelo Brasil e por outros 21 países (incluindo Estados Unidos, Portugal e Inglaterra), além de uma TV e de uma rádio.

Esse império religioso começou a ruir nos últimos anos pelo acúmulo de dívidas. Os rolos financeiros passaram a corroer o patrimônio amealhado por Valdemiro e as más notícias não param de chegar às suas portas. Recentemente, a Justiça penhorou uma mansão da igreja em Ilhabela, no litoral paulista, por uma dívida de pagamentos de IP-

REPRODUÇÃO

PODER Templo na Zona Sul de São Paulo: com capacidade para 20 000 pessoas

TUs vencidos que somam mais de 3,8 milhões, e 50% de um apartamento do pastor em Rondonópolis, em Mato Grosso, avaliado em 2 milhões de reais, como garantia de quitação de 359 000 reais em aluguéis atrasados. Um dos maiores templos da igreja, no bairro de Santo Amaro, em São Paulo, avaliado em 33 milhões de reais e com capacidade para 20 000 pessoas, foi a leilão em abril de 2022 pela falta de pagamento de aluguel. A dívida ativa da Igreja Mundial com a Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional é de 13,4 milhões de reais. Se não bastasse, funcionários da TV Mundial, que transmite cultos e programas religiosos ao vivo, entraram em greve em janeiro devido a atrasos no recebimento de salários, FGTS, 13º e férias. É a segunda paralisação em três anos.

A lista de problemas e de polêmicas de Valdemiro não para por aí — tem quase proporções bíblicas. Em 2021, ele foi pilhado recebendo 1,2 milhão de reais da própria

MANSÃO Imóvel em Ilhabela: penhorado por atrasos no pagamento de IPTU

igreja, manobra considerada pela Justiça como um forte indício de que Valdemiro estava tentando transferir irregularmente o patrimônio da Mundial para a conta pessoal dele, de forma a se proteger de novos confiscos decretados contra a entidade. Durante a pandemia, o apóstolo foi alvo de uma investigação por estelionato, após anunciar a venda de sementes de feijão "com o poder de curar a Covid-19". O caso foi arquivado dois anos depois. Em 2021, Valdemiro acabou condenado a pagar 35 000 reais em danos morais ao agora ministro da Casa Civil de Lula, Rui Costa, por dizer que o político fez "pacto com o capeta". Em 2003, o apóstolo chegou a ser preso sob acusação de porte ilegal de armas em Sorocaba — a polícia encontrou uma carabina, duas escopetas e munição no carro de Valdemiro.

O processo de derrocada da Mundial e de seu fundador ocorre na mesma velocidade em que se deu o cresci-

mento. Pelo critério de quantidade de templos, a igreja de Valdemiro está entre as dez maiores instituições evangélicas do país. A Mundial, no entanto, enfrenta uma grave crise desde 2019. Nos processos, os advogados do apóstolo colocam a culpa da crise na pandemia, alegando que houve redução no número de doações durante o período em que os templos ficaram fechados. A igreja, porém, também recebe doações de fiéis por meio do site e das redes sociais. Já os funcionários da TV Mundial atribuem os sucessivos problemas à má gestão da filha de Valdemiro, Raquel Santiago, à frente da instituição.

Nem as conexões políticas parecem ter ajudado a salvar esse patrimônio. Assim como outros líderes evangélicos, o apóstolo cerrou fileiras em torno de Jair Bolsonaro e fez campanha para o ex-presidente. Em outubro, entre o primeiro e o segundo turno, participou de um comício ao lado do então candidato à reeleição e do governador de Minas Gerais, Romeu Zema. Passada a eleição, Valdemiro segue fiel ao bolsonarismo. Durante uma pregação ao vivo na TV Mundial, no último dia 23, disse que a greve de funcionários na emissora "é coisa de quem não gosta de trabalhar", assim como "aquele que cortou o dedo só pra se aposentar", em referência ao presidente Lula. No mesmo programa, fez um pedido aos fiéis: que se unissem para doar 10 milhões de reais. Pelo jeito, novamente, Valdemiro espera por um milagre — desta vez, para se salvar de um naufrágio financeiro. ■

NA LINHA DE TIRO

Lula escolhe o Banco Central e seu presidente como alvos de uma artilharia despropositada em uma estratégia que pode ter resultados desastrosos para o próprio governo – e para o Brasil

CARLOS EDUARDO VALIM, FELIPE MENDES, LUANA ZANOBIA E **VICTOR IRAJÁ**

PRESSÃO Campos Neto: atuação técnica até durante a eleição

CAPA MONTAGEM COM FOTO DE MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

MAURO PIMENTEL/AFP

DIA DE FÚRIA Lula, no BNDES: agressividade e negacionismo

Em meio ao frenesi eleitoral que se instalou no Brasil no segundo semestre do ano passado, o Banco Central transformou-se em um exemplo de estoicismo. A máquina pública rodava com um único objetivo, o de garantir a reeleição do presidente Jair Bolsonaro. O Congresso havia aprovado uma PEC permitindo ao governo usar recursos acima do teto de gastos para aumentar o valor do benefício social aos mais pobres e conceder auxílio a caminhoneiros e taxistas. Os impostos federais e até mesmo os estaduais para combustíveis foram cortados. A Petrobras passou a baixar preços para as

refinarias. Em meio a tudo isso, o BC promoveu um aumento da taxa Selic para 13,75% com o objetivo de manter a inflação sob controle, mesmo na contramão das medidas tomadas pela máquina bolsonarista. Foi uma mostra inequívoca de independência e da priorização de critérios técnicos. Chefe da autarquia, Roberto Campos Neto, se tornou o primeiro presidente do BC autônomo, mudança aprovada pelo Congresso e sancionada por Bolsonaro em 2021, depois de mais de duas décadas de sua proposição. Antes do aumento nos juros acontecer, Campos Neto sinalizou à alta cúpula governista a decisão. O presidente não se manifestou, mas representantes do governo, tanto da ala política quanto da econômica, fizeram pressão.

Desde então, a Selic atravessou a troca presidencial no mesmo patamar. Era esperado que as reclamações quanto aos juros altos seguiriam na nova gestão. Mas a virulência dos ataques surpreendeu e escalou de forma inaudita nos dias seguintes à primeira reunião de definição de juros empreendida pelo BC, no início de fevereiro. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva não gostou dos termos do comunicado da instituição que justificava a manutenção da alta dos juros, subiu o tom e passou a alvejar o BC quase diariamente em seguidas declarações. Primeiramente, Lula reclamou da meta de inflação baixa que estimulava juros altos, e ainda alegou que poderia rever a autonomia do órgão a partir 2025, logo depois do fim do mandado do “cidadão” que o comandava. Depois, chamou de “vergonha” o patamar dos

JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO

MARCO Aprovação da autonomia do BC: um dos maiores avanços do país no campo econômico nos últimos anos

juros. Ato contínuo, pediu uma vigilância da situação pelo Senado, pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad, e pela ministra do Planejamento, Simone Tebet. Em meio aos ataques, Haddad tentou contemporizar publicamente o destempero presidencial, declarando que a ata da reunião do BC, divulgada depois do documento que atraiu a fúria do mandatário, havia sido mais "amigável".

Mas a sinalização agressiva serviu para atiçar a militância governista — curiosamente, uma estratégia similar à do ex-presidente Jair Bolsonaro. O deputado federal Guilherme Boulos (PSOL-SP) publicou em suas redes sociais: "O Brasil tem a maior taxa de juro real DO MUNDO. Quem ganha com isso?". Gleisi Hoffmann, presidente do PT e uma das vozes que vêm influenciando Lula na direção errada, criticou: "Ter mandato não significa não ter responsabilidade com um país que precisa crescer urgente". O PSOL apresen-

LUCAS AGUAYO/AFP

ESTÁVEL Protestos no Peru: economia preservada em meio ao caos político

tou um projeto de lei para retirar a autonomia do BC. O senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP) levou a discussão a um terreno mais exótico, ao apresentar um ranking comparando a taxa de juros de 13,75% e inflação em 6,47% do Brasil com a Turquia, de juros de 9% e inflação de 84,39%, como forma de argumentar que taxas altas não controlam a inflação. Ele provavelmente não percebeu que o exemplo turco reflete justamente o desastre de um banco central controlado por um governante de poucos escrúpulos. Em março de 2021, o presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, demitiu o presidente da instituição, que havia levado as taxas a 19% — o terceiro afastado em dois anos. A substituição causou menos juros e muito mais inflação.

Ainda há esperanças de que Lula reduza o disparo de impropérios contra Campos Neto e recue do negacionismo econômico que encampou nos últimos dias *(leia a Carta*

ao Leitor, na pág. 7). Acompanhando o presidente em viagem aos Estados Unidos, a partir da quinta-feira 9, Haddad deve tentar sensibilizar o presidente para os riscos de tal tumulto. Em sua preleção poderia usar, por exemplo, o fato do tema da autonomia dos BCs já ter sido pacificada em outros países da América Latina — inclusive os socialistas. O Peru, hoje enrolado em uma crise política e institucional, cresce de forma consistente há cerca de três décadas, tendo multiplicado o seu PIB em seis vezes no período. O presidente do BC local, Julio Velarde, está no posto desde 2006 e a estabilidade atravessou governos de direita e de esquerda, impeachments, golpes e até o suicídio de um ex-presidente, graças à blindagem da economia. No Chile, o presidente esquerdista Gabriel Boric escolheu o presidente do BC do governo anterior como o seu ministro da Fazenda. "Existe uma ampla literatura acadêmica desde os anos 1990 apoiando a independência e autonomia dos bancos centrais. É amplamente aceito entre os economistas que a independência dos BCs os protege de pressões políticas, especialmente no fim dos mandatos", defende o ex-diretor do BC Tony Volpon. "É comum que políticos critiquem os presidentes dos BCs. Se a crítica permanecer no nível verbal, o mercado se acostumará, mas, se passar para ação, podem ocorrer problemas". No caso brasileiro, o mercado acompanha com atenção um movimento que indicará as intenções do governo. No próximo mês está prevista a troca de dois diretores da instituição. Se Lula forçar a escolha

por nomes mais alinhados a ideias que defendem juros artificialmente baixos será um péssimo sinal.

A obsessão do presidente com os juros altos chama particularmente a atenção, uma vez que o atual ocupante do Palácio do Planalto adotou em sua primeira Presidência, iniciada em 2003, uma postura bem mais comedida com rela-

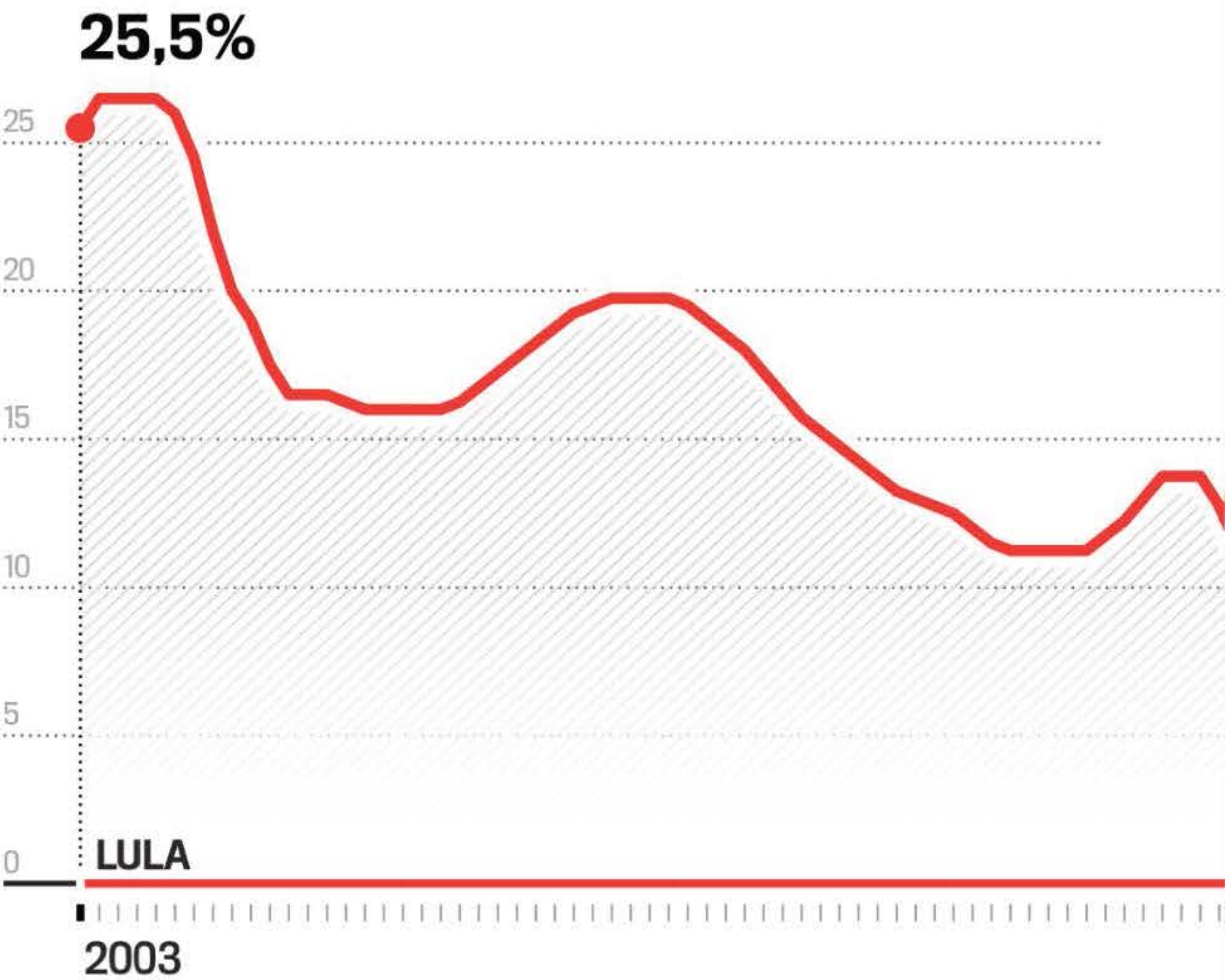
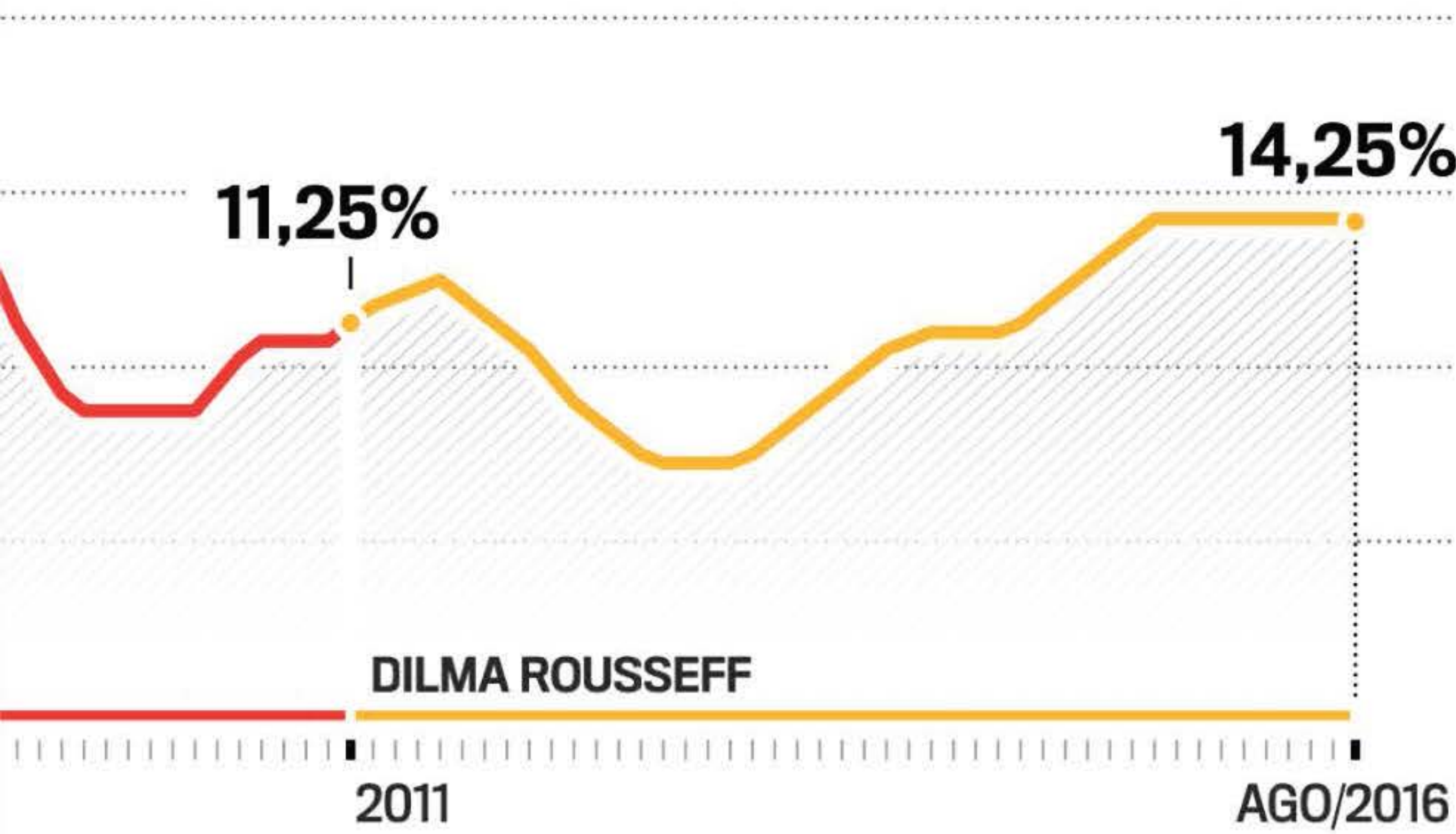
MOVIMENTO MONETÁRIO

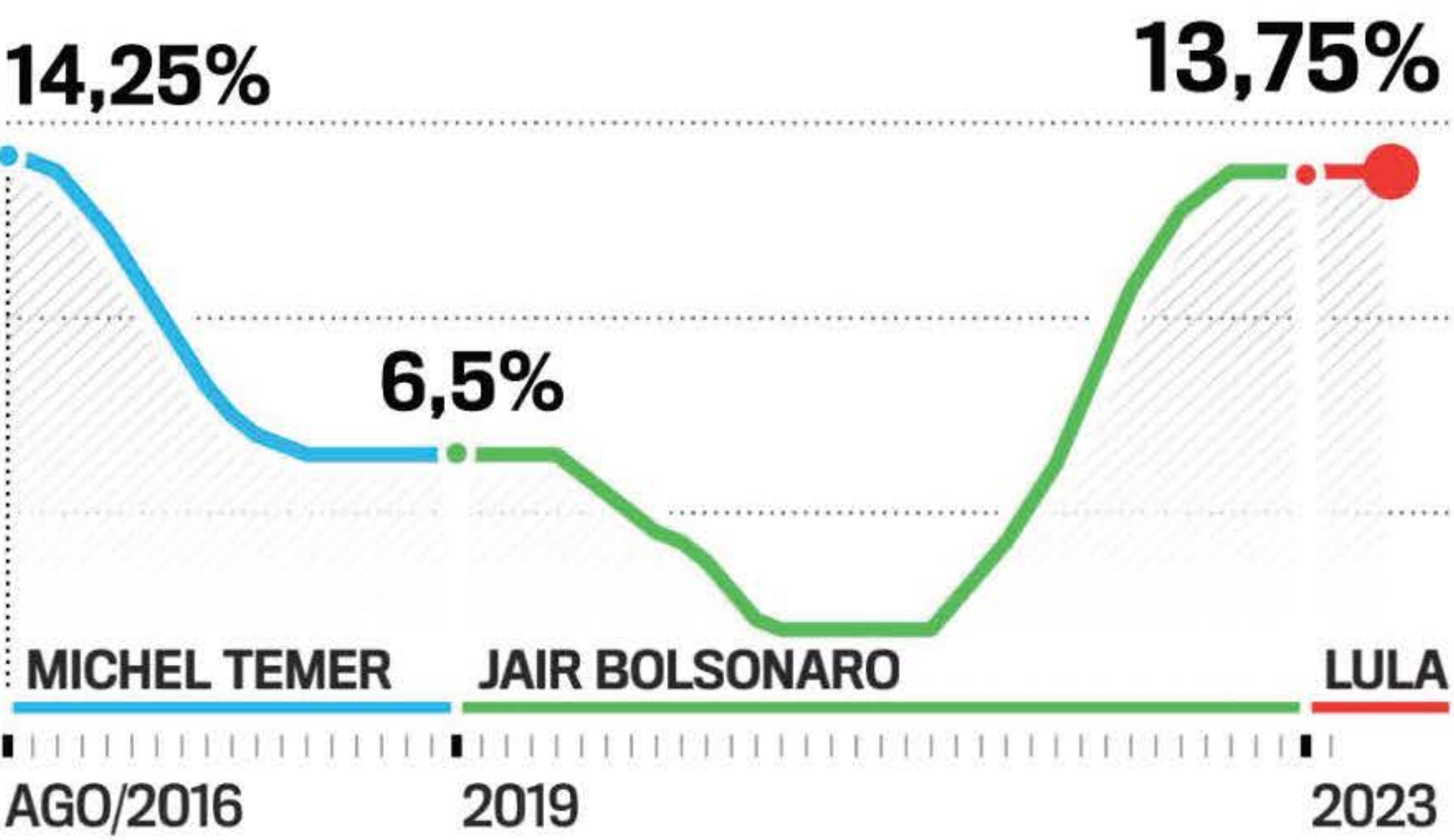
Evolução da taxa de juros Selic

25,5%

25
20
15
10
5
0

LULA

2003

ção às taxas estabelecidas pela instituição — naquele tempo a taxa era o dobro da atual. Na época, as críticas contra o chefe do BC, Henrique Meirelles, vinham apenas do vice-presidente José Alencar e de políticos do PT na forma de chumbo grosso. Hoje, além de Gleisi Hoffmann, o bunker anti-BC conta com a participação direta de Aloizio Mercadante, presidente do BNDES, que montou uma espécie de Ministério da Fazenda paralelo e gostaria de ver André Lara Resende no cargo *(leia o Radar, na pág. 20).* Exagerada e fora do tom, a explicação de tanta animosidade contra Campos Neto pode estar no fato de ele ser visto pela esquerda mais radical como um representante do inimigo. É citado

com frequência o fato de ele ter sido flagrado, em janeiro, como um participante de um grupo de WhatsApp de ministros de Bolsonaro. A pessoas próximas, Campos Neto diz que havia muito tempo não fazia comentários nesse grupo, a não ser banalidades como "Feliz Natal" e "Parabéns".

Mesmo na linha de tiro, o presidente do BC não vai abandonar a trincheira e tem indicado que, assim como suportou a pressão de bolsonaristas que chegaram a recomendar que deixasse o cargo após a vitória de Lula, ele pretende resistir à ofensiva do novo governo. Por justamente ser o primeiro presidente do BC autônomo, ele se sente incumbido da missão de estabelecer um precedente positivo para o país — ta-

Fonte: *Banco Central*

refa que está cumprindo com galhardia. Em privado, antecessores seus no cargo, da estirpe de Henrique Meirelles e Armínio Fraga, têm telefonado e mandado mensagens de apoio a sua resiliência, além de terem defendido publicamente seu posicionamento.

A questão é que a saraivada de balas de Lula contra o BC já se transformou em um tiro no próprio pé do presidente. A polêmica despropositada e fora de hora tem resultado exatamente naquilo que nem o governo, nem a sociedade, querem: uma expectativa maior de inflação e de taxas de juros altas por mais tempo. E justamente em um momento que se mostrava positivo para o Brasil. Nos últimos meses, os investidores internacionais passaram a ver os países emergentes com mais otimismo, por conta de circunstâncias que envolvem a economia dos Estados Unidos. A mudança de governo também foi bem recebida, por trazer um discurso mais responsável com o meio ambiente e mais afeito à estabilidade democrática. Nesse contexto, em janeiro, o Ibovespa subiu 3,37% e o dólar caiu 3,85%, abaixo da faixa de 5 reais. Com a ofensiva contra o BC, o dólar passou a rondar os 5,20 reais, e em duas semanas a projeção do mercado para o IPCA deste ano subiu de 5,48% para 5,78%. “As falas de Lula geram um ciclo que se retroalimenta, porque aumenta a pressão para que o BC aja com juros mais altos, a economia desacelera, e isso vai contra o objetivo do governo, que volta a criticar o BC”, comenta Fabio Kanczuk, chefe de macroeconomia da Asa Investments e ex-diretor do BC.

ALAN SANTOS/PR

A ORIGEM Campos Neto, Bolsonaro e Paulo Guedes: nomeação pelo governo anterior alimenta intrigas dos radicais

Mesmo para críticos do BC autônomo, a polêmica engendrada pelo presidente da República parece contraproducente. Mudanças de fato na autonomia do Banco, aprovada pelo Congresso e referendada pelo Supremo Tribunal Federal, ou ações para expulsar Campos Neto do comando da instituição consumiriam elevado capital político do governo, coisa que Lula não pode se dar ao luxo de desperdiçar. Afinal, o governo se prepara para enfrentar batalhas como a aprovação de uma reforma tributária e

ANDRESSA ANHOLETE/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

BUNKER ANTI-BC Aloizio Mercadante e Gleisi Hoffmann: ataques contra Campos Neto e a autonomia da autarquia partem principalmente da dupla

um novo arcabouço fiscal para substituir o teto de gastos. Ainda que tais argumentos não sejam suficientes, basta lembrar as consequências da última vez que o Palácio do Planalto influenciou a política de juros do país. Na ocasião, as taxas mantidas artificialmente baixas durante a Presidência de Dilma Rousseff, sob a gestão de Alexandre Tombini no BC, ajudaram a gestar uma crise econômica cujos efeitos afetam o Brasil — e Lula — até hoje. O alvo, definitivamente, está errado. ■

QUEBRA DE CONFIANÇA

Casos do Adani Group e da Americanas expõem a fragilidade do capitalismo nos países emergentes, com fraudes bilionárias e a certeza da impunidade **LUISA PURCHIO**

DERROCADA O indiano Adani: empresas do segundo homem mais rico do mundo perderam mais de 100 bilhões de dólares

ADANI ENTERPRISES LTD./AP/IMAGEPLUS

PAÍSES emergentes costumam ser vistos com certa desconfiança por investidores globais pelas fragilidades de seus sistemas de controle dos mercados financeiros, ainda distantes dos padrões dos países ricos. Ainda assim, episódios como o que envolveu o conglomerado indiano Adani Group, do empresário Gautam Adani, provocaram alvoroço inaudito nas maiores praças financeiras do planeta. O magnata, que chegou a figurar como o número 2 na lista dos homens mais ricos do mundo, foi acusado de fraude generalizada, manipulação de ações e lavagem de dinheiro pela Hindenburg Research, empresa de pesquisa e investimentos baseada em Nova York. A denúncia derrubou em 100 bilhões de dólares o valor do Adani Group, uma das estrelas corporativas da Ásia no setor de energia, óleo e gás, e pulverizou cerca de metade da fortuna do empresário, o equivalente a 60 bilhões de dólares.

De forma quase simultânea, ainda que em uma escala inferior de valores, o trio de bilionários brasileiros Jorge Paulo Lemann, Beto Sicupira e Marcel Telles, parceiros de investimentos do ícone americano Warren Buffett e acionistas de potentados globais como a AB InBev, Kraft Heinz e Burger King, se viu chamuscado por denúncia de fraude contábil em uma de suas grandes empresas no Brasil, a varejista Americanas. A empresa acabou vergando sob uma dívida de 40 bilhões de reais e entrou com pedido de recuperação judicial. Apesar de diferentes entre si, os dois casos acabaram acendendo o alerta vermelho dos fundos e bancos das principais centros financeiros do mundo.

Qualquer país, mesmo entre os mais desenvolvidos, é suscetível a fraudes corporativas e financeiras. Os recentes casos da Theranos, nos Estados Unidos, e da Wirecard, na Alemanha, são exemplos inequívocos do problema. Mas os últimos episódios chamam atenção por envolver empresários tão influentes, com fortunas portentosas e em operações que ludibriaram órgãos de controle, auditorias e investidores. Em ambos os casos, acabaram sendo expostas mazelas intrínsecas a países em que a expansão do mercado financeiro não acompanha a aplicação de práticas globais para o setor. O rombo da Americanas, por exemplo, deixou à mostra a constrangedora inépcia dos órgãos reguladores no Brasil. A principal entidade com essa finalidade, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM), tem orçamento e funcionários insuficientes frente à evolução do mercado de capitais no país, que passou por grande expansão nos anos de pandemia, com a chegada de novos investidores na bolsa e recordes de abertura de capital de empresas. "É preciso melhorar a lei de informações privilegiadas e prever punições mais severas a casos como o da Americanas, atribuindo-se responsabilidades e investigando-se a transparência das companhias que julgam riscos de crédito de uma empresa", afirma Roberto Teixeira da Costa, uma das maiores autoridades em regulação de mercado no país.

Em meio aos anglicismos que povoam o léxico do mercado financeiro, a expressão *crony capitalism* é a que define com maior precisão a fenomenal evolução do Adani Group.

EDITORA SEXTANTE/DIVULGAÇÃO

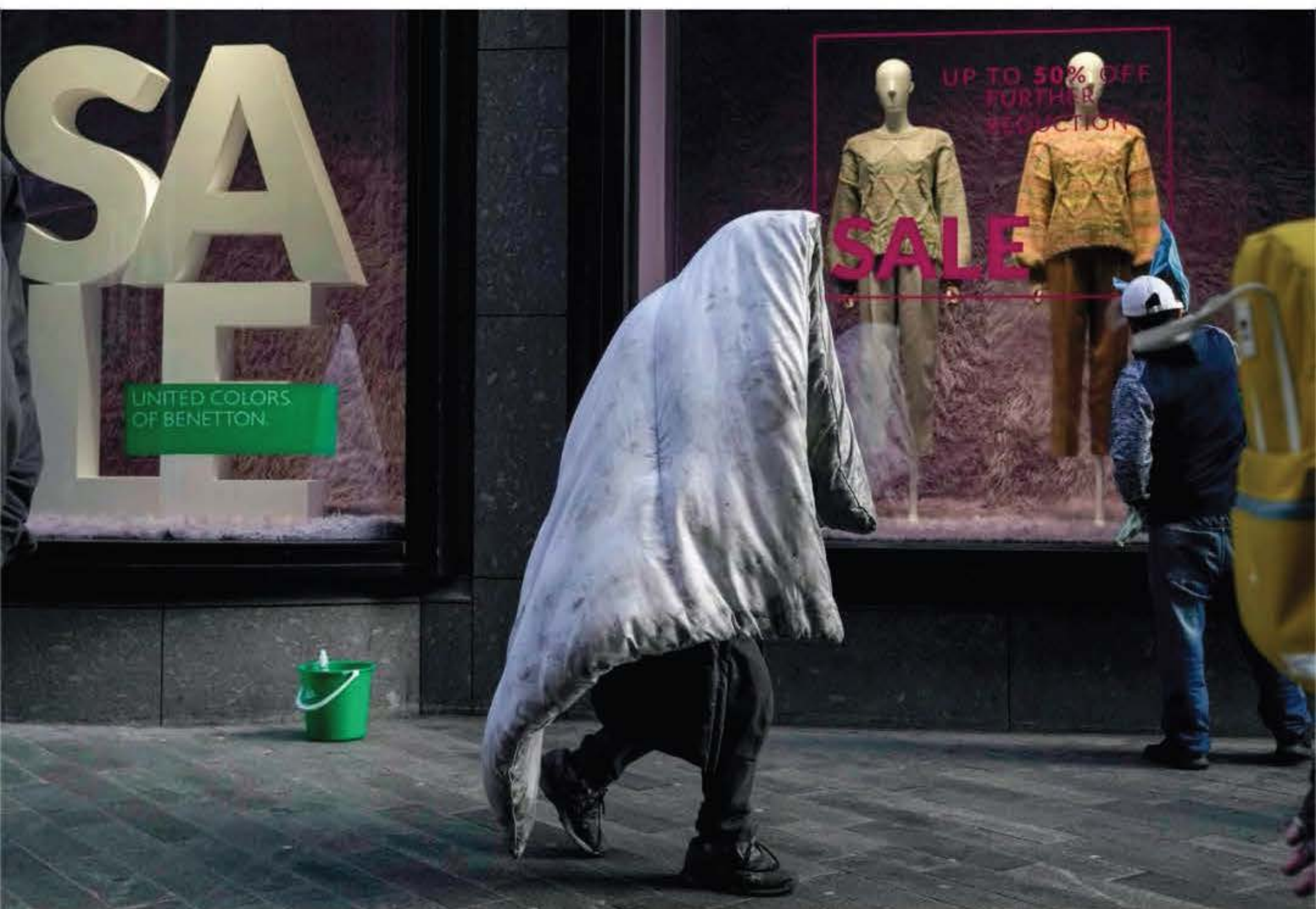
ROMBO Sicupira, Lemann e Telles: o lucro era deles, o prejuízo agora é de todos

Em português, o termo significa capitalismo de compadrio ou clientelista, em que um governo oferece vantagens a grupos empresariais amigos. "Na Índia, todos os empresários bem-sucedidos também estão próximos do sistema político que está no poder", diz Alok Churiwala, sócio-diretor da corretora indiana Churiwala Securities e ex-membro do Conselho da Bolsa de Valores de Mumbai (BSE).

Com negócios na área de petróleo e ramificações nos setores de infraestrutura e transportes e no mercado imobiliário, Gautam Adani teve a sua fortuna ampliada em 48,7 bilhões de dólares apenas em 2021. No ano seguinte, ele investiu firme em operações de importação de petróleo e gás a preços altamente competitivos da Rússia, impedida de negociar com o resto do planeta depois de invadir a Ucrânia. Muito do sucesso de Adani é atribuído à sua proximidade com o primeiro-ministro indiano, Narendra Modi. Antes de ocupar o posto, Modi foi governador de Gujarat, estado de origem do bilionário e unidade da federação onde ficam as sedes da maioria das empresas do grupo. Até as denúncias da Hindenburg Research, Adani era saudado como uma surpresa pelo universo das finanças, ávido por novas oportunidades e histórias. Com as acusações, sua trajetória acabou reforçando o velho preconceito de que homens de negócios de países periféricos nem sempre são confiáveis — uma mácula que pode atingir também o estelar trio de brasileiros. ■

TEMPESTADE PERFEITA

A economia britânica é a única entre os países ricos com projeção de crescimento negativo este ano, culpa da inflação mundial, da crise energética criada com a guerra na Ucrânia e, principalmente, da confusão do Brexit

CAIO SAAD

SEM RUMO Sem-teto em Londres: a alta do custo da comida e da energia aumentou a pobreza entre a população

KIN CHEUNG/AP/IMAGEPLUS

Para a atribulada economia mundial, entrevada pela nefasta conjunção de pandemia, inflação e crise energética, o ano começou com uma boa notícia: Estados Unidos, Europa e, agora, a China, livre da amarra da política de Covid Zero, esboçam uma reação mais animadora do que se previa. Segundo as últimas projeções do Fundo Monetário Internacional, em 2023 haverá um avanço econômico global de 2,9%, levemente acima do previsto em outubro. Entre os países ricos, só um destoa dessa perspectiva melhor do que a esperada: o Reino Unido, única nação do G7 para a qual o FMI antecipa não um aumento, mas uma retração de 0,5% na atividade econômica.

O desânimo e a insatisfação com os índices britânicos são visíveis na disparada dos preços (10,7%, a maior dos últimos quarenta anos), na queda dos investimentos (9% abaixo do nível pré-pandemia) e na redução das exportações (4,8%) e das importações (6,1%) — e afloram entre a população na forma de greves. No início do mês, mais de 500 000 pessoas cruzaram os braços na maior paralisação desde 2011, comandada por professores, funcionários públicos e ferroviários.

Os grevistas reivindicam aumento de salário, diante da alta de 80% na conta de luz nos últimos quatro meses e dos gastos com comida, que subiram 6 bilhões de libras entre 2019 e 2022. A paralisação mais ampla afeta o sistema de saúde pública, um orgulho nacional no passado

JESSICA TAYLOR/UK PARLIAMENT/AFP

DIFICULDADE
O primeiro-ministro Sunak: plano frágil contra a crise e rebelião no Partido Conservador

que vem se deteriorando há tempos e despencou para o caos na pandemia devido à escassez generalizada de profissionais desencantados com a inação do governo — em uma semana conturbada, pararam, ao mesmo tempo, enfermeiros, motoristas de ambulância e fisioterapeutas na maior greve do setor na história do país. Estima-se que em dezembro 500 pessoas morreram aguardando atendimento em prontos-socorros, e a lista de espera de tratamentos passa de 7 milhões. "Não temos mão de obra suficiente nem tempo para atender todo mundo", resume uma médica britânico-brasileira que atua na grande Londres há duas décadas e prefere não dar o nome.

Sem perspectiva de forte reação econômica à vista, o futuro pode ser sombrio: um trabalho acadêmico divulgado pelo *Financial Times* calcula que em dois anos a família média britânica terá padrão de vida abaixo do da eslovena e, até o fim da década, será mais pobre do que a polonesa. Diversos fatores se uniram para deslanchar a crise britânica. A ilha foi particularmente afetada pela

NEAL/GETTY IMAGES

INSATISFAÇÃO Grevistas protestam: 500 000 nas ruas por maiores salários

disseminação da Covid-19, que impôs um rigoroso e prolongado *lockdown*. A produção de petróleo e gás no Mar do Norte, que supre 40% da demanda, sofreu um baque por causa de falhas na manutenção de plataformas, situação agravada pelo corte do fornecimento russo em represália à invasão da Ucrânia. Pairando sobre tudo isso, porém, estão os problemas trazidos pelo Brexit, a separação da União Europeia que acaba de completar três anos. Pesquisa recente mostra que, de cada três britânicos que apoiaram a saída, só um continua a achá-la positiva.

A principal promessa dos conservadores pró-Brexit que governam o país desde a aprovação do divórcio era li-

berar a economia das amarras da UE, tornando o Reino Unido mais "ágil" no cenário mundial. Na prática aconteceu o contrário: os custos e a burocracia se ampliaram e as trocas internacionais refluíram. "Está cada vez mais claro que o Brexit não reduziu gastos, não liberou o comércio e não reforçou nossa soberania. Ele não passa de um esquema de pirâmide político", critica Nick Westcott, da London School of Economics. A mão de obra vinda de outros países do bloco perdeu benefícios e optou por retornar, deixando o Reino Unido com um déficit de 370 000 trabalhadores. "Vemos diariamente provas de que o Brexit deixou o país mais pobre, mais fraco, menos eficiente e menos respeitado no mundo. Foi o maior ato de autoflagelação nacional já registrado", diz Alastair Campbell, marqueteiro do ex-primeiro-ministro Tony Blair.

Ao completar 100 dias de governo, o primeiro-ministro Rishi Sunak tenta pôr em prática um plano de cinco pontos que prevê mais recursos em energia e saúde e estímulos à indústria e ao comércio, mas são poucas as chances de obter resultados em um cenário de inflação acelerada, juros em alta (foram dez aumentos seguidos) e investidores em debandada — sem falar nas rivalidades internas do Partido Conservador. Lema adotado durante a II Guerra e disseminado mundo afora, "Fique calmo e siga em frente" é recomendação cada vez mais difícil de ser seguida no Reino Unido. ■

PANELA DE PRESSÃO

Uma escalada de violência e mortes dá o tom do início do sexto governo comandado por Benjamin Netanyahu, o mais radical e nacionalista da história do país

AMANDA PÉCHY

AVE, BIBI Manifestação em Tel Aviv: a população de Israel reage ao projeto que limita a independência do Judiciário

JACK GUEZ/AFP

PASSADO um mês da instalação da mais extremista coalizão de governo já vista em Israel, a trágica espiral de conflito nas eternamente tensas relações entre israelenses e palestinos voltou a girar mais rápido. No final de janeiro, uma operação do Exército de busca de militantes do grupo terrorista Jihad Islâmica Palestina resultou em dez mortos e vinte feridos no campo de refugiados de Jenin, na Cisjordânia, área sob ocupação desde a guerra de 1967. No dia seguinte, a fatia oriental de Jerusalém, de maioria árabe, foi palco do pior ataque terrorista em quinze anos, quando um atirador matou sete pessoas em uma sinagoga. Ao longo das últimas semanas, aumentou de frequência e intensidade a rotina de choques na região ocupada, onde jovens palestinos se organizam em novos grupos radicais e colonos judeus reforçam os assentamentos existentes e se empenham em expandir sua presença no território. Também voltaram a chover foguetes disparados de Gaza, rebatidos por ataques da Força Aérea israelense.

A atual escalada de violência é reflexo da configuração de poder neste sexto mandato do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, que, para conseguir o cargo, costurou uma coalizão com o Sionismo Religioso, fusão de três partidos radicais nanicos, até então relegados às franjas do sistema político, que compactuam posições ultranacionalistas e antiárabes. Entre as figuras controversas nomeadas para cargos de liderança está Itamar Ben-Gvir, titular do Ministério de Segurança, que controla as ações da polícia.

MAHMUD HAMS/AFP

TENSÃO Ataque aéreo em Gaza: as hostilidades se intensificam

Ex-colono, adepto da ideia de que a Cisjordânia é parte integrante da Israel bíblica, Ben-Gvir — que começou a carreira no Kach, movimento que acabou banido e classificado de organização terrorista — defende a imunidade para as forças de segurança no exercício da função, apoia a pena capital para palestinos que matem israelenses e instruiu seus comandados a intensificar a destruição de casas de famílias palestinas em situação supostamente irregular na cidade. Outro ex-colono, Bezalel Smotrich, assumiu a chefia da seção do Ministério da Defesa que fiscaliza construções e demolições na Cisjordânia.

Fazem parte da declaração de intenções do novo governo a reafirmação do direito exclusivo dos judeus à Cisjordânia e o compromisso de anexar oficialmente o território e legalizar os inúmeros assentamentos irregulares lá instalados. Netanyahu insiste em afirmar que não apoia medidas drásticas, mas, para se manter no governo, após sucessivos colapsos de coalizões e cinco eleições nacionais desde 2019, e garantir a rara maioria de 64 dos 120 assentos no Parlamento, precisa ceder a demandas dos seus controversos aliados. "Ele é uma espécie de refém, o que não quer dizer que não esteja atendendo a seus próprios interesses", diz Liron Lavi, professor de ciência política da Universidade Bar-Ilan, em Tel Aviv. Entra nessa conta a reforma do sistema judiciário, que tem tudo para beneficiar o primeiro-ministro enrolado em três processos por corrupção.

Netanyahu jura que a reforma é bandeira dos colegas de coalizão e que não vai interferir no processo, mas seu ministro da Justiça, Yariv Levin, está determinado a restringir os poderes da Suprema Corte, um órgão sério e independente, introduzindo uma "cláusula de substituição" que permitiria ao Parlamento aprovar leis consideradas inconstitucionais e nomear juízes, impedindo ao mesmo tempo o tribunal de anular decisões parlamentares. Parceiros fiéis e cruciais de Israel, os Estados Unidos despacharam o secretário de Estado, Antony Blinken, para uma conversa em tom de advertência com Netanyahu. Blinken

insistiu na defesa da solução de dois Estados para o conflito com os palestinos, lembrando que “é preciso acalmar as tensões, em vez de aumentá-las”, e ressaltou a importância dos “princípios e instituições democráticas essenciais”, em referência indireta à reforma judicial. Em paralelo, boa parte da população vem participando de uma onda de protestos contra a ameaça à independência do Judiciário que reuniu mais de 100 000 pessoas em Tel Aviv no sábado 4. Em cartas abertas, dois ex-presidentes do Banco Central e 370 economistas alertaram para o fato de que, ao enfraquecer a Suprema Corte, o governo torna Israel menos atraente para investidores, prejudicando a economia nacional. Resta ver até que ponto essas ponderações conseguirão impedir que Netanyahu e aliados abram rachaduras nos alicerces da democracia mais sólida da região. ■

VALMIR MORATELLI

SAMBA DE DUAS NOTAS

A Acadêmicos do Grande Rio, atual campeã do Carnaval carioca, fez uma manobra ousada — convidou **YASMIN BRUNET,** 34, e Gabriela Versiani, 24, para o papel de musas na avenida. Detalhe: Yasmin, notória ciumenta, é ex-mulher do surfista Gabriel Medina, que agora namora Gabriela. Sobre a dobradinha no samba, a modelo prefere desviar-se das polêmicas. "Quero me divertir e vou dar o melhor de mim", promete, civilizadamente. E arremata: "Acho incrível que tenha espaço para todo mundo." Medina assistirá a tudo na santa paz do camarote.

INSTAGRAM @YASMINBRUNET

ALASTAIR GRANT/POOL/AFP

COMANDANTE DA GUARDA

Em seu primeiro compromisso desacompanhada como rainha consorte, **CAMILLA,** 75 anos, posou orgulhosa ao lado de soldados no quartel do primeiro regimento da Guarda Real dos Granadeiros – aqueles que, em desfiles e ocasiões formais, usam uniforme vermelho e equilibram um "quepe" alto de pelo de urso na cabeça. De casaco de lã vermelho e botas pretas, a coronel Camilla distribuiu sorrisos e medalhas – a patente lhe foi outorgada ao se tornar comandante dos granadeiros. Detalhe: o posto honorário foi herdado do príncipe Andrew, que perdeu todas as suas honrarias militares ao cair no ostracismo real por seu envolvimento com o esquema do abusador serial de menores americano Jeffrey Epstein.

VINICIUS MOCHIZUKI

TUDO DOCUMENTADO

Depois de um hiato de sete anos longe da passarela do samba, onde já empunhou o cetro de rainha de bateria, **ADRIANE GALISTEU,** 49, retorna como musa da Portela. Sua extenuante rotina para encarar os indiscretos holofotes está sendo registrada 24 horas por dia, em um reality para o canal E! Entertainment que exibe, entre outras iniciativas, sua minguada dieta e a malhação pesada, maratona regida por uma equipe de doze pessoas. Desta vez, o filho, Vittorio, 12 anos, também vai desfilar. "Já aprendeu o samba e diz que será meu diretor", conta a toda prosa apresentadora.

PRÊMIO DE CONSOLAÇÃO

Mesmo sem levar o Grammy de artista revelação, para o qual era indicada, **ANITTA,** 29, não perdeu a pose, a bordo de um Versace que exigiu ajuda para que a combinação de cauda e fenda se mantivesse na linha. Derrotada, não passou recibo: "Para meu país estou fazendo história", afirmou, avisando a vizinhos de mesa, como Laverne Cox, que só queria saber de se esbaldar na festa pós-premiação. A atriz americana lhe indagou: "Como consegue beber tanto e manter a forma?". E ouviu: "Como não? Eu vim para isso". ■

AXELLE/FILMMAGIC/GETTY IMAGES

O BARATO É CURAR

Aprovação de projeto de lei que vai distribuir medicamentos à base de *Cannabis* no SUS amplia o debate sobre o acesso à planta que já se mostrou eficaz em diversos tratamentos

ANDRÉ SOLLITTO

Nestes tempos de sensibilidades à flor da pele, preconceitos de todos os tipos e estigmas difíceis de quebrar, não custa ir logo avisando: a maconha é, sob diversos aspectos, uma planta extraordinária. Domesticada na China provavelmente há 12 000 anos, ela tem algo como 480 compostos químicos. Até hoje, contudo, a ciência não tem ideia completa e exata a respeito dos efeitos e eventuais utilidades de boa parte deles. No entanto, dois desses elementos tiveram seu uso consagrado ao longo da história. O THC, ou tetra-hidrocanabinol, tem propriedades alucinógenas que lhe conferiram reconhecimento em qualquer canto do mundo. É ele que produz o famoso "barato", que fascina rebeldes — e até não rebeldes, diga-se — de todas as idades. O segundo componente químico, aquele que estará no foco desta reportagem, é diferen-

EM GOTAS A planta e o remédio: revolução para quem trata diversas doenças

ISTOCK/GETTY IMAGES

O PODER DA PLANTA

Os componentes químicos e os principais distúrbios tratados pela *Cannabis*

Nome científico:
CANNABIS SATIVA L.

Características: existem 120 fitocanabinoides (compostos químicos) identificados na *Cannabis*, mas o CBD e o THC são os mais estudados

THC: associado ao consumo recreativo da planta, tem efeito anti-inflamatório e relaxa os músculos. É o responsável pelo famoso "barato"

CBD (canabidiol): age de forma diferente e não provoca efeitos alucinógenos. O composto é usado na fabricação de diversos medicamentos

Distúrbios tratados pelo CBD com farta evidência científica: EPILEPSIA, DOR NEUROPÁTICA, AUTISMO, ANSIEDADE, DISTÚRBIOS DO SONO, DOR CRÔNICA

te. Trata-se do CBD, abreviação para canabidiol, palavra que provoca arrepios nas mentes mais ressabiadas. Pois bem: o CBD, e eis aqui um ponto fundamental, não provoca efeitos alucinógenos. Na verdade, ele sugere algo ainda mais surpreendente: ostenta propriedades medicinais capazes de combater diversos males que afligem a humanidade.

Isso é sabido há um bom tempo, mas o que está em curso agora é algo bastante diferente. A ciência, enfim, tem elementos suficientes para comprovar a eficácia do canabidiol em inúmeros tratamentos, a comunidade médica começa a se render aos remédios concebidos a partir da *Cannabis* e um vigoroso mercado formado por laboratórios, gigantes farmacêuticas e startups dá novo impulso ao setor. O Brasil está no centro dessa transformação.

A história da *Cannabis* medicinal no país pode ser contada a partir de alguns marcos decisivos. Das pesquisas pioneiras do médico Elisaldo Carlini (1930-2020), responsável por comprovar os benefícios do canabidiol para controle de crises convulsivas ainda na década de 80, à publicação das primeiras normas para importação de medicamentos à base de canabidiol pela Anvisa, em 2015, a planta vem conquistando seu espaço. Um projeto de lei aprovado pela Assembleia Legislativa de São Paulo em dezembro de 2022 e sancionado pelo governador do estado, Tarcísio de Freitas (Republicanos), em 31 de janeiro deste ano, é o mais recente capítulo na história. E provavelmente o mais eficaz para impulsionar o uso da *Cannabis* medicinal. A legislação estabe-

KYLE GRILLOT/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

CONSUMO ADULTO Café na Califórnia: EUA têm legislação amigável

O USO RECREATIVO

Além da discussão sobre os benefícios da *Cannabis* medicinal, outro debate costuma correr em paralelo: a liberação de seu uso adulto, ou recreativo. Trata-se do consumo de variedades de alto teor de THC, o composto responsável pelo "barato". Em mercados em que o uso é liberado, há dezenas de variedades, com efeitos específicos descritos nas embalagens, de opções relaxantes a estimulantes, além de versões comestíveis que pare-

cem balas de goma. Na América Latina, o principal exemplo de mercado maduro é o Uruguai, pioneiro na legalização da maconha, em 2013. O México também descriminalizou o consumo em 2021. Nos Estados Unidos, 21 estados, como Califórnia e Colorado, permitem o consumo recreativo. Na Europa, a referência é a Holanda, onde o consumo de drogas leves, como a maconha, é tolerado, principalmente nos coffee shops. Outros países, como Austrália, também discutem leis semelhantes. Contudo, o tema pressupõe posturas mercuriais.

A liberação do consumo tem defensores e críticos ferozes. Os detratores dizem que ela pode prejudicar o desenvolvimento de adolescentes, diminuir a motivação e abrir a porta para drogas mais pesadas. Faltam dados para confirmar essas afirmações, e não há nenhum registro médico de overdose. Do lado dos defensores, afirma-se que a liberação reduziria o poder do crime organizado e levaria produtos de qualidade comprovada ao usuário, além de gerar retorno ao Estado por meio de impostos. Existem exemplos positivos da legalização e da descriminalização, como no Canadá, que já discute a liberação de outras substâncias psicodélicas. Mas é uma discussão complexa que deve ser feita em conjunto com a sociedade. Para especialistas brasileiros, a legislação está longe de avançar, já que o estigma da maconha, embora esteja diminuindo, aos poucos, ainda é muito presente na sociedade, especialmente quando associado ao consumo de entorpecentes.

lece a política de fornecimento gratuito desses medicamentos nas unidades de saúde pública e privadas conveniadas ao SUS. Não deixa de ser irônico: um político à direita no espectro ideológico sancionou um projeto até então ignorado por colegas mais ao centro e à esquerda.

Há longo caminho a ser percorrido antes que os remédios estejam disponíveis sem que seja preciso pagar altos custos de importação ou entrar na Justiça para exigir que o Estado financie o tratamento. A regulamentação ainda depende de ajustes, e o sucesso da aplicação da lei depende de sua robustez. Não se sabe quais condições serão contempladas, nem quais os produtos aprovados pela Anvisa serão fornecidos. A decisão, contudo, já teve efeito imediato e inequívoco: trouxe a *Cannabis* medicinal, novamente, para o centro do debate público. "É um ato simbólico, muito relevante para o mercado, porque se trata da maior economia do país", afirma Tarso Araújo, diretor-executivo da BRCann, associação de empresas do setor de *Cannabis* medicinal no Brasil. "Ainda mais quando falamos de uma planta ainda estigmatizada."

O estigma vem do desconhecimento. A maconha sofreu uma das maiores campanhas de desinformação de que se tem notícia. Associada ao consumo de drogas, foi proibida na maioria dos países como uma substância perigosa. Hoje em dia, já se sabe que classificá-la apenas como entorpecente é um equívoco, pois sua vertente medicinal vem ganhando relevância no tratamento de uma crescente variedade de

JASON ALDEN/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

BOM NEGÓCIO Fábrica da GW: maior produtora de *Cannabis* medicinal do planeta

males. O interessante é que a vocação do produto para aliviar sintomas de doenças é conhecida há um bom tempo. No Brasil, cigarros contendo a planta chegaram a ser vendidos no início do século XX como solução para inúmeros problemas, de dor de cabeça a cansaço.

À medida que as proibições contra a *Cannabis* foram sendo retiradas, a quantidade de pesquisas aumentou. Apenas no ano passado foram produzidos 4 300 estudos científicos sobre o tema. Como resultado, existe farta evidência que comprova os benefícios para o tratamento de

diversas condições. O principal uso é em pacientes com epilepsia refratária, que não respondem a outras terapias. Também é utilizada para pessoas com dor neuropática. E tem apresentado resultados impressionantes no tratamento de pacientes autistas. Há ainda forte evidência que aponta para a redução de sintomas de ansiedade e dor crônica. Embora seja oferecida como terapia para Parkinson e Alzheimer, não afeta a evolução de nenhuma delas, mas pode oferecer benefícios no bem-estar, um tópico subjetivo, que varia a cada paciente Não há — ainda — evidências que sustentem seu uso para o tratamento de câncer ou depressão. “É fundamental entender que a *Cannabis* não é uma panaceia, um remédio milagroso para todos os males”, diz o neurologista Renato Anghinah, pesquisador do tema.

REFERÊNCIA O brasileiro Elisaldo Carlini: pioneiro nos estudos sobre o potencial medicinal da *Cannabis*

Quando prescrita de forma correta, no entanto, a planta pode oferecer resultados surpreendentes. Há inúmeros relatos de pacientes que tiveram melhora expressiva na qualidade de vida. O governador Tarcísio de Freitas revelou que seu

O TAMANHO DO MERCADO

O setor está em ascensão no Brasil e no mundo

362,9 MILHÕES DE REAIS
FOI QUANTO OS REMÉDIOS FEITOS A PARTIR DO CANABIDIOL MOVIMENTARAM NO PAÍS EM 2022

....

917,2 MILHÕES DE REAIS
É A PROJEÇÃO DE NEGÓCIOS EM 2023

....

187 500 BRASILEIROS
USAM REGULARMENTE MEDICAMENTOS À BASE DE *CANNABIS*

....

22,2 MILHÕES DE REAIS
INVESTIDOS EM STARTUPS DO SETOR APENAS EM 2022

....

16,7 BILHÕES DE DÓLARES
FOI O FATURAMENTO GLOBAL DO SEGMENTO EM 2022

sobrinho tem síndrome de Dravet e sofria com crises de epilepsia constantes que só melhoraram depois do tratamento com *Cannabis*. A especialista em direitos autorais Mary Barbosa, mãe de Antônio, uma criança de 3 anos e 5 meses diagnosticada com autismo, tentou inúmeros métodos tradicionais antes de buscar remédios à base de *Cannabis*. O medicamento mudou a vida de seu filho *(leia no quadro à esq.)*.

O paciente costuma percorrer um caminho tortuoso antes de conseguir ser medicado com *Cannabis*. Até o fim de 2022, a Anvisa havia aprovado 23 remédios para fabricação no Brasil, além de permitir a importação de muitos outros. O primeiro passo é encontrar um médico prescritor. Com a receita, é possível comprar o remédio na farmácia, se ele estiver disponível, ou fazer a importação. Há um trâmite legal chato e demorado, mas que vem sendo facilitado pelo site da Anvisa. Existem empresas que prestam esses serviços, desde a indicação de um profissional de saúde até a burocracia da importação. Em média, os medicamentos são recebidos em até vinte dias após a emissão da receita. "É preciso trabalhar a acessibilidade desses produtos, desde a informação até os meios de pagamento", diz Fabrizio Postiglione, CEO da Remederi, empresa que oferece esses serviços. O preço é outra barreira. São remédios caros, que podem custar até 3 000 reais. Existem associações que buscam auxiliar pacientes que precisam dos medicamentos. Outra solução é entrar na Justiça e obrigar o Estado a pagar o tratamento.

KAIO LAKAIO

MELHOR QUALIDADE DE VIDA

Nos primeiros meses de vida do filho **Antônio**, de 3 anos, a especialista em direitos autorais **Mary Barbosa** percebeu comportamentos que a fizeram procurar por profissionais. "Ele não fixava o olhar, demorava para andar e falar", conta. No início, a criança acordava mais de dez vezes toda noite, e não conseguia descansar. Foi preciso passar por vários psicólogos e neuropediatras até receber o diagnóstico de autismo. Antônio passou a fazer terapia ocupacional, mas sem muito avanço. "Eu havia lido sobre óleo de *Cannabis* e resolvi fazer uma consulta", diz ela. O uso do remédio, associado à terapia, foi surpreendente. Agora, ele está mais calmo, melhorou a comunicação verbal, o nível de concentração e o sono. Amigos e familiares são unânimes em apontar a transformação. "Espero que mais pessoas conheçam os benefícios do óleo de canabidiol", diz Mary.

CIETE SILVÉRIO/GOVERNO DO ESTADO DE SP

MARCO Governador Tarcísio de Freitas sanciona lei: inspirado pelo sobrinho

Ainda é cedo para entender de que maneira a distribuição de medicamentos pelo SUS vai impactar o mercado. Especialistas apontam que, de imediato, a busca por capacitação deverá aumentar. A Universidade de São Paulo passou recentemente a oferecer um curso de "medicina canabinoide" para profissionais do setor de saúde. Existem também outras iniciativas privadas, como a Dr. Cannabis, ligada ao grupo Cannect, destinado ao assunto, que abriu um curso introdutório para profissionais do SUS interessados em prescrever medicamentos canábicos. "Planejamos fazer uma turma de cinquenta alunos, mas já recebemos mais de 600 interessados em vários estados", afirma Allan Paiotti, CEO da Cannect.

Saber prescrever é apenas o primeiro passo. Também é imprescindível acompanhar os pacientes ao longo do tratamento, o que exige a formação de equipes multidisciplinares, com farmacêuticos e enfermeiros. “Para vários pacientes, a *Cannabis* é a última esperança depois de diversos tratamentos”, afirma a médica especializada no tema Carolina Nocetti. “Por isso, é preciso responsabilidade para acompanhá-los de forma séria e não acabar com a esperança de famílias.”

LIBERADO Cigarros de *Cannabis:* vendidos nas farmácias brasileiras no início do século XX

À medida que o mercado amadurece, aumentam também as oportunidades de negócios. No mundo, o setor de *Cannabis* movimentou 16,7 bilhões de dólares no ano passado, um recorde. Além do uso recreativo, ou adulto *(leia o quadro na pág. 58),* a maconha também pode ser usada como substituto para o plástico e utilizada na fabricação de fibras. “A pauta moral tem sido um fator em toda e qualquer discussão sobre *Cannabis*”, diz Maria Eugênia Riscala, CEO da Kaya Mind, empresa que compila dados do setor. “Mas isso não pode ser um limitador para a medicina e a indústria como um todo”. Ou seja: é preciso deixar os preconceitos de lado e explorar todo o potencial de uma planta que pode mudar a vida de milhões de pessoas. ■

A HORA DE PARAR

A renúncia da celebrada primeira-ministra Jacinda Ardern, da Nova Zelândia, causou espanto e faz refletir sobre a dura decisão de dar um basta ao poder

DUDA MONTEIRO DE BARROS E **MAFE FIRPO**

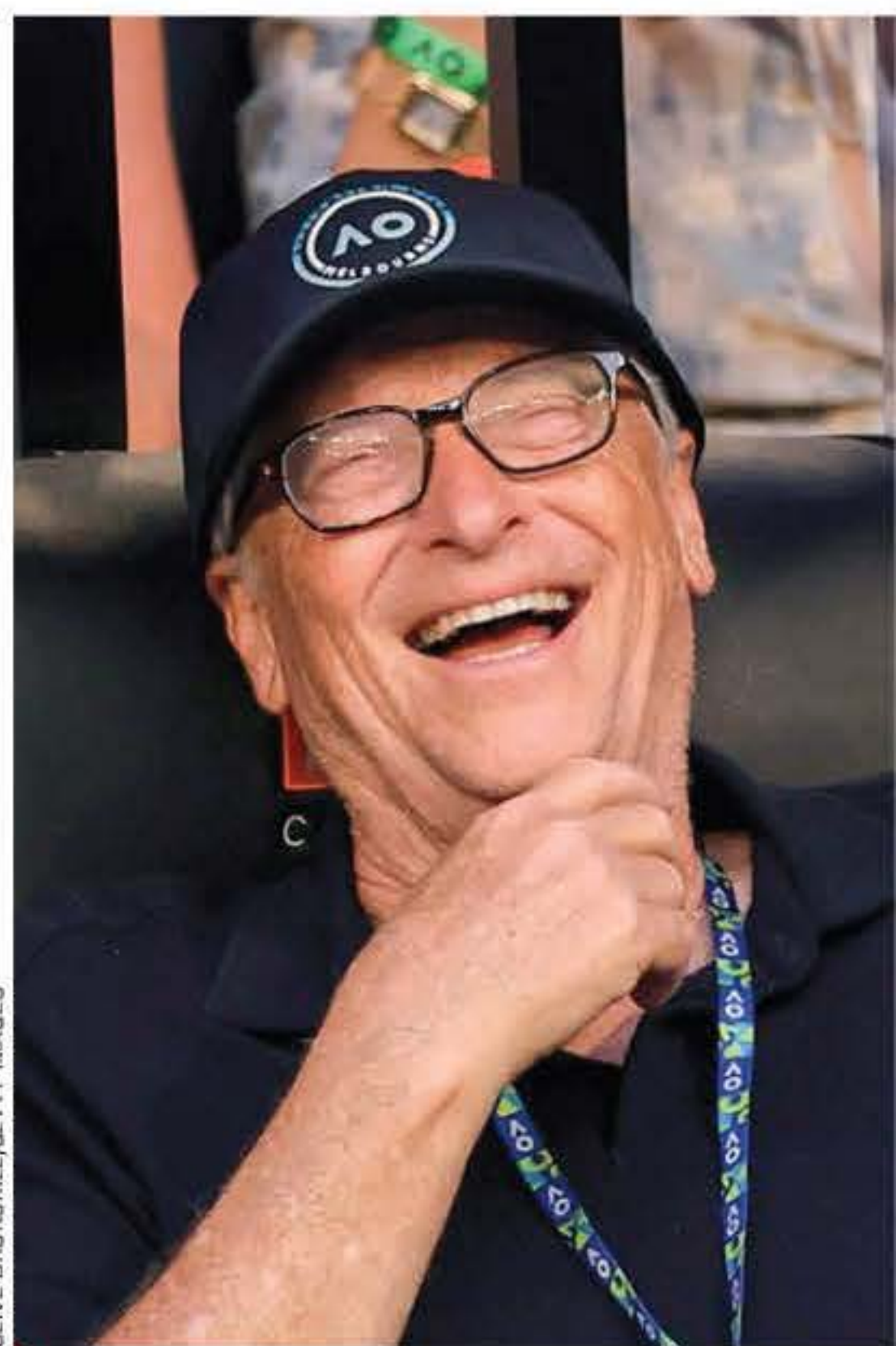
HAGEN HOPKINS/GETTY IMAGES

“Estou saindo porque, com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades – inclusive a de saber quando você é a pessoa certa para liderar e quando não é. Eu sei que não tenho mais o combustível necessário para fazer esse trabalho da melhor forma.”

Jacinda Ardern, 42 anos, ao anunciar sua renúncia ao posto de primeira-ministra da Nova Zelândia, em 19 de janeiro.

QUANDO ASSUMIU a cadeira de primeira-ministra da Nova Zelândia, Jacinda Ardern, então com 37 anos, era a líder mais jovem do planeta nessa posição e chamava a atenção por agir como uma poderosa com os pés no chão. Sua visibilidade disparou na pandemia, ao conseguir frear a disseminação do vírus em seu país à base de uma rígida política de *lockdowns*. Mais tarde, cobraria seu preço, levando a aprazível ilha do Pacífico que comandava a atravessar uma crise econômica à qual não estava habituada. E a premiê, que havia inspirado a onda global “jacindomania”, viu-se de repente

na mira da crítica. São trovoadas comuns para gente do cacife dela, mas Jacinda surpreendeu ao vir a público com a voz embargada anunciar que chegara ao limite: "Não tenho mais o combustível necessário para fazer esse trabalho da melhor forma", disse. No dia 25 de janeiro, deixou o cargo e uma reflexão ao restante dos mortais sobre conseguir abrir mão de prestígio e poder em nome de itens mais abstratos, como paz interior e sintonia consigo mesmo.

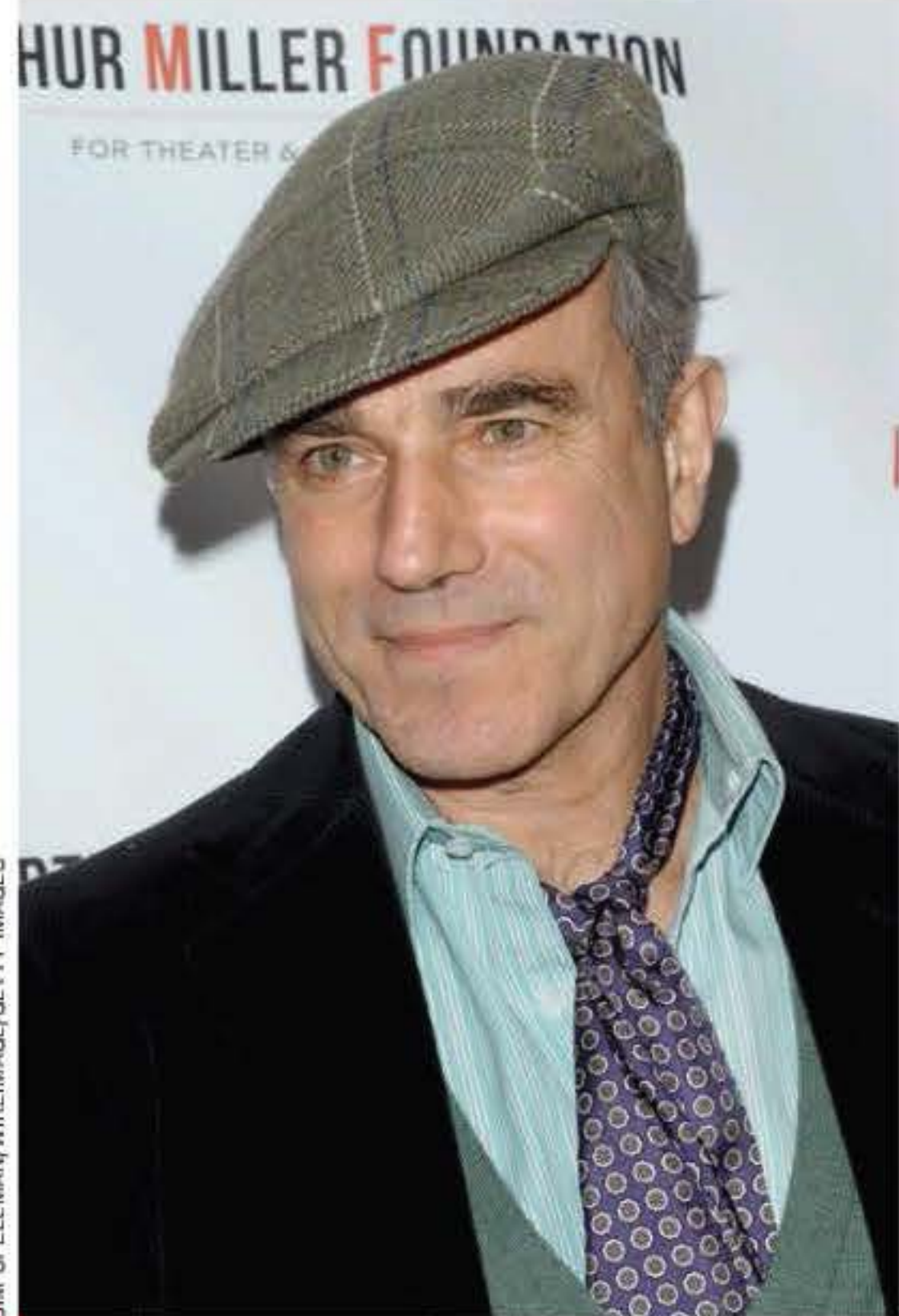
A ala dos sociólogos dedicada às questões do mundo do trabalho vem alertando para os perigos embutidos na associação automática que se faz entre desistir e fracassar, como se fossem sinônimos. Na verdade, eles enfatizam, saber a hora de parar é um ato de grandeza e até generosidade consigo mesmo, uma vez que romper ciclos incômodos pode se desdobrar em uma vida melhor. "É difícil quebrar a lógica de que é preciso estar no topo para ser reconhecido como alguém de su-

CLIVE BRUNSKILL/GETTY IMAGES

SAÍDA PRECOCE

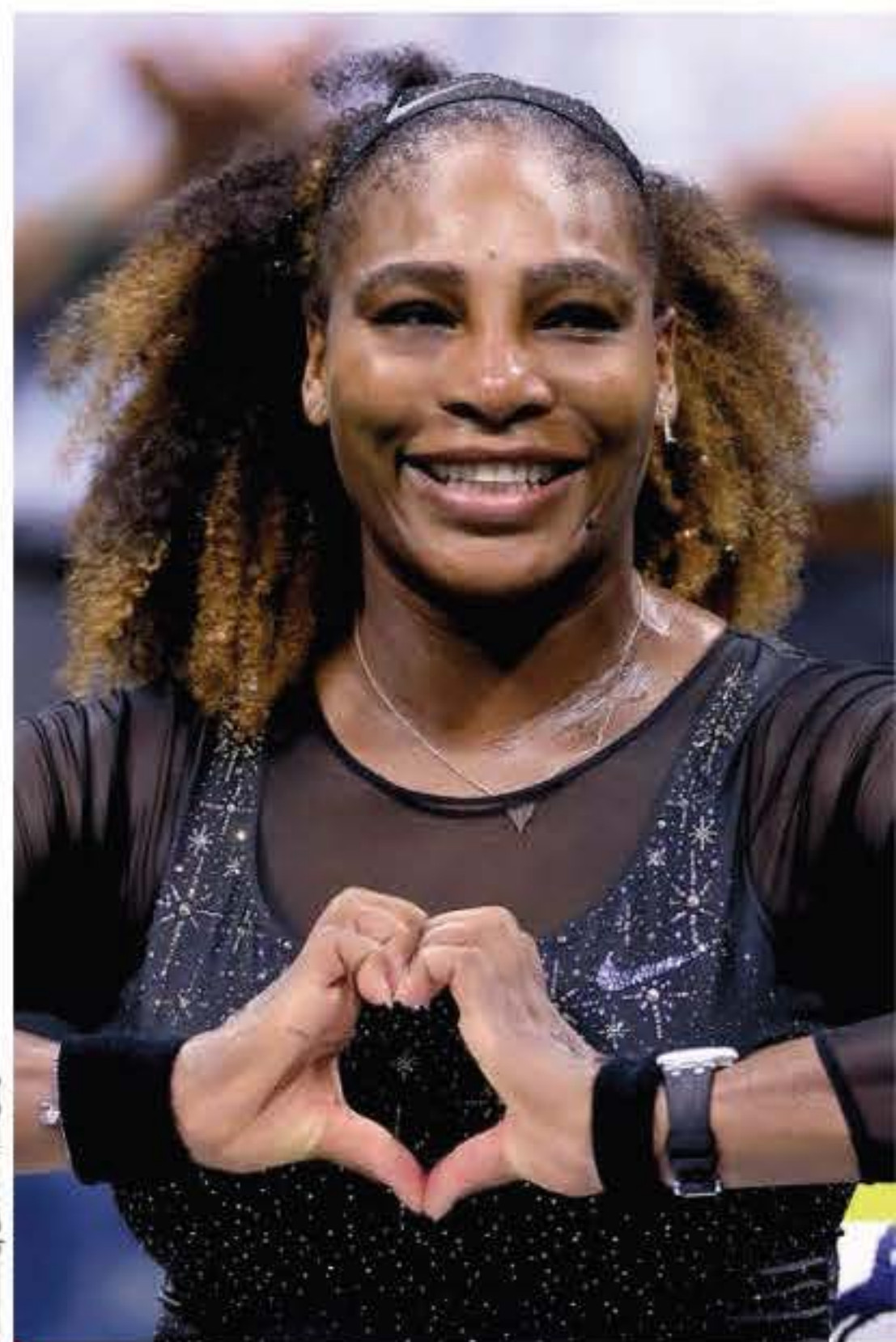
Em 2008, **Bill Gates** deixou o comando da Microsoft, que havia fundado três décadas antes, aos 52 anos. A aposentadoria foi costurada por dois anos para não causar um baque, e ele passou então a se dedicar à sua fundação.

cesso", reconhece a socióloga Ana Beatriz Seraine. "Mesmo que aquilo não traga prazer à pessoa, ela é incentivada de variadas maneiras a permanecer para provar seu valor."

A preservação do *status quo*, questão mais delicada ainda para quem chegou longe na hierarquia, leva uma parcela da turma agarrada a seus postos a admitir ter uma vida de qualidade mediana, com consequências que repercutem negativamente na saúde física e mental. Um vasto levantamento da empresa Vittude, especializada em psicologia, com mais de 1 000 altos executivos do setor privado, aponta que 55% convivem com níveis de estresse bem acima do desejado. No extremo, isso pode desencadear sintomas de burnout, modalidade de esgotamento emocional em que o Brasil ocupa a vice-liderança, atrás apenas do Japão: em 2022, 30% da força de trabalho sofreu desse mal — o que pode, aliás, ter sido o caso de Jacinda, segundo especula-se.

JIM SPELLMAN/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

SUMIÇO DISCRETO

Vencedor de três Oscars, **Daniel Day-Lewis** decidiu sair de cena em 2017, aos 60 anos, sem dar satisfações aos fãs. O ator, que já tinha interrompido a carreira para fabricar sapatos, disse apenas que era uma decisão privada.

Em muitos casos, chegar ao limite é o catalisador da duríssima decisão de abrir mão. Ocorreu com o engenheiro Claudio Hermolin, 49 anos, que era CEO da Brasil Brokers, uma das grandes no ramo de consultoria imobiliária, e vivia entre reuniões e viagens. Um dia, sentiu calafrios, formigamento e falta de ar. "Me assustei quando o médico disse que minha saúde mental estava afetada, e percebi que precisava mesmo mudar meu estilo de vida", conta. Em 2021, respirou fundo e pediu demissão. Fez-se um vazio inicial, já que o trabalho tomava todo o seu tempo, mas depois ele inaugurou nova fase — seguiu na mesma área, com menos responsabilidade e menos dinheiro, mas mais satisfeito. Libertou-se de amarras que o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, da Universidade de Artes de Berlim, atribui à "sociedade do desempenho" — um termo cunhado por ele —, onde as pessoas se sentem

AL BELLO/GETTY IMAGES

PERDEU E SE FOI

Mesmo ainda competitiva em alto nível, **Serena Williams** pendurou a raquete depois de vencer 23 Grand Slams. Um dos grandes nomes do tênis profissional, ela não fez alarde. Após uma derrota, avisou que deixaria as quadras.

RAUL JUNIOR/DIVULGAÇÃO

RECALCULANDO A ROTA

Depois de décadas como CEO de várias empresas e sempre embalada em rotinas extenuantes, **Deborah Wright,** hoje com 65 anos, tinha 53 quando deu uma reviravolta. "A transição é muito complicada. Dá um frio na barriga ver a agenda vazia", diz.

pressionadas a se manter constantemente produtivas. "Elas viram escravas de si mesmas", resume.

A história é farta em exemplos da dificuldade humana em reconhecer o momento de parar — resolução que envolve um misto de calculada inteligência e desprendimento. Muita gente acaba esticando a corda como pode, caso do craque Cristiano Ronaldo, que, aos 38 anos e em esperada curva descendente, aventou a possibilidade de pendurar as chuteiras no improvável cenário de Portugal vencer a última Copa do Mundo. Não aconteceu, mas o jogador resolveu estender a carreira para embolsar uma bolada anual de

RICK DIAMOND/GETTY IMAGES

IDAS E VINDAS Sinatra: insistência em voltar ao palco quando a voz já falhava

200 milhões de euros em um clube da Arábia Saudita. Por ora, a decisão só arranhou sua imagem — recentemente, viralizou um melancólico vídeo em que torcedores locais pisoteavam a camisa 7 que ele veste em protesto a um gol perdido que levou à eliminação do time. Muitos chegam ao ponto de anunciar a saída de cena, mas caem na tentação de voltar, não raro um equívoco. Em diversas ocasiões, ainda no auge, o cantor Frank Sinatra (1915-1998) comunicou sua aposentadoria. Não resistiu. Nos anos 1980, fechou contrato com um hotel em Las Vegas num ponto da vida em que sua voz já falhava. Um dos maiores artistas de todos os tempos era então apenas uma sombra do que fora.

A trajetória dos que abandonam o barco no ápice, por sua vez, costuma render novos e profícuos capítulos. Criador da Microsoft, que revolucionou toda uma indústria, Bill Gates resolveu afastar-se do comando da empresa em 2008, com apenas 52 anos, quando a pressão sobre ele andava nas alturas. A partir daí, voltou-se para sua fundação — “entendi que era o que eu queria para o resto da minha vida”, afirmou. Ele e outros *(veja o quadro na pág. 63)*, como a estrela-mor do tênis Serena Williams — que depois de quatro vice-campeonatos em Grand Slams se aposentou e hoje é uma bem-sucedida empresária —, mostram que como saber a hora de parar é quase uma ciência.

As discussões sobre autoconhecimento e saúde mental, potencializadas pela pandemia, contribuem para levar cada vez mais pessoas a buscar propósitos que lhes façam sentido. Em seu livro *Dona de Si*, Deborah Wright, 65, ex-CEO de multinacionais como Parmalat, Kibon e Philip Morris, compartilha sua experiência sob o fogo cruzado corporativo. Aos 53 anos, ela deu um basta ao mundo em que atuou por três décadas. “Não é simples se reinventar. Comecei a fazer terapia, praticar esportes e estreitar laços que havia deixado de lado”, conta a VEJA. Hoje, participa de conselhos de empresas e leva uma vida boa. Na vez de Jacinda, ela falou o que muita gente deveria: “Sou humana, chegou a hora de parar. Não tenho energia para mais quatro anos”. Que faça escola. ■

LUCILIA DINIZ

PLANETA SAUDÁVEL

O futuro da alimentação deve estar na pauta dos grandes líderes

PELO SEGUNDO ano consecutivo, tive a satisfação de participar do Fórum Econômico Mundial de Davos. Em meio à acolhedora estação de esqui nos Alpes suíços, lideranças de diversos países debateram o futuro do planeta. Entre tantos painéis instigantes, reunindo governantes, empresários, acadêmicos e representantes do terceiro setor, alguns me chamaram especial atenção por sintetizar discussões muito atuais no campo da alimentação.

Em paralelo ao constante e necessário combate à fome e à desnutrição, pilar central dos esforços quando tratamos de segurança alimentar, um outro desafio monumental se impôs à pauta do encontro: o de melhorar a qualidade da alimentação das pessoas, já que a obesidade continua sendo uma epidemia global. Ficou evidente durante a pandemia como comer mal torna as pessoas mais vulneráveis: países com maiores índices de obesidade e sobrepeso tiveram mortalidade dez vezes maior que a média global.

No painel "Rumo à segurança alimentar", acadêmicos e representantes da indústria de alimentos apontaram co-

mo medidas aparentemente simples poderiam salvar vidas, poupar recursos públicos e melhorar o bem-estar da população. Medidas, no entanto, que dependem de um compromisso coletivo — de governos, da indústria, da sociedade — que envolve derrubar dogmas e enfrentar visões distorcidas sobre o assunto. O consumo indiscriminado de suco de laranja, por exemplo, tido como saudável décadas atrás, pode causar problemas de saúde por causa de um elevado índice glicêmico. Acrescentar fibras a esses sucos poderia minimizar o problema.

Alguns argumentam que alimentos saudáveis são muito caros, sem considerar que má alimentação, sobrepeso e obesidade provocam incontáveis doenças e sobrecarregam sistemas de saúde em todo o mundo. É o famoso barato que sai caro. Cada dólar gasto hoje no consumo de alimentos inadequados leva a um custo futuro semelhante

"Países com maiores índices de obesidade tiveram mortalidade dez vezes maior que a média global"

com tratamentos de saúde. Para melhorar a densidade nutricional no prato das pessoas, uma ideia interessante apresentada no painel seria eleger a cada ano um superalimento nutritivo, porém de baixo custo (a batata-doce, o ovo, a lentilha, a couve, ou a aveia, digamos), produzi-lo em grande escala com o apoio de governos, entidades do agro e empresariais, e promover seu consumo junto à população, com subsídios governamentais e campanhas publicitárias, de forma a torná-lo palatável, atraente e pop.

A biotecnologia também pode ser uma aliada para melhorar nossa alimentação, preservando inclusive o meio ambiente. Plantas poderão expandir suas capacidades. O milho, por exemplo, pode ser adaptado para remover nitrogênio da atmosfera de modo a usá-lo como nutriente, como ocorre com a soja. É inegável que a fome continua a ser um imenso problema mundial, agravado pela pandemia e a guerra na Ucrânia. Mas essa cruzada por alimentação precisa caminhar junto com uma luta por um planeta mais sustentável, que coma melhor e ainda seja mais saudável. Seja numa vila dos Alpes suíços ou nos recônditos da África subsaariana; seja nas cidades ultrapopulosas do Sudeste Asiático ou em aldeias indígenas da Floresta Amazônica. Porque todo mundo merece não apenas comer, mas comer bem. ■

CHUÁ HISTÓRICO

O ala LeBron James se torna o maior pontuador de todos os tempos no basquete, e uma pergunta agora se impõe: ele é maior que Michael Jordan? **FÁBIO ALTMAN**

LEBRON JAMES
(desde 2004)
Pontos: **38 390**
(e contando)

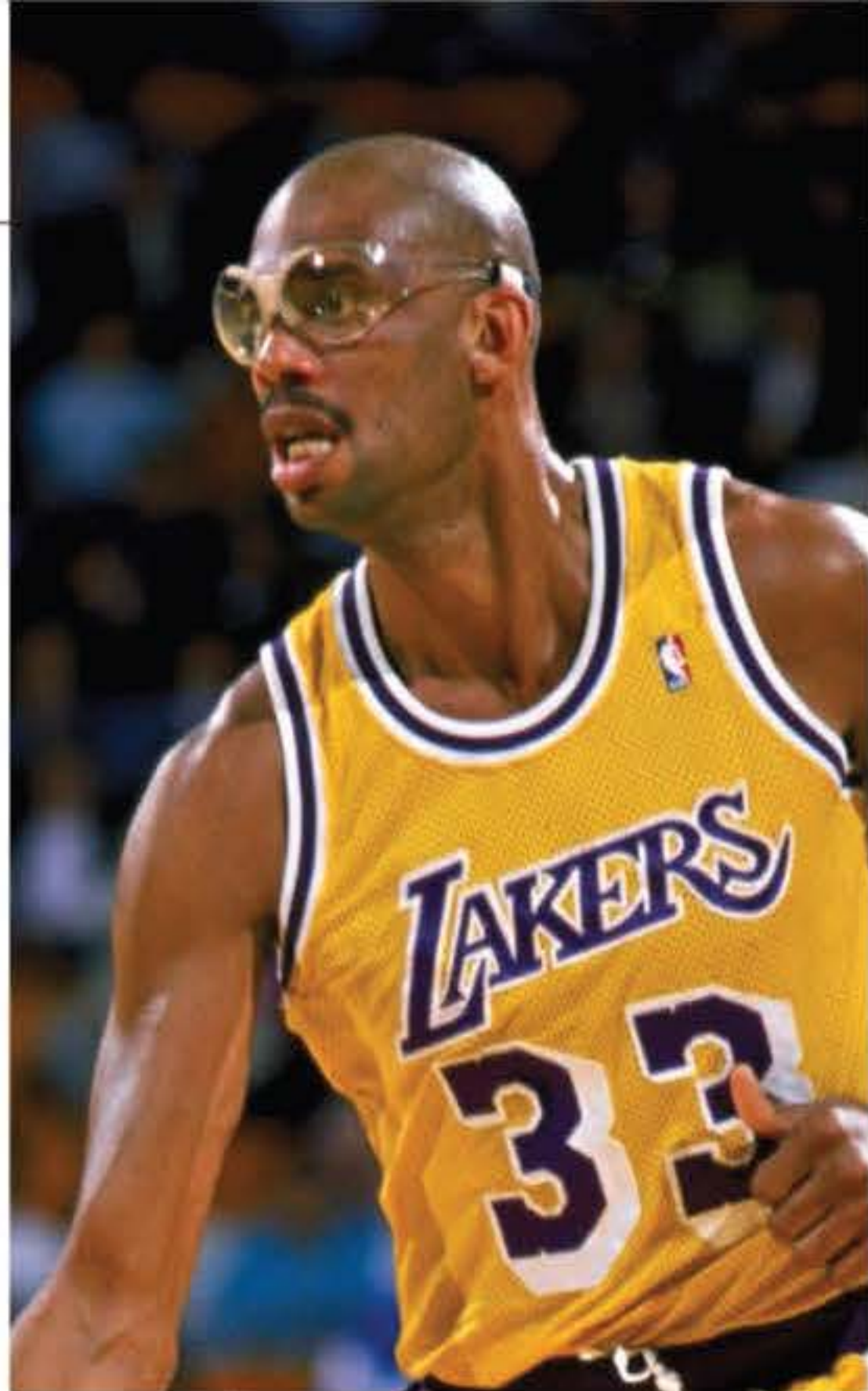
VOO ALTO O espetacular ala dos Lakers e o elenco dos outros maiores pontuadores *(abaixo)* vigésima temporada

ASHLEY LANDIS/AP/IMAGEPLUS

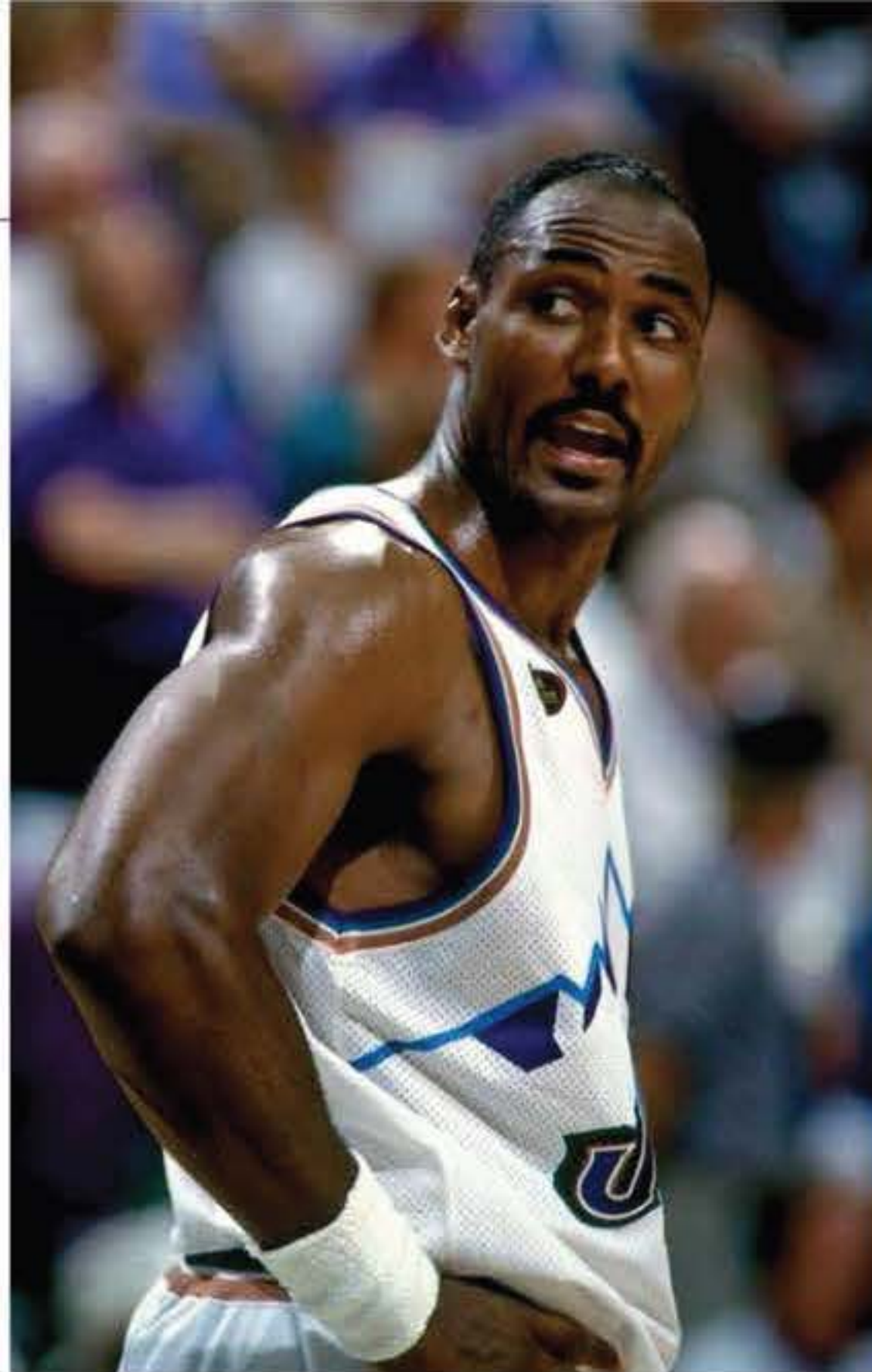
EM NOVEMBRO de 1969, o Brasil respirava ansiedade, em meio aos horrores da ditadura militar, na medida em que se aproximava o gol de número 1 000 de Pelé. No início do mês, ele marcou dois contra o Santa Cruz no Recife — saiu de 996 para 998. Contra o Botafogo da Paraíba, em amistoso caça-níquel, chegou ao de número 999. "Eu não queria aborrecer os baianos que me esperavam para um jogo oficial, o do milésimo, então parei de chutar em gol", diria o camisa 10. "Tinha medo de que os jogadores do Botafogo saíssem da frente da bola e a deixassem entrar." Terminou a partida como goleiro, por via das dúvidas. Em Salvador, contudo, o Rei saiu em branco e estacionou em 999. E então veio o jogo contra o Vasco, no dia 19. O resto é história. Um clima semelhante — guardadas as proporções — tomou conta de quem gosta de basquete, especialmente da NBA, a espetacular liga profissional dos Estados Unidos, na semana passada. Aguardava-se, com a respiração presa e os olhos para a cesta, que o ala LeBron James, de 38 anos, do Los Angeles Lakers, quebrasse uma marca mítica — os 38 387 pontos feitos ao longo da carreira por Kareem Abdul-Jabbar, encerrada em 1989. Para que não reste dúvida da dimensão épica do feito: os 38 387 de Abdul-Jabbar eram como os 1 000 de Pelé.

LeBron cravou 27 pontos no sábado 4, na derrota dos Lakers para os Pelicans, por 131 a 126 — saiu de 38 325 pontos para 38 352 pontos. Faltavam, portanto, apenas 35 para chegar ao cume. E então, na madrugada brasileira de

STEPHEN DUNN/GETTY IMAGES

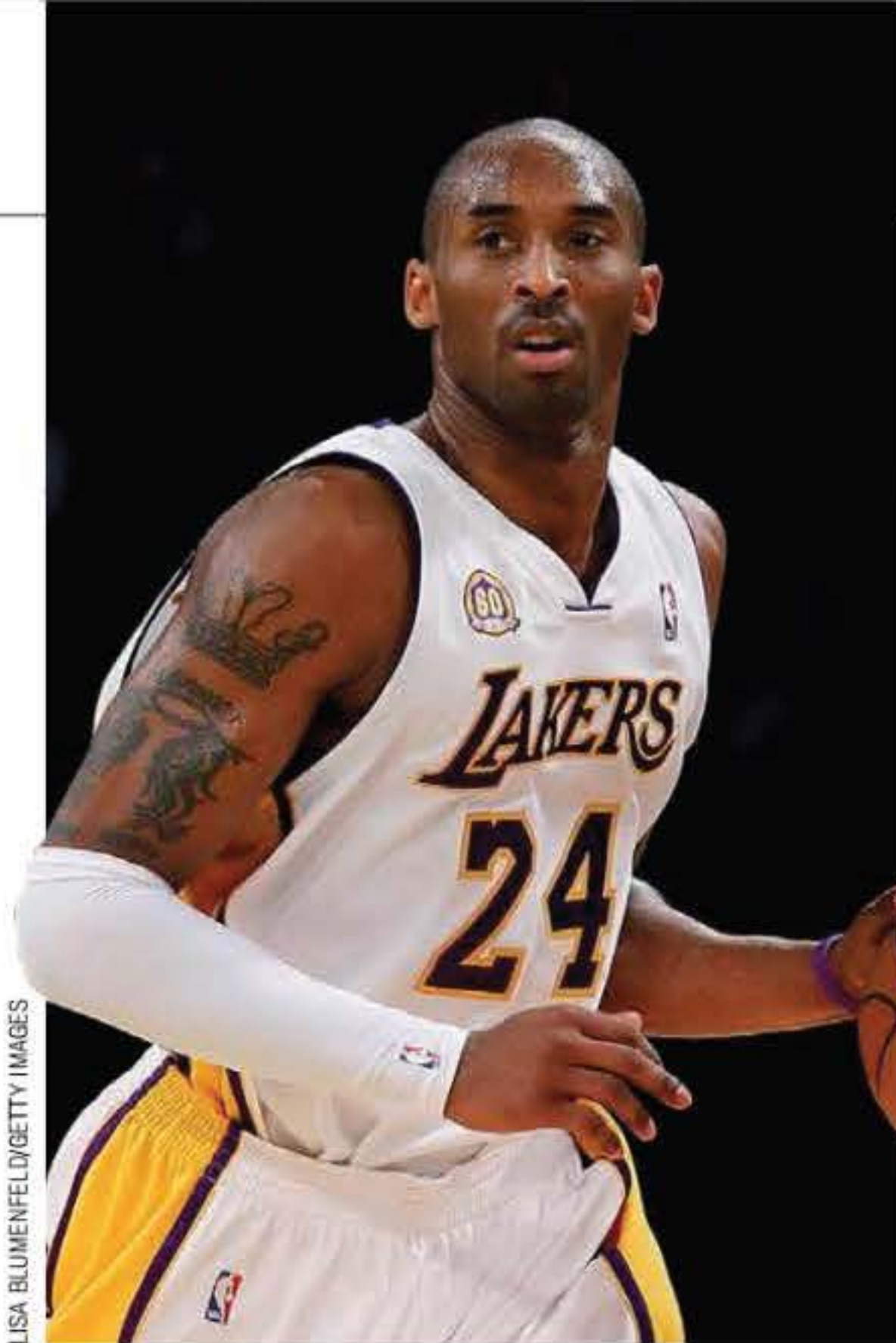
ANDREW D. BERNSTEIN/NBAE/GETTY IMAGES

KAREEM ABDUL-JABBAR

(1969-1989)

Pontos:
38 387

KARL MALONE

(1985-2004)

Pontos:
36 928

quarta-feira 8, contra o Oklahoma City Thunder, ele fez 38 pontos na derrota em casa. Chegou a 38 390. O frenesi, como tudo nos Estados Unidos, podia ser medido em dólares. Os assentos mais próximos da quadra foram vendidos ao equivalente a 471 000 reais. O mais barato saiu por 2 100 reais. O próprio líder a ser destronado, Abdul-Jabbar, estava na plateia. No momento em que a marca foi alcançada, o juiz parou o jogo. Houve uma série de homenagens. O ex-recordista estendeu a mão e deu a bola ao novo dono do céu. "Acho que é um desses recordes que as pessoas

LISA BLUMENFELD/GETTY IMAGES

TIM DEFRISCO/ALLSPORT/GETTY IMAGES

KOBE BRYANT

(1996-2016)

Pontos:
33 643

MICHAEL JORDAN

(1984-2003)

Pontos:
32 292

acham que nunca seria quebrado", disse LeBron, dias antes. "Sei que é 38 e alguma coisa, então é bem legal."

Para além do 38 e alguma coisa, há uma questão no ar: recordista, LeBron James, dono de repertório inigualável, com cestas, assistências e rebotes, pode ser considerado o melhor jogador de basquete de todos os tempos? É pergunta de resposta difícil, porque houve Michael Jordan, o quinto em número de pontos *(veja nos quadros abaixo)*, mas o primeiríssimo em jogadas plásticas, um obcecado vocacional que inventou um mundo ao redor do basquete,

com o marketing esportivo que o associaria para sempre com a Nike. Jordan, enfim, inventou uma era, nos anos 1980 e 1990. Venceu seis vezes o título da NBA, contra quatro de LeBron. Em 179 jogos de play-offs, as disputas de mata-mata, fez uma média de 33,4 pontos por jogo, o número 1 nesse quesito. A média de LeBron, em 266 jogos, é de 28,7 pontos, a sexta maior.

O feito de agora, contudo, impõe um dilema inescapável, o embate magnético entre um e outro. "Jordan é meu ídolo de infância, um personagem imenso e incomparável", disse a VEJA o brasileiro Tiago Splitter, que disputou sete temporadas da NBA. "Mas a carreira de LeBron deve ser celebrada, é uma força bruta com inteligência, um fenômeno sem igual." Spliter tem razão. Como o novo pontuador imbatível — até que surja outro, porque o esporte tem o dom de produzir campeões atrás de campeões —, não está de todo errado dizer que LeBron anda de mãos dadas com Jordan. É até possível relativizar alguma estatística — mas nunca a que foi dizimada por LeBron, que, na vigésima temporada de carreira, chegou a seu milésimo pessoal, como Pelé. ■

PARECIA UM FILME DE HORROR

Goleiro do time de futebol envolvido em trágico acidente de ônibus, Cauã da Silva, 16, fala da dor física e psicológica

NASCI COM A BOLA NOS PÉS. Ou melhor, nas mãos. Desde pequeno, jogo como goleiro e isso é o que mais me traz alegria. Minha família sempre me incentivou, dando o exemplo. Meu pai foi goleiro, assim como meu irmão mais velho. Na comunidade onde moro, em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, o futebol preenche nossos dias. Já passei por quatro times profissionais juvenis, até chegar ao Vila Maria Helena. E justamente por essa equipe eu tinha acabado de vencer um campeonato em Minas Gerais, entre 32 clubes, pura zebra. Passamos três anos batendo na trave. Dessa vez, levei inclusive o título de melhor goleiro do cam-

peonato. Por isso, naquele trágico domingo, 29 de janeiro, o clima era de celebração no momento em que o ônibus que nos levava de volta para casa despencou em uma ribanceira, tirando a vida de cinco amigos e me deixando uma ferida na cabeça. Dias depois do acidente, ela ainda dói.

O ambiente antes da partida para o Rio de Janeiro era o melhor possível. O fim da competição havia atrasado algumas horas e não saímos às 14h, como combinado, mas lá pelas 20h. Acomodados em nossos assentos, tiramos fotos e enviamos aos nossos pais, sem ter ideia do que nos aguardava. Exaustos, caímos no sono. E aí, de repente, deu-se o inesperado. Me recordo de despertar com o forte impacto do ônibus na lateral da pista, em algum ponto de Além Paraíba, no Sul de Minas. Tudo aconteceu em uma questão de segundos. O motorista perdeu o controle da direção e despencamos 10 metros ribanceira abaixo. Tentei me segurar no banco. Não deu. Fui arremessado e bati com a lateral esquerda da cabeça no teto. Os vidros se espatifaram e vi os estilhaços voando na minha direção, como em câmera lenta. Parecia um filme de horror.

Os instantes seguintes foram de tentar salvar quem estava por perto. Só pensava nisso: onde estão meus amigos? Eles vão sobreviver? O ônibus estava completamente virado. Olhei para o lado e vi um de meus colegas, ainda com o celular na mão. Ele acendeu a lanterna e começamos a procurar uma saída. Achamos, enfim, uma janela no fundo do veículo. Não sei como passei por aquele buraco — deveria ter uns 40 centí-

metros. Eu meço 1,80 metro. Estávamos no meio de uma mata fechada, escura. Tentamos resgatar pessoas ainda presas nas ferragens, em vão. De tão machucado e assustado, não tinha forças. Conseguimos sair de lá e achar a estrada. Ficamos sentados no chão, mudos, chocados. Mal conseguia enxergar com tanto sangue escorrendo pelo meu rosto. É estranha essa hora em que você sente na pele que é tão frágil.

Eram 38 pessoas a bordo. Morreram quatro e vinte foram parar no hospital em Belo Horizonte, para onde me conduziram em uma ambulância. Felizmente, os que se encontravam em estado grave melhoraram e foram liberados. Eu tomei dez pontos na cabeça, fiquei com o corpo todo machucado, mas estava bem para ir para casa no dia seguinte. Meu braço tinha um corte longo, meu joelho latejava e aí me veio o desespero: será que nunca mais vou poder jogar? Minha família finalmente chegou e chorei muito. Tive medo de nunca mais vê-los. Saí do hospital e fui direto prestar depoimento. O motorista disse que foi fechado por uma carreta, mas quem estava acordado conta que não viu essa cena. Só lembro que ele dirigia rápido. Talvez tenha dormido. Aquelas imagens ficam me assombrando. Estou fazendo terapia para lidar com o trauma e cuidando de mim, para voltar ao campo. Quero jogar por mim e pelos amigos que eu perdi. Fui ao enterro deles, com a cabeça ainda enfaixada e dor no corpo todo. A pior delas, porém, está no coração. Éramos como uma família. ■

Depoimento dado a Gustavo Silva

PARA TODOS OS GOSTOS

Após ficarem fechados na pandemia, os museus voltaram para a agenda de passeios com temas variados que inspiram visitantes em diversas partes do mundo

ALESSANDRO GIANNINI

MUSEU DA GUERRA FRIA DINAMARQUÊS

Na floresta de Rold Skov, ocupa as dependências do antigo abrigo antinuclear de Regan Vest

AART ARQUITETOS

LUGARES para reviver todas as épocas, terrenos de lembrança e reconstrução de feitos e desfeitos dos seres humanos, os museus são, na definição do Conselho Internacional dos Museus, instituições que adquirem, preservam, interpretam e exibem artefatos de relevância artística, cultural, científica e histórica. Há cerca de 104 000 no mundo e mais de 3 800 no Brasil. Afetados pelo confinamento imposto pela pandemia, passaram por transformações compulsórias, como a adaptação digital, mas voltaram ao gosto do público que tem sede de conhecimento. E à pergunta necessária — em um tempo de tanta tecnologia on-line, há espaço para essas instituições? — a resposta é sim, há.

Vários museus serão inaugurados neste ano em diversas partes do mundo. Em São Paulo, a Pinacoteca Contemporânea abrirá as portas no próximo dia 3 de março. Dedicado, como o nome anuncia, à produção artística de nossos dias, o edifício não apenas complementa o complexo Pinacoteca, com a Pinacoteca Luz e a Pinacoteca Estação, como também joga luz em um conjunto urbano que ajudará a valorizar o centro paulistano. Ao custo de 85 milhões de reais, dos quais 55 milhões em investimento público, ocupa dois blocos de edifícios: um mais antigo, atribuído ao escritório de Ramos de Azevedo, remanescente da primeira escola lá construída, e outro mais moderno, da década de 50, de autoria do arquiteto Hélio Duarte.

Para além da arte, há a preservação de capítulos da civilização, a criação alimentada por momentos de intensa ale-

DIVULGAÇÃO

PINACOTECA CONTEMPORÂNEA

Dedicado à produção artística atual, o novo prédio foi pensado para ser integrado ao Parque da Luz e aos bairros do Bom Retiro e da Luz, no centro da capital paulista

gria e de extrema tristeza. Nos Estados Unidos, esse vaivém das sociedades aparece em dois novos museus. Com inauguração prevista para 10 de março, o Punk Rock Museum vai ocupar mais de 1 000 metros quadrados em um espaço entre o centro de Las Vegas e a famosa Sunset Strip — local improvável para a celebração de uma música vista como retrato da contracultura, rebelião e inconformismo. Imaginado pelo Punk Collective, grupo de músicos e profissionais da indústria, reunirá uma coleção de *memorabilia* que inclui desde folhetos de shows até instrumentos usados por artistas e bandas como Blondie e Offspring. No campo oposto, o Museu Internacional Afro-Americano, em Charleston, no estado americano da Carolina do Sul, representa um período assombroso da história americana, o da escravidão. Construído sobre o Gadsden's Wharf, cais onde aportavam

GRANDE MUSEU EGÍPCIO

Criado para ser o maior centro arqueológico do mundo, com tecnologia avançada, reunirá uma coleção incrível de tesouros e artefatos antigos

GRANDE MUSEU EGÍPCIO

navios com escravizados vindos da África, abrigará nove galerias, com cerca de 300 obras de arte e artefatos históricos. Além de se educar sobre essa chaga histórica, os visitantes também aprenderão sobre a cultura africana. Haverá, também, um Centro de História da Família, que permitirá aos descendentes africanos rastrear sua genealogia. A previsão é que a instituição comece a funcionar ainda no primeiro semestre deste ano.

Quando o assunto é história, reafirme-se, o leque de possibilidades é imenso. É o que revela o Museu da Guerra Fria Dinamarquês, na região de Jutlândia do Norte, construído no abrigo antinuclear de Regan Vest. Destinado a proteger o governo local e a rainha no caso de uma emergência, nos anos 1960, foi um dos segredos mais bem guardados do país. Os passeios guiados pelas instalações a 60 metros abaixo do

MAA MELIKE ALTINISIK ARCHITECTS

MUSEU ROBÔ E IA

Projetado como uma nave espacial pelo estúdio de arquitetura turco Melike Altinisik Architects, o novo museu de Seul terá exposições com robôs de vários tipos

solo, na floresta de Rold Skov, incluirão visitas a galerias na superfície e às dependências subterrâneas. Outro exemplo é o Grande Museu Egípcio, no Cairo, que teve sua abertura postergada para 2023. Projetado para ser o maior centro arqueológico do mundo, reunirá tesouros e artefatos de um dos países mais antigos do mundo. Tem mais: o Museu Robô e IA, em Seul, na Coreia do Sul, uma construção esférica que se parece com uma nave espacial, deverá abrir à visitação em julho. Contará com quatro andares dedicados aos robôs e à inteligência artificial. Passado, presente e futuro convivem nesses espaços que representam um convite a sair da frente de uma tela de smartphone. Valerá, portanto, para sempre, a frase do banqueiro e filantropo David Rockefeller: "Um museu tem que renovar seu acervo para estar vivo, mas isso não significa que desistamos de relevantes obras antigas". ■

SILÊNCIO
Krieger: pouco afeito a entrevistas, ele volta aos holofotes

CHEGA DE DANCINHAS

Brasileiro que criou o Instagram, plataforma famosa pelo culto à imagem, lança a rede social Artifact, que valoriza conteúdos de qualidade e por escrito

MARÍLIA MONITCHELE

CHRISTIE HEMM KLOK/NEW YORK TIMES/FOTOARENA

INOVADOR EM SÉRIE

Quem é Mike Krieger

FORMAÇÃO: nascido em São Paulo, mudou-se aos 18 anos para os Estados Unidos para estudar ciência da computação na Universidade Stanford

CARREIRA: em 2010, lançou o Instagram ao lado do americano Kevin Systrom. Rapidamente, a rede social se tornou um sucesso global

DINHEIRO: em 2012, os dois sócios venderam o Instagram para Mark Zuckerberg por **1 bilhão de dólares.** Estima-se que a fortuna atual de Krieger supere os **500 milhões de dólares**

QUAIS SÃO os ingredientes para uma rede social de sucesso? Vídeos de dancinhas e de pets fofos, fotos invejáveis, espaço para polêmicas e interação entre amigos e desconhecidos são componentes que certamente ajudam as plataformas a deslanchar. Nem todos, contudo, pensam assim. O brasileiro Mike Krieger e o americano Kevin Systrom têm uma nova sugestão que contraria as tendências atuais. Os criadores do Instagram — sim, ambos fundaram uma rede que, em essência, estimula o culto à imagem — acredi-

JUSTIN SULLIVAN/GETTY IMAGES

RUÍDO Musk, agora dono do Twitter: confusões abrem espaço para os rivais

tam agora que o futuro dos aplicativos é, na verdade, um velho conhecido: a informação de qualidade.

Os dois se juntaram para criar o Artifact, plataforma que consiste em um feed de notícias e textos selecionados por inteligência artificial (IA). O nome vem da junção em inglês das palavras "artigo"e "fato", o que revela as intenções dos idealizadores do projeto. Anunciado há alguns dias, o aplicativo tem milhares de downloads na App Store e, suprema ironia, se inspira no algoritmo do TikTok, rede que se notabiliza pelos vídeos efêmeros e descartáveis. Por esse motivo, uma das analogias para compreender a nova empreitada tecnológica é justamente a do "TikTok de textos".

O Artifact elimina as brincadeiras superficiais, sucessos na rede vizinha, e vai na direção oposta ao oferecer os melhores artigos disponíveis na internet. A página inicial sugere reportagens e textos oriundos de veículos selecionados. A seleção é ampla, podendo ir de grandes revistas e jornais a blogs de nicho. Assim como no TikTok, ao interagir com o texto a IA identifica os temas mais interessantes para o perfil do usuário e então passa a sugerir publicações similares.

Nas próximas versões, é possível que o aplicativo inclua um rol de artigos compartilhados por perfis que o usuário siga e uma caixa de mensagens privadas, o famoso direct, onde ele poderá discutir os temas abordados privadamente. Ainda não é permitida a publicação de textos sem link, como ocorre no Twitter. Embora esteja disponível nas lojas dos sistemas Android e iOS, a conclusão do cadastro depende de convite. Para obtê-lo, os interessados se inscrevem em uma lista de espera.

Krieger e Systrom se conheceram na Universidade Stanford, onde estudavam ciência da computação. A amizade levou à criação de uma rede social que depois viraria o Instagram, em 2010. Dois anos depois, venderam a plataforma por 1 bilhão de dólares para o Facebook de Mark Zuckerberg. Desde então, saíram dos holofotes. Pouco afeito a entrevistas, o paulista Krieger é um dos grandes nomes da nova era dos empreendedores digitais. Por isso os concorrentes estão atentos ao seu novo movimento — é bom não duvidar quando alguém tem no currículo a criação de uma ferramenta global como o Instagram.

A nova aposta do brasileiro e de seu sócio é ousada para os tempos de império dos vídeos. Diante da disseminação de *fake news,* eles acham que, num movimento de reação, as pessoas deverão valorizar novamente um bem precioso que foi atacado nos últimos anos pelas redes sociais: o conteúdo de qualidade e por escrito, que VEJA preza e pratica, e do qual não abre mão. De fato, o avanço das tecnologias de IA, que permitem a criação de algoritmos mais complexos e completos — como o que está por trás da ferramenta que escreve textos ChatGPT —, torna iniciativas como essas cada vez mais palpáveis.

A deterioração do Twitter, envolto em polêmicas desde que foi assumido pelo bilionário Elon Musk, abre caminho para que novas experiências centradas na interação por texto se tornem competitivas. Para assumir esse vácuo, o Artifact terá de ser muito mais que um meio para o compartilhamento de textos e oferecer interações rápidas e dinâmicas que fizeram do Twitter um sucesso da instantaneidade. Por enquanto, Krieger e Systrom financiam o Artifact com dinheiro do próprio bolso. Entre os integrantes da equipe contratada está Robby Stein, executivo de produtos do Instagram entre 2016 e 2021 e um dos responsáveis por tornar a plataforma um sucesso planetário. Será que o futuro das redes sociais virá em forma de texto? A resposta pode estar na loja de aplicativos mais próxima. ■

AVIS RARA

Laboratórios de engenharia genética e de biotecnologia querem trazer animais que desapareceram de volta à vida. O foco da vez é o simpático dodô, pássaro extinto há três séculos **ALESSANDRO GIANNINI**

EXÓTICO Representação digital: "Muito grande e gordo", segundo descrição feita por um explorador

BENNY MARTY/ALAMY/FOTOARENA

O ESCRITOR americano Michael Crichton (1942-2008) costumava dizer que a ideia do livro *O Parque dos Dinossauros* (1990), depois adaptado para o cinema por Steven Spielberg com a franquia *Jurassic Park*, estava na sua cabeça desde a infância. Fascinado pela ideia de ver dinossauros vivos, Crichton estabeleceu como meta escrever um romance que fosse divertido e cientificamente preciso. Com os avanços da engenharia genética naquela época, a possibilidade de trazer de volta os animais pré-históricos parecia plausível. Além disso, o autor queria explorar as implicações éticas de reviver espécies extintas. Mais de uma década depois de sua morte, tanto a visão sobre as experiências biotecnológicas quanto as preocupações com o impacto da volta dessas criaturas ao planeta estão se concretizando.

Vários laboratórios de pesquisa genética e empresas do setor investem na aventura de reviver espécies desaparecidas da face da Terra, sejam dinossauros, sejam animais contemporâneos, ou ameaçados, como o rinoceronte-de-sumatra. Uma das mais ousadas iniciativas é a startup americana Colossal Biosciences, que recentemente aumentou seu leque de projetos de "desextinção". Fundada no fim de 2021 pelo investidor Ben Lamm e pelo geneticista George Church, da Universidade Harvard, a empreitada começou mirando longe no passado, com uma iniciativa que pretende trazer de volta os mamutes lanosos, extintos há 10 000 anos. Em 2022, foi a vez do lobo-

JOHN DAVIDSON/COLOSSAL BIOSCIENCES

AMBIÇÃO A equipe Colossal: leque de animais para serem “desextintos”

da-tasmânia, cujo último exemplar conhecido em cativeiro morreu em 1936. Agora, o objetivo é o emblemático dodô, que deu o último suspiro no fim do século XVII.

Espécie típica das Ilhas Maurício, uma pequena nação insular no Oceano Índico, os dodôs viviam tranquilos no paraíso tropical próximo da costa sudeste da África até o início do século XVI. Depois que eles foram avistados por navegadores portugueses em 1507, a vida dessas aves terrestres, dóceis e sem predadores, mudou radicalmente. Descrito pelo explorador holandês Volkert Evertsz, em 1662, como “um pássaro muito grande e gordo, incapaz de voar, com penas azul-acinzentadas e bico preto”, passou a ser caçado por animais domésticos introduzidos no

GARETH FULLER/PA IMAGES/GETTY IMAGES

FÓSSIL Crânio intacto: o processo de reviver aves é mais difícil

seu hábitat e se transformou em prato para saciar a fome dos invasores. Em 1681, ele desapareceu, e adeus a uma linhagem da fauna de nosso implacável planeta.

É um caso clássico do espírito humano destrutivo. "O dodo é um excelente exemplo de espécie que se extinguiu porque nós tornamos impossível para ele sobreviver em seu hábitat", diz Beth Shapiro, paleogeneticista e membro do conselho científico da companhia Colossal, além de professora de biologia evolutiva na Universidade da Califórnia em Santa Cruz, nos Estados Unidos. Ela estuda a ave desde o início dos anos 2000. Um de seus reputados artigos, publicado na revista *Science,* revelou que o parente vivo mais próximo era o pombo-de-nicobar. Então,

UMA AVE QUE NÃO VOAVA

Os animais foram descobertos por exploradores portugueses no século XVI

- ***O dodô tinha cabeça e bico grandes e asas pequenas, de cor cinza-azulada***

- ***Era maior que um peru e pesava, em média, 23 quilos***

- ***Ave terrestre, botava ovos no chão, um por vez***

- ***Exploradores portugueses o descreveram pela primeira vez em 1507, nas Ilhas Maurício, na África Ocidental***

- ***Por ser grande e sem defesas, tornou-se presa fácil dos marinheiros, que o transformaram em fonte de alimentação***

- ***O último exemplar da espécie foi abatido em 1681***

em março do ano passado sua equipe anunciou a reconstrução de todo o genoma do pássaro sumido. Shapiro vai liderar o Avian Genomics Group, criado dentro da Colossal para levar adiante o projeto que já recebeu aporte de 150 milhões de dólares — o dobro do investimento inicial na companhia inteira.

Reconstruir o dodô implica superar barreiras científicas. Ao contrário dos mamíferos, as aves não podem ser clonadas, o que dificulta o processo de fertilização. Resolvido o problema, células específicas de pombos seriam manipuladas para se transformarem em um pássaro semelhante ao dodô. "Esse tipo de mistura gera um animal muito parecido, mas ainda assim diferente do original", diz o paleontólogo Alexander Kellner, diretor do Museu Nacional do Rio. Há outros obstáculos, como a adaptação aos hábitats contemporâneos, a convivência com outras espécies e doenças. Também na ciência, cautela nunca é demais — o que não exclui dar asas à imaginação. ■

UM CAFÉ E... UM TREINO

Estudos recentes revelam a boa relação entre a cafeína e as atividades físicas – mas convém, como tudo na vida, não exagerar, porque há risco de efeitos colaterais

FÁBIO ALTMAN

EFEITO Na academia: uma das ações é promover a força muscular

SKYNESHER/E+/GETTY IMAGES

NÃO HÁ DROGA psicoativa — droga, sim — mais disseminada no mundo, e devidamente legalizada, do que a cafeína. Ela está presente nas três bebidas mais consumidas do planeta: café, chá e Coca-Cola. Sobrevive na cultura de quase todos os povos como fiel companheira da civilização. Lá atrás, no imaginário coletivo, andava sempre acompanhada de um cigarro — até que o fumo fosse inapelavelmente condenado. Depois de séculos de prazer, apenas em 1819 seria identificada em laboratório pelo bioquímico e médico alemão Friedlieb Ferdinand Runger (1794-1867), influenciado por um amigo, o escritor Johann Wolfgang Goethe (1749-1832). Runger nomeou as moléculas de cafeína presentes nas sementes de café e associou o grão a propriedades estimulantes — que foram a todo momento intuídas, sobretudo por quem sempre trocou o dia pela noite, mas que somente a partir dali passaram a ser catalogadas. E então a ciência começou a entender o que Goethe, amante do líquido escuro e quentinho, certa vez disse com a grandeza dos grandes pensadores: "Um homem é o que lê, come e bebe na vida. Logo deve escolher a melhor leitura, a melhor comida e a melhor bebida... o café".

Há, agora, para coroar dois séculos de investigação e interesse, uma extraordinária novidade. Estudos recentes mostram que a cafeína pode melhorar de 2% a 5% o desempenho esportivo — não é muita coisa, mas o suficiente para conceder algum conforto suplementar. Ela pode ser consumida numa xícara de café ou em suplementos e bebidas

FORÇA EXTRA

Por que cafeína combina com esporte

ELA AUMENTA

RESISTÊNCIA MUSCULAR
VELOCIDADE DOS MOVIMENTOS
FORÇA DE ARRANQUE
POTÊNCIA DOS SALTOS

MELHOR PERFORMANCE

Resultados mais expressivos são vistos em atividades aeróbicas

---

QUANTO CONSUMIR

Até duas xícaras diárias

A HORA CERTA

Sessenta minutos antes do treino

Fonte: *International Society of Sports Nutrition*

energéticas. É boa para as atividades anaeróbicas, como os exercícios intensos e curtos, a exemplo do levantamento de peso e do treinamento de alta intensidade — mas é ainda mais produtiva para esforços aeróbicos, menos pesados e mais demorados, como a corrida de rua, a natação e o ciclismo. Um extenso levantamento feito com remadores olímpicos revelou que, depois de ingerir cafeína, os atletas de alto nível melhoraram o desempenho na distância de 2 000 metros em cerca de quatro segundos. Em outro trabalho, descobriu-se que atletas bem treinados para provas de fundo, as de 5 000 metros, ganham de onze a doze segundos. Não por acaso, jogadores de basquete da NBA *(leia reportagem na pág. 66)* costumam bebericar alguma coisa de café antes de entrar em quadra e mesmo nos intervalos. "Há consenso entre os cientistas de que o café empurra os limites para correr maratona e jogar futebol", diz a nutricionista Nanci Guest, pesquisadora da Universidade de Toronto, líder de um vasto acompanhamento da relação entre cafeína e exercício.

Para o cotidiano de academias, entre pessoas que apenas desejam manter a forma física, o ideal seria de 1,4 a 2,7 miligramas de bebida por quilo de massa corporal, o equivalente a pouco mais duas xícaras pequenas por dia. Ressalve-se que nem todas as pessoas reagem do mesmo modo, e a prescrição médica é sempre recomendada, ajustando as indicações. Seja como for, o melhor é ingerir a cafeína uma hora antes do exercício, para dar tempo de a corrente sanguínea absorvê-la e começar a agir no metabolis-

mo. Ela bloqueia o funcionamento da adenosina, neurotransmissor que, associado a receptores, nos deixa sonolentos. Sabe-se também que ajuda os músculos a produzirem mais força. O corpo humano precisa de cálcio para iniciar as contrações musculares — e a cafeína mobiliza os íons de cálcio, promovendo o movimento com menos gasto de energia. Não se trata de uma poção mágica, e muitas vezes nem se percebe o empurrão.

Às recentes revelações somam-se descobertas anteriores. A ingestão de quatro a cinco xícaras de café diariamente estaria associada a taxas de mortalidade reduzidas. O consumo regular de café — moído, instantâneo e até descafeinado — tem potencial para reduzir o risco de doenças hepáticas em 20%. Convém, contudo, estar sempre atento às quantidades. Para a maioria dos adultos, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é seguro consumir, no máximo, até 400 miligramas de cafeína por dia, o equivalente a cinco xícaras pequenas de café ou dez latas de refrigerante de cola ou duas latas de bebida energética. O exagero, como em tudo na vida, à exceção do conhecimento e da sensatez, é caminho para efeitos colaterais. Pode provocar dor de cabeça, dor de estômago, irritabilidade, batimentos cardíacos acelerados, ansiedade — e sobretudo insônia. Costuma-se negligenciar os danos de uma noite maldormida, cujos problemas são maiores que as vantagens de um cafezinho antes da academia. Entre dormir e tomar um café, durma. ■

OUSADIA SOB MEDIDA

A moda masculina evolui e deixa de lado a austeridade para dar lugar a novos códigos que apostam em mais liberdade e menos julgamentos

SIMONE BLANES

SÍNTESE
Harry Styles e seu look no Grammy: combinação de tendências

JC OLIVERA/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

ATÉ A METADE do século XIX, homens usavam roupas coloridas, perucas, joias, saltos e maquiagem. Sob a influência do dândi inglês George Bryan "Beau" Brummell (1778-1840), eles passaram a adotar vestimentas mais simples e de cores neutras. Descrito como a personalidade mais elegante da Londres pré-vitoriana, com um estilo que priorizava a alfaiataria, ele fez história na moda ao se transformar na grande inspiração para os ternos. Desde então, de forma mais tímida do que a feminina, o jeito de vestir masculino transitou por diversas propostas: da rebeldia do jeans e jaqueta de couro de James Dean (1931-1955) nos anos 1950, passando pelo oversized da década de 80 e os metrossexuais dos anos 2000, o homem vem evoluindo em busca de um estilo próprio como forma de identidade e expressão. A novidade: em um mundo em que as fronteiras do discreto e do exagerado já não existem, em que vale quase tudo, o macho tão cioso de sua vaidade perdeu o medo da ousadia.

Um retrato desse momento foi visto nas últimas semanas durante a Semana de Moda Masculina de Milão, na Itália, e no tapete vermelho do Grammy, que aconteceu no domingo 5, nos Estados Unidos *(leia mais sobre o prêmio na seção Gente)*. Nas passarelas despontaram transparências e laços de Yves Saint Laurent. Brotaram ternos desconstruídos da Fendi e camisetas cor-de-rosa da DSquared2. No principal prêmio da música, o cantor inglês Harry Styles fez jus ao papel de relevante representante dessa moda sem amarras ao chegar de macacão bordado com cristais Swarovski, apresentar-se coberto de brilho e

GIOVANNI GIANNONI/WWD/GETTY IMAGES

RELEITURA

Novo terno da Fendi: corte alongado

GIOVANNI GIANNONI/WWD/GETTY IMAGES

CORES

Proposta da DSquared2: camiseta rosa

depois, na hora de receber os três cobiçados troféus que ganhou, surgir com paletó curto cobrindo uma regata prateada e calça de alfaiataria. Não imagine que veremos as peças nas ruas, em mortais comuns. Não.

Contudo, o barulho foi imenso, associado ao glamour das passarelas e dos holofotes. Serviu como plataforma de comportamento — como uma senha a autorizar o risco, a aposta sem constrangimento. "O homem de hoje tem mais segurança com o que vai vestir", diz o estilista Ricardo Almeida, referência em roupa masculina. "E o bom é que não existe só um modo de se vestir." Exemplo desse movimento é a adoção das saias por eles, ou por alguns deles. A peça já foi e voltou nos looks masculinos, e parece enfim ter achado o seu lugar depois que Brad Pitt apareceu vestido com uma em 2022. De lá para cá, veem-se homens usando as peças, geralmente mais longas, em bairros descolados e novidadeiros das metrópoles. As transformações engordam um mercado que trabalha com 2 trilhões de dólares ao ano. É muita coisa, indício de que a coragem de vestir o que der na telha é quase um pedido de liberdade de estilo. ■

GERALD MATZKA/GETTY IMAGES

FASHION Brad Pitt de saia: a peça está no guarda-roupa dos descolados

A NOVA IDADE DO AMOR

Impulsionada pelo streaming, uma onda de comédias românticas resgata rostos maduros do gênero — e atesta que a paixão após os 40 anos é uma realidade que já tomou a cultura pop

AMANDA CAPUANO

POMBINHOS Reese e Kutcher: as dores e alegrias de uma união tardia

NETFLIX

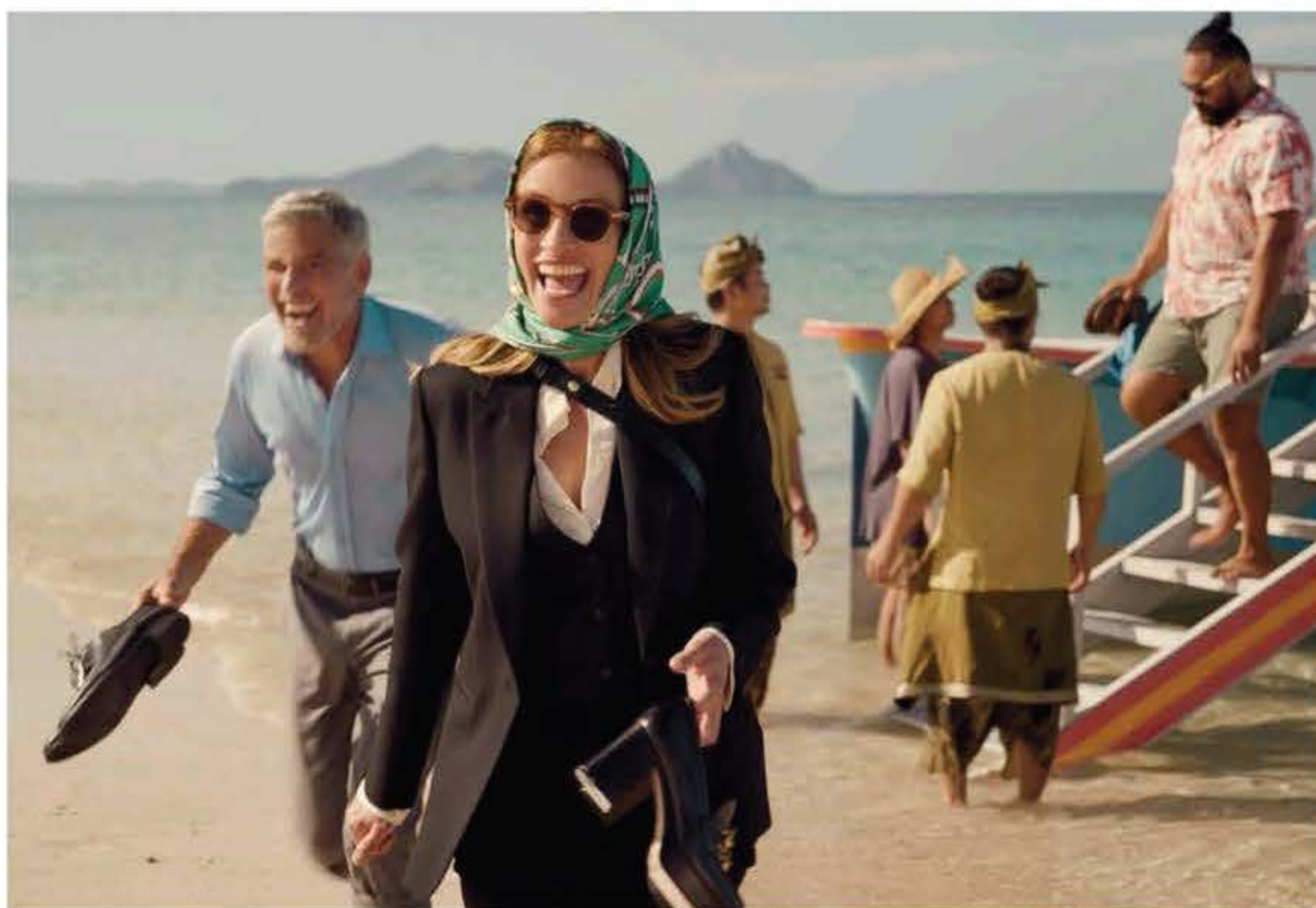
No distante ano de 2003, Debbie (Reese Witherspoon) e Peter (Ashton Kutcher) se conhecem em uma festa na casa dela, em Los Angeles. Na flor da idade, os dois se rendem aos hormônios e têm uma noite regada a álcool, sexo e conversas sobre o futuro — Peter quer ser um escritor de sucesso, e combina de enviar a ela seus contos na manhã seguinte. Se ***Na Sua Casa ou na Minha*** seguisse os clichês das comédias românticas que dominaram o cinema entre as décadas de 1990 e 2000 e consolidaram Witherspoon e Kutcher como estrelas daquelas velhas narrativas adocicadas, os dois se apaixonariam à primeira vista e, após certos desencontros, viveriam felizes para sempre. Mas o filme que chega à Netflix nesta sexta-feira, 10, segue um caminho diferente. Os dois não se casam jovens: depois do primeiro encontro, passam vinte anos como melhores amigos, sem se permitir olhar um para o outro com qualquer interesse. A virada de chave acontece quando ela viaja a trabalho e deixa o colega cuidando de seu filho pré-adolescente — um elo improvável que levará, enfim, à união tardia da dupla.

Protagonizada por atores na casa dos 40 anos, a trama ilustra uma tendência recente: o advento de uma nova forma de comédia romântica, que tira o tradicional foco em jovens pombinhos para celebrar o amor na maturidade. É uma guinada notável. Gênero de imenso apelo entre as décadas de 1990 e 2000, esses filmes pintavam a chama-

ANA CARBALLOSA/LIONSGATE

CASAL Jennifer Lopez e Duhamel em *Casamento Armado:* confusões

da meia-idade como um bicho de sete cabeças: a mera ideia de chegar aos 30 sem uma cara-metade era um pesadelo. Agora, uma leva fresca de produções traz de volta os mesmos astros do passado, já grisalhos e com linhas de expressão, para atestar a verdade de um antigo clichê: não há idade para começar a amar.

Os "novos velhos" rostos das comédias românticas têm um recall nostálgico evidente. Lançado em setembro de 2022, *Ingresso para o Paraíso* traz Julia Roberts (55 anos) e George Clooney (61) como um ex-casal que tenta impedir a filha de cometer o erro dos pais — se casar. Protagonista de *Uma Linda Mulher* (1990), Roberts demorou

UNIVERSAL PICTURES

VETERANOS Julia Roberts e Clooney em *Ingresso para o Para*[illegible] estrelas das comédias românticas retornam ao gênero

mais de vinte anos para retornar aos romances que consolidaram sua carreira. O mesmo acontece com Jennifer Lopez, 53 anos. Na trama de *Casamento Armado*, disponível no Amazon Prime Video, Darcy é uma mulher bem-sucedida que cede aos desejos do amado de se casar, após fugir do altar por anos. Antes que a cerimônia aconteça, no entanto, assaltantes invadem a festa, despertando não apenas o medo da violência nos convidados, como também uma crise entre os noivos.

Com personagens mais velhos assim, os lugares-comuns da comédia romântica ressurgem temperados com o debate de questões características das paixões mais ma-

PARIS FILMES

PAIS Gere, Keaton, Macy e Sarandon: eles dominam *Casamento em Família*

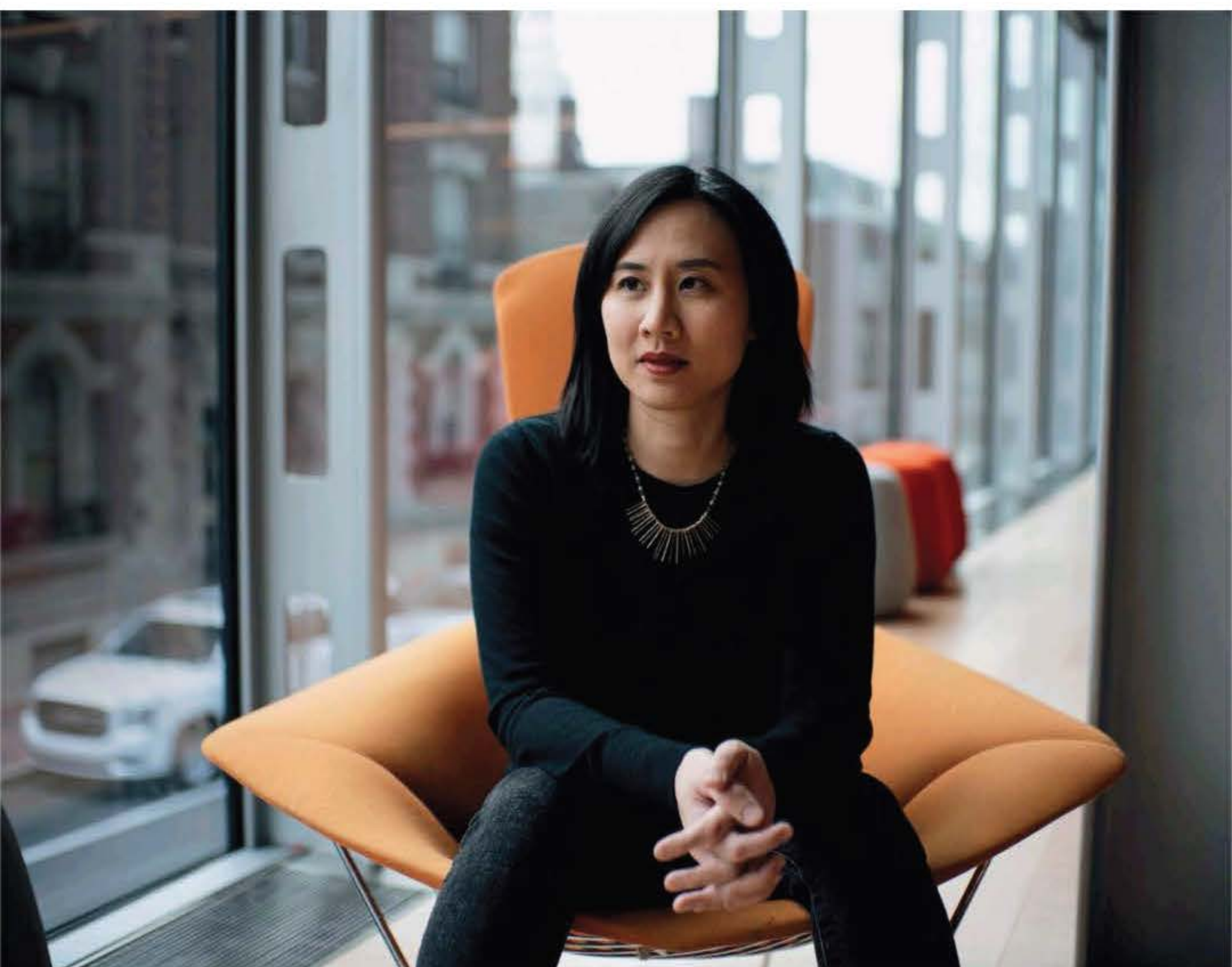
duras, como a relação entre pais e filhos, a sexualidade na meia-idade e a resistência em doar-se aos sentimentos, típica de quem já é muito calejado pela vida.

A nova cartilha não veio do nada: relegadas ao esquecimento nas últimas décadas, após perder lugar para a febre dos super-heróis, as produções românticas voltaram à boca do povo com o streaming, quando a Netflix apostou em fenômenos juvenis como *A Barraca do Beijo*. O sucesso ressuscitou as tramas açucaradas, mas era preciso conquistar um público mais amplo. O caminho a ser seguido foi indicado pelas estatísticas comportamentais: segundo o IBGE, por exemplo, os brasileiros estão se ca-

sando cada vez menos — e mais tarde. Enquanto o total de matrimônios no país caiu, cresceu o número de casais que se uniram após os 40 anos. Nos Estados Unidos, a situação se repete: entre 1998 e 2021, a média de idade do primeiro casamento subiu de 25 para 28,6 anos entre as mulheres, e de 26 para 30,6 no caso dos homens. Nada mais natural que as histórias se adaptassem à nova realidade: o imaginário sobre romance e casamento não é mais monopólio da juventude.

Por isso, até mesmo quando a trama fala de novinhos apaixonados, os mais experientes acabam roubando espaço. Em cartaz nos cinemas a partir do dia 17, *Casamento em Família* traz a dupla Emma Roberts e Luke Bracey reunindo os pais para conversar sobre casamento. Mas quem dá show são os patriarcas — vividos por Richard Gere (73), Diane Keaton (77), William H. Macy (72) e Susan Sarandon (76). Ao se encontrarem, eles notam que, na verdade, a relação entre eles é um pouco mais complicada que a dos filhos. A idade pode trazer sabedoria — mas não torna a vida amorosa mais simples. ■

FERIDAS ABERTAS

Em sua nova obra, a autora de *Pequenos Incêndios por Toda Parte* explora a brutalidade do preconceito contra asiáticos em uma distopia movida pelos laços entre uma mãe e seu filho

MEDO PALPÁVEL Celeste Ng: receio pessoal ganhou vida com o aumento da xenofobia nos Estados Unidos

KIERAN KESNER

QUANDO começou a escrever ***Os Corações Perdidos,*** a autora Celeste Ng se viu paralisada diante da ideia de uma trama aparentemente inverossímil. O argumento inicial explorava os laços entre um filho e sua mãe separados pelo governo americano — que de forma arbitrária, imaginava Celeste em sua ficção, passara a perseguir cidadãos de origem asiática. "Notei que esse era um medo pessoal meu, e que ninguém se interessaria por ler isso, pois parecia muito irreal", disse a escritora a VEJA. Filha de um casal de cientistas chineses e nascida nos Estados Unidos, a autora de 42 anos cresceu acostumada a episódios cotidianos de preconceito em sua maior parte inofensivos, segundo ela. Isso, até a combinação tétrica de 2020: as falas hostis do então presidente americano Donald Trump contra orientais se somaram ao pânico com a pandemia de Covid-19, que expôs a xenofobia sob a desculpa de apontar um culpado — a China. "Vimos um aumento da hostilidade e da violência contra asiáticos no mundo. Uma idosa foi agredida por um homem no centro de Nova York e ninguém ao redor a ajudou", diz ela.

Seu novo livro, então, passou de improvável a assustadoramente real. Na trama distópica à la George Orwell, Bird é um garoto de 12 anos, filho de uma mulher asiática e um homem branco, que tenta cicatrizar a ferida aberta pelo abandono da mãe. Ele não nota a relação entre o sumiço dela e o clima político sob uma hipotética nova ordem americana — a única que Bird conhece. Pouco antes de o garoto nascer, uma grave crise econômica pôs o país em posição submissa diante da Chi-

na, abrindo espaço para um regime militar que impôs a austeridade e o patriotismo como regras — institucionalizando o ódio aos asiáticos. Livros de autores orientais foram banidos, a internet se tornou um ambiente controlado e os acusados de atos antipatrióticos passaram a ser perseguidos, caso da mãe de Bird. Em certo momento, o garoto inicia uma busca secreta pelo paradeiro dela.

OS CORAÇÕES PERDIDOS, de Celeste Ng (tradução de Fernanda Abreu; Intrínseca; 336 páginas; 49,90 reais e 34,90 em e-book)

Os Corações Perdidos é o terceiro romance de Celeste e sua primeira distopia — sua estreia literária foi em 2014 com o thriller *Tudo o que Nunca Contei*, que narra a investigação do assassinato de uma jovem asiática. A fama mundial veio em seguida com o best-seller *Pequenos Incêndios por Toda Parte*, adaptado em série de sucesso com Reese Witherspoon e Kerry Washington, sobre uma mãe solteira negra que bagunça a rotina aparentemente perfeita de um subúrbio branco americano. Apesar de eclética, a obra da autora possui um traço em comum. "Meus três livros lidam com a ideia de não pertencimento étnico, além da relação entre pais e filhos", diz Celeste. Uma potência oriental contra tempos de intolerância. ■

Raquel Carneiro

O SHOW NÃO PODE ACABAR

Dinossauros do rock dos anos 70 e 80 se recusam a aceitar a extinção e seguem fazendo turnês mesmo sem conservar quase nada de suas versões originais

FELIPE BRANCO CRUZ

MASCARADOS O Kiss ao vivo no Brasil: hoje só com dois remanescentes genuínos, o grupo pensa em virar uma franquia

BERND THISSEN/PICTURE ALLIANCE/GETTY IMAGES

AO SAIR de uma bem-sucedida turnê, no início dos anos 2000, o Kiss surpreendeu os fãs com o anúncio repentino da aposentadoria da banda. A ideia era rodar o mundo com uma nova e milionária turnê de despedida, a *Farewell Tour*. Após 142 shows, o giro chegou ao fim, mas o grupo americano não cumpriu a promessa de pendurar as chuteiras (ou melhor, as fantasias): continuou na estrada, ainda que dessa vez sem as presenças do guitarrista Ace Frehley e do baterista Peter Criss. Desde então contando com outros dois músicos ao lado dos dois remanescentes originais, o vocalista Paul Stanley e o baixista Gene Simmons, o Kiss fez nada menos do que outras doze novas turnês mundiais. Até que, em 2019, a banda anunciou mais uma vez que se aposentaria — agora, juraram os roqueiros mascarados, seria para valer. Para garantir que não estavam de brincadeira, a turnê foi chamada de *The Final Tour Ever — Kiss End of the Road* (A Última Turnê de Todos os Tempos — Kiss Fim da Estrada). Mas o que era para ser o epílogo está durando bem mais que o anunciado: a banda passou pelo Brasil em 2022 e voltará ao país em abril próximo, para outras cinco apresentações.

O caso do Kiss ilustra uma curiosa característica das bandas de rock clássico dos anos 60 e 70: elas são como dinossauros que se recusam a aceitar a ideia de extinção. Mesmo quando seus integrantes originais já não fazem mais parte dos grupos, seja porque já morreram, se aposentaram ou, com mais de 80 anos, não têm saúde para as

WILL IRELAND/FUTURE PUBLISHING/GETTY IMAGES

NA ESTRADA Steve Howe *(à esq.)*, do Yes: apenas um integrante clássico

extenuantes rotinas dos palcos. Lynyrd Skynyrd, Yes, Foreigner, Creedence e Dire Straits são exemplos de conjuntos que ainda estão na ativa — mas com gradações de "autenticidade" que vão de apenas um ou dois integrantes originais até nenhum deles em cena.

O importante é continuar faturando em cima de marcas consagradas e de um catálogo musical nostálgico, capaz de atrair ainda muita gente. Paul Stanley e Gene Simmons já disseram que, se depender deles, o Kiss jamais morrerá: após a saída dos próprios do palco, o grupo seguirá eternamente em turnê, como em uma franquia. Nesse caso, a ideia é a de que novos músicos assumam os papéis dos fundadores, incluindo as maquiagens.

Afinal das contas, por que matar a galinha de ovos de ouro? Segundo o site Touring Data, que contabiliza o público e a renda de shows, entre 2019 e 2022 o Kiss faturou 169

JEFF ROBINSON/ICON SPORTSWIRE/GETTY IMAGES

SEM FIM Lynyrd: acidente matou parte da banda em 1977, mas ela ainda resiste

milhões de dólares em sua turnê de despedida. Para além da renda amealhada pelos veteranos na estrada, a máquina registradora contabiliza uma venda constante de *memorabilia,* aumento do engajamento dos fãs nas redes e o incremento nos números de execuções das músicas no streaming.

O Lynyrd Skynyrd, uma das bandas mais celebradas do rock sulista americano, é exemplar nesse sentido — e remete ao famigerado paradoxo do navio de Teseu. Na mitologia grega, o barco do herói é conservado por 300 anos e, conforme suas peças apodrecem, são substituídas por outras novas, até não restar nenhuma original — imagem que resume à perfeição o destino de bandas como o Lynyrd. Em 1977, um acidente aéreo matou o principal compositor do grupo, Ronnie Van Zant, além dos irmãos Stevie e Cassie Gaines. Conforme o tempo foi passando, outros membros também foram sendo trocados. Na formação atual, o único

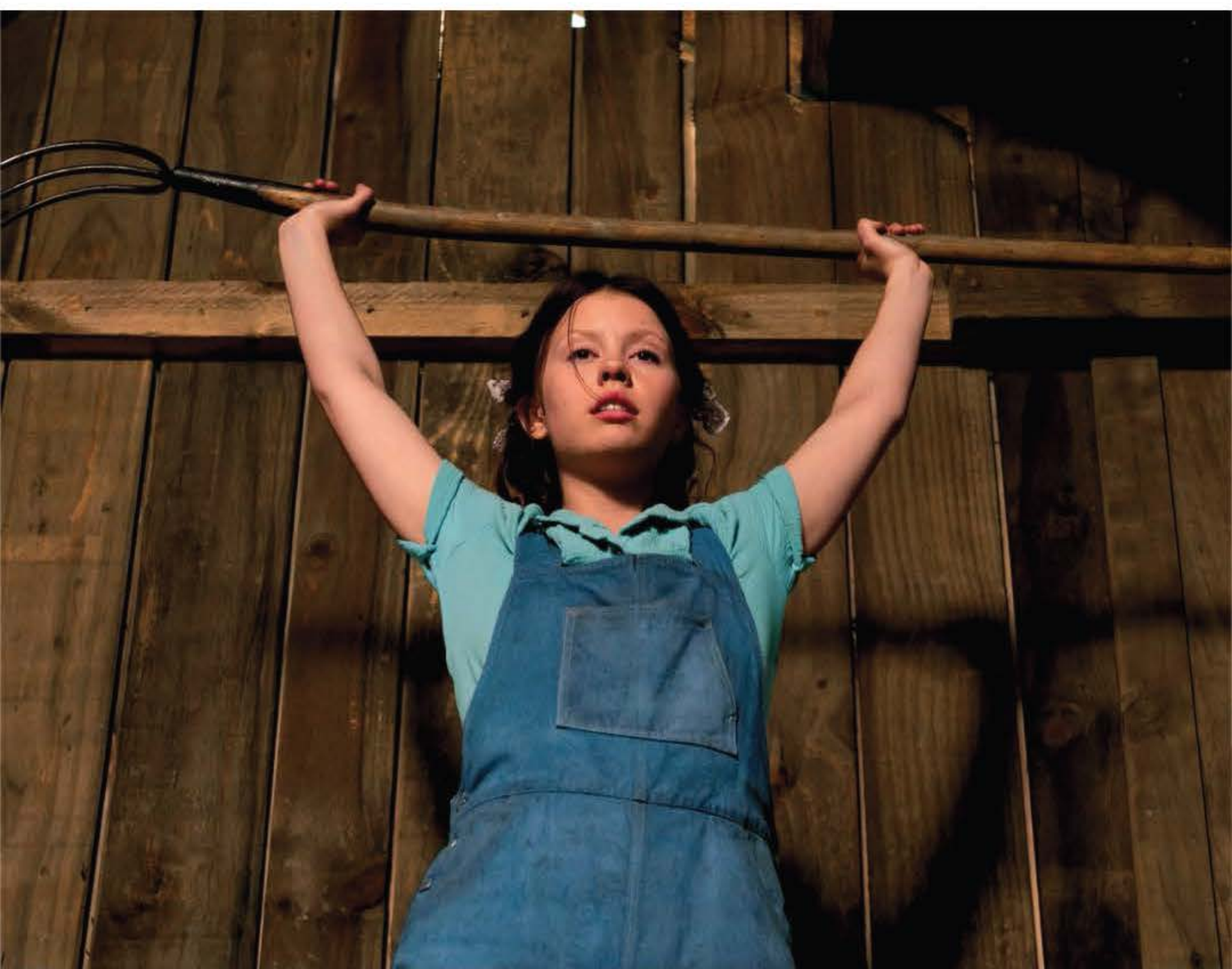
integrante genuíno é o guitarrista Gary Rossington — que, ainda assim, faz só participações esporádicas nos shows.

Eis então o dilema: nesses casos, seria o artista mesmo ou só uma manjada banda-tributo? Em entrevista recente, Rossington decifrou o mistério: "Todos que vão aos shows sabem que o grupo não é o original. Mas eles ainda querem nos ouvir ao vivo". A mesma coisa acontece com o Foreigner e o Yes — ambos em turnê e com apenas um integrante clássico. Mesmo assim, Mick Jones, fundador e guitarrista do Foreigner, enfrenta vários problemas de saúde e raramente sobe ao palco. No atual Yes, o guitarrista Steve Howe é o único remanescente do período de auge do grupo, embora não faça parte do time de fundadores.

Algumas bandas criaram uma espécie de antídoto para o caso de a farsa ficar muito evidente. A Dire Straits Legacy é formada por músicos que tocaram no grupo em diferentes ocasiões e gira o mundo com um show em homenagem aos irmãos Knopfler, que criaram a banda. Seria mais ou menos como os Rolling Stones vendendo ingressos por aí sem Mick Jagger e Keith Richards, mas o público acaba engolindo. Caso semelhante ocorreu com o Creedence Clearwater Revival: coadjuvantes da banda original seguiram com o conjunto e ganharam na Justiça o direito de tocar suas clássicas canções, desde que deixassem claro ser uma banda-tributo e usassem um aposto diferente no nome — que virou Creedence Clearwarter Revisited. Com ou sem seus velhos astros, o show não pode parar. ■

SANGUE BRASILEIRO

Neta de uma conhecida atriz das novelas nacionais, a britânica Mia Goth converteu-se em musa dos filmes de terror *cult* – e exercita todo seu talento no sinistro *Pearl*

MARCELO CANQUERINO

FÚRIA ASSASSINA Mia, em um de seus surtos como Pearl: mergulho nos tormentos de uma bailarina desequilibrada

CHRISTOPHER MOSS/UNIVERSAL PICTURES

NO CELEIRO da fazenda onde mora, a aspirante a bailarina Pearl mostra ao novo amigo, projecionista de cinema local, os animais para os quais faz seus shows particulares — incluindo vacas e cabras. O rapaz, porém, sente que há algo de errado desde que pisou na casa da moça: está um caos, e sons de batida vêm do porão. Receoso, ele decide ir embora, mas a jovem irrompe num surto de fúria — que termina com ela enfiando um forcado no peito do visitante e dizendo que ninguém vai impedi-la de se tornar uma estrela. Ainda que o desequilíbrio mental seja patente na protagonista de ***Pearl*** (EUA/Canadá/Nova Zelândia, 2022), já em cartaz no país, sua dança e seus trejeitos revelam-se estranhamente sedutores — o que só vem comprovar o talento de sua intérprete. A atriz Mia Goth, de 29 anos, é a nova musa dos filmes de terror cult — produções que, além das cenas horripilantes, mergulham nas angústias humanas.

ALEX CARVALHO/TV GLOBO

AVÓ DE ESTRELA

Maria Gladys: Mia viveu com ela no Brasil

Ambientado no Texas durante a I Guerra, o longa é um prelúdio sobre a origem da vilã de *X — A Marca da Morte* (2022), sucesso do horror que abriu a trilha da fama para Mia. Naquele filme, a atriz se desdobrava entre os papéis

da jovem heroína Maxine e da versão idosa de Pearl — que nunca superou não ter se tornado dançarina e faz uma carnificina com jovens que vão à sua fazenda para gravar um filme pornô nos anos 1970. Com seu exame dos demônios internos da assassina em sua juventude, *Pearl* agora dá todos os recursos para a atriz mostrar seu potencial. "Foi incrível ter a chance de mergulhar tão a fundo na personagem", afirma.

De quebra, ela põe o legítimo sangue brasileiro no altar do gênero. Apesar de nascida na Inglaterra, Mia Gypsy Mello da Silva Goth é neta de uma figurinha conhecida do cinema marginal e das novelas brasileiras: a atriz carioca Maria Gladys. Na ditadura militar, nos anos 1970, Gladys se exilou em Londres. Lá, abraçou os prazeres hippies, do uso de LSD à curtição do rock'n'roll. Quando voltou ao Brasil, estava grávida de Rachel — a filha foi fruto da relação com o artista americano Lee Jaffe, e mais tarde lhe daria a neta estrela de Hollywood.

Mia passou parte da infância no Brasil com a avó, mas foi só quando retornou a Londres que sua carreira deslanchou. De sobrancelhas claras e beleza singular, a jovem despertou interesse, a princípio, no mundo da moda. No cinema, fez sua estreia em 2013, aos 20, no controverso *Ninfomaníaca: Volume 2,* do dinamarquês Lars von Trier. Depois disso, Mia comeu pelas bordas em papéis coadjuvantes, como no remake do terror italiano *Suspiria*. O ponto de virada aconteceu em *X*, quando deu vida

não só à sua primeira protagonista, a atriz pornô Maxine, como à antagonista, a velha assassina Pearl.

Explorar o passado da vilã em outro longa já era um plano do diretor Ti West, mas foi só após conversar com Mia sobre a ideia que o prelúdio ganhou vida. Além do trabalho na frente das câmeras, a atriz colaborou com o roteiro de *Pearl,* ajudando a criar a história conturbada da personagem. Na contramão de Jenna Ortega, princesinha do horror de franquias pop como *Pânico* e do hit *Wandinha,* Mia escolheu o caminho das produções independentes ditas "de prestígio" — e seus próximos projetos atestam essa opção, de *Infinity Pool,* suspense visceral que traz a atriz ao lado de Alexander Skarsgård, ao aguardado *MaXXXine,* filme que encerrará a trilogia *X.* A britânica com DNA nacional vai longe — e é um orgulho da vovó. ■

WALCYR CARRASCO

REEDUCAÇÃO ALIMENTAR

A saga para mudar minha (gulosa) relação com a comida

SEMPRE GOSTEI de comer bem. Não resistia a um menu degustação. Pernil assado. Churrasco. Tive minha fase inacreditavelmente magra, lá pelos 20 anos. Aos 30, comecei a estufar. Criei uma barriga da qual não me livrei até hoje. Nunca acreditei realmente em pratos fit. E é com desconfiança que encarava um rótulo de low carb. Mas a vida seguiu. Descobri que ser gordinho e feliz era estar na beira do precipício. A barriga, fui advertido, leva à síndrome metabólica. Que, por sua vez, implica em riscos cardíacos, pouca insulina, gordura no fígado. Um terror. Ao diagnosticar a tal síndrome, um médico se torna um Drácula, tal o horror que implanta na alma do guloso como eu.

Passei por vários regimes nos últimos tempos, todos com nutricionista e médico. De fruta em fruta, de leite vegetal em leite vegetal, fui perdendo as gordurinhas. Não há maior prazer para um gordo do que a camisa voltar a fechar, sem que o botão estoure no umbigo. Minha necessidade de comer mudou, passei a não ter fome o tempo todo.

Descobri que há uma balança que mede tudo, até gordura corporal. O exame da bioimpedância, feito pela tal balança, avalia a composição corporal. Foi ele que me traiu. Quando a gente entra em questões alimentares, não basta ser magro, fiquei sabendo. Tornar-se saudável é uma saga.

O exame acusou aumento de gordura visceral, perda de musculatura etc. etc. "Impossível, eu não como mais!", reagi. Era verdade. Acordava e só tomava um iogurte! Almoço levíssimo! A nutricionista magra e bela fez com que eu descrevesse cada grão de arroz que eu comia. "Você está comendo pouco, mas com excesso de carboidratos. Carboidrato é o vilão que está em tudo que é bom de comer: pudim, por exemplo. A solução: proteínas. Adoro carne, peixe, frango acho meio sem gosto. Descobri que minha vida seria reduzida a isso: carne, peixe, frango. Só. Ainda tentei me salvar, espertamente: "Torresmo é proteína?". "No caso, é considerado gordura", a nutricionista respondeu.

"Não há regime ou remédio que mude a alma de um gordo. Quando me distraio, penso é numa feijoada"

É a tal da reeducação alimentar. Acordo, devoro três ovos... Todo dia! No almoço, dois filés, o peixe, o frango — que ódio, não posso nem botar uma maionese. Para mim, frango de supermercado tem gosto de isopor. Só que na minha situação atual até um isopor bem temperado cai bem. Jantar? Shake de proteína. Mais: o ideal é parar de comer às 19h30. Gosto de trabalhar à noite. Quando escrevo minhas novelas, os personagens estão sempre com fome.

Sempre tive horror ao ouvir "reeducação alimentar". Surpresa, agora respeito! Comecei a perder quilos. O sofrimento diminui com o hábito. Aos poucos, no reflexo do espelho, vejo um rosto de que não me lembrava mais. Não torro mais nas compras. Já estava economizando ao reabilitar roupas antigas, agora mais ainda.

A reeducação alimentar traz mil vantagens. Mas conto um segredo: não há regime, técnica nutricional ou remédio que mude a alma de um gordo. Quando me distraio, penso mesmo é numa bela feijoada. ■

MÃE EM LUTO
O longa *Till – A Busca por Justiça:* história real que marcou a batalha por direitos civis nos EUA

LYNSEY WEATHERSPOON/ORION PICTURES

CINEMA

TILL – A BUSCA POR JUSTIÇA

***(Till*, Estados Unidos/Inglaterra, 2022. Em cartaz)**

Nos anos 1950, um garoto negro de 14 anos pega um trem de Chicago para uma cidadezinha do Mississippi, onde visitaria os primos. Ciente das diferenças de tratamento que pessoas negras recebiam no estado sulista, a mãe se despede com o coração apertado e a recomendação: “Seja pequeno lá”. Pouco depois, recebe uma caixa com o corpo linchado do filho, vítima de um crime de ódio por ter assobiado para a dona branca de uma loja. Trata-se da história real de Emmett Till e da batalha judicial de sua mãe, Mamie, que decidiu mostrar na imprensa as imagens cruas do racismo sofrido pelo filho, tornando a tragédia um símbolo na luta dos negros pelos direitos civis nos Estados Unidos. O filme extrai muito de sua força da atuação marcante de Danielle Deadwyler como a mãe que briga por justiça.

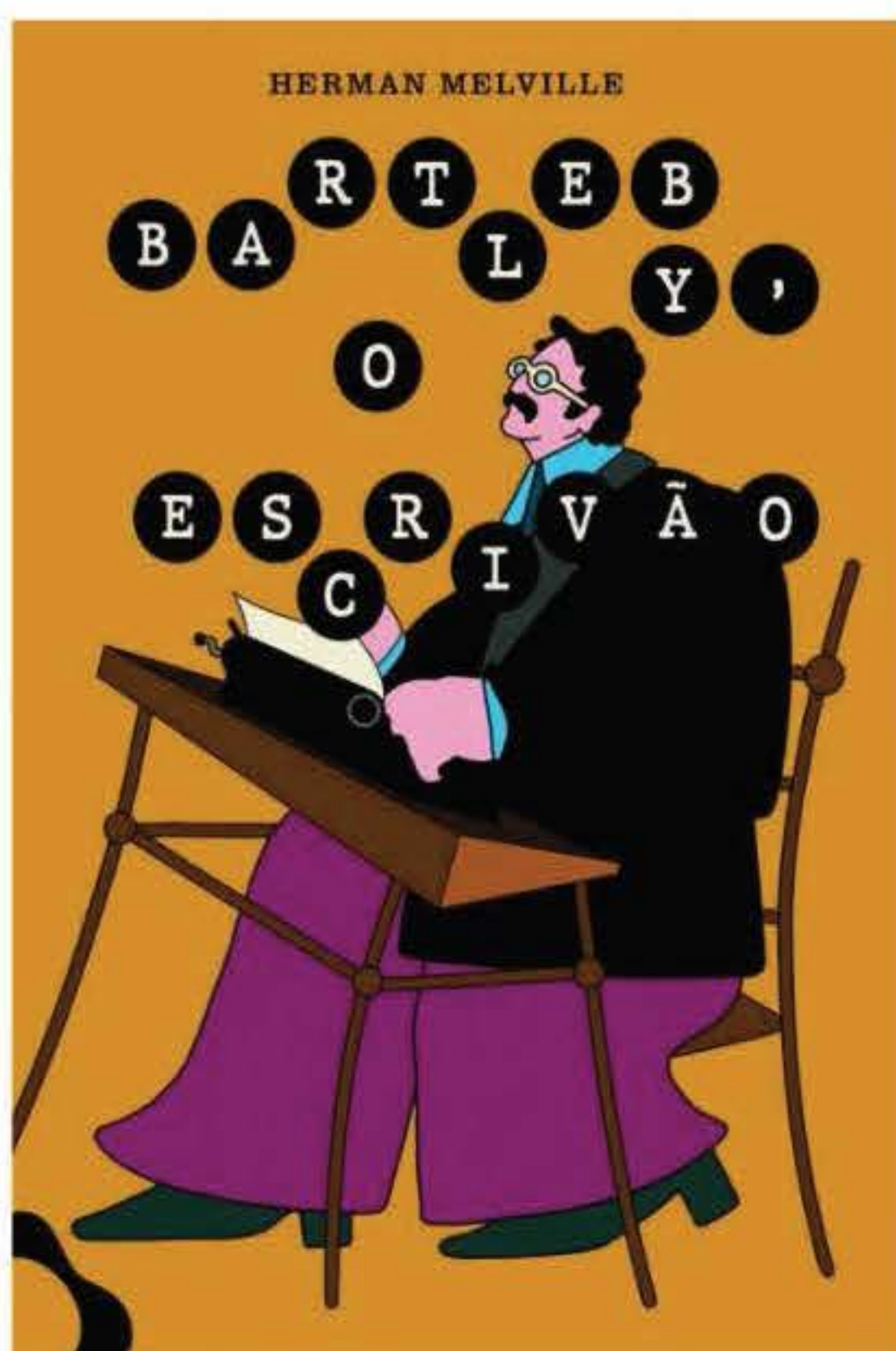
TELEVISÃO

VOCÊ – QUARTA TEMPORADA

(disponível na Netflix)

NETFLIX

CAÇA Joe (Penn Badgley): psicopata agora tem de lidar com stalker à sua altura

Joe (Penn Badgley) é apaixonado por literatura clássica, mas tem um peculiar desvio de caráter: fica obcecado por mulheres e vai às máximas consequências para conquistá-las, inclusive matando quem cruza seu caminho. Travestido de romântico incurável, o psicopata escapou de seus crimes de formas impagáveis. Agora, na quarta temporada, Joe se passa por um acadêmico em Londres, mas é caçado por um stalker tão meticuloso e sanguinário quanto ele. Com a adição desse novo elemento à trama, a série da Netflix se mantém instigante. Cinco dos dez capítulos já estão disponíveis — o restante estreia em 9 de março.

LIVRO

BARTLEBY, O ESCRIVÃO,

de Herman Melville (tradução de Antônio Xerxenesky; Antofágica; 256 páginas; 79,90 reais)

Certo dia, o chefe de Bartleby lhe pede uma tarefa e ele responde: “Prefiro não”. A negativa choca o escritório de advocacia. O chefe, porém, não consegue demiti-lo: há algo estranho com o rapaz, um escrivão pouco afeito ao trabalho e desinteressado pelos prazeres da vida. Escrito pelo autor de *Moby Dick,* o conto de 1853 usa o humor para discorrer sobre a mecanização do trabalho. A nova edição traz análises e um belo layout da ilustradora Letícia Lopes, que datilografou o texto e faz intervenções visuais que dão colorido à leitura. ■

FICÇÃO

1 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [2 | 76#] GALERA RECORD

2 **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [1 | 14] GALERA RECORD

3 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [10 | 24#] BERTRAND BRASIL

4 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [0 | 23#] RECORD

5 **VERITY**
Colleen Hoover [8 | 42#] GALERA RECORD

6 **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES**
Colleen Hoover [6 | 59#] GALERA RECORD

7 **A MANDÍBULA DE CAIM**
Edward Powys Mathers (Torquemada) [4 | 6] INTRÍNSECA

8 **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**
George Orwell [9 | 213#] VÁRIAS EDITORAS

9 **TORTO ARADO**
Itamar Vieira Junior [5 | 91#] TODAVIA

10 **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO**
Taylor Jenkins Reid [7 | 89#] PARALELA

NÃO FICÇÃO

1 **JAIR BOLSONARO: O FENÔMENO IGNORADO VOL. 1**
Mateus C. Mendes e Eduardo Bolsonaro [0 | 1] VIDE

2 **O QUE SOBRA**
Príncipe Harry [1 | 4] OBJETIVA

3 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estés [2 | 142#] ROCCO

4 **TODO DIA A MESMA NOITE**
Daniela Arbex [4 | 3#] INTRÍNSECA

5 **O REI DOS DIVIDENDOS**
Luiz Barsi Filho [3 | 7] SEXTANTE

6 **EM BUSCA DE MIM**
Viola Davis [6 | 24#] BEST SELLER

7 **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [5 | 308#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS

8 **QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA**
Carolina Maria de Jesus [7 | 37#] ÁTICA

9 **MENTES PERIGOSAS**
Ana Beatriz Barbosa Silva [8 | 138#] PRINCIPIUM

10 **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA**
Djamila Ribeiro [9 | 114#] COMPANHIA DAS LETRAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **CAFÉ COM DEUS PAI**
Junior Rostirola [1 | 5] VIDA

2. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
Napoleon Hill [4 | 193#] CITADEL

3. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [5 | 112#] HARPERCOLLINS BRASIL

4. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [3 | 403#] SEXTANTE

5. **PAI RICO, PAI POBRE**
Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [6 | 106#] ALTA BOOKS

6. **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS**
Dale Carnegie [8 | 74#] SEXTANTE

7. **VOCÊ PODE TUDO**
José Carlos Semenzato [0 | 1] COMPANHIA EDITORA NACIONAL

8. **O PODER DA AÇÃO**
Paulo Vieira [0 | 193#] GENTE

9. **O PODER DA AUTORRESPONSABILIDADE**
Paulo Vieira [0 | 83#] GENTE

10. **AS ARMAS DA PERSUASÃO**
Robert Cialdini [7 | 2] SEXTANTE

INFANTOJUVENIL

1. **ATÉ O VERÃO TERMINAR**
Colleen Hoover [1 | 50#] GALERA RECORD

2. **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [2 | 359#] VÁRIAS EDITORAS

3. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL**
Casey McQuiston [3 | 91#] SEGUINTE

4. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [7 | 375#] ROCCO

5. **EXTRAORDINÁRIO**
R.J. Palacio [9 | 121#] INTRÍNSECA

6. **CORALINE**
Neil Gaiman [0 | 56#] INTRÍNSECA

7. **COLEÇÃO HARRY POTTER**
J.K. Rowling [0 | 141#] ROCCO

8. **A DROGA DA OBEDIÊNCIA**
Pedro Bandeira [10 | 3#] MODERNA

9. **MANUAL DE ASSASSINATO PARA BOAS GAROTAS**
Holly Jackson [8 | 8#] INTRÍNSECA

10. **O MEU PÉ DE LARANJA LIMA**
José Mauro de Vasconcelos [0 | 2#] MELHORAMENTOS

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **BookInfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, Saraiva, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Barra Bonita**: Real Peruíbe, **Barueri**: Saraiva, **Belém**: Leitura, Saraiva, SBS, **Belo Horizonte**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves**: Santos, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Leitura, **Campinas**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, Saraiva, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas**: Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Caruaru**: Leitura, **Cascavel**: A Página, **Caxias do Sul**: Saraiva, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Saraiva, Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, Kunda Livraria Universitária, **Franca**: Saraiva, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, Saraiva, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora**: Leitura, Saraiva, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, Saraiva, **Limeira**: Livruz, **Lins**: Koinonia Livros, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, Saraiva, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal**: Leitura, Saraiva, **Niterói**: Blooks, Saraiva, **Nova Iguaçu**: Saraiva, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Olinda**: Saraiva, **Osasco**: Saraiva, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Cultura, Disal, Leitura, Santos, Saraiva, SBS, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Saraiva, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Leitura, Saraiva, **Santos**: Loyola, Saraiva, **São Bernardo do Campo:** Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti**: Leitura, **São José**: A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, Saraiva, **São José dos Campos**: Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais**: Curitiba, **São Luís**: Leitura, **São Paulo**: A Página, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Drummond, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Sorocaba**: Saraiva, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, Saraiva, SBS, **Umuarama**: A Página, **Votorantim**: Saraiva, **Vila Velha**: Leitura, Saraiva, **Vitória**: Leitura, SBS, **Vitória da Conquista**: LDM, **internet**: A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

JOSÉ CASADO

O PREÇO POLÍTICO

DEZ ENTRE DEZ brasileiros preferem feijão, mas os preços aumentaram 30% na média nacional dos últimos doze meses. Em capitais como Belém e Goiânia a alta foi recorde, de 51% até janeiro.

O arroz subiu 30% nas cidades do Sudeste e a farinha de mandioca, macaxeira para nordestinos, aumentou 46% no eixo Aracaju-Fortaleza.

Está cada vez mais caro o prato "sabor bem Brasil", louvado por Gonzaguinha e cantado pelas Frenéticas na trilha da novela *Feijão Maravilha*. Era 1979 e Lula, sindicalista metalúrgico, se encantava com a ideia de criar um Partido dos Trabalhadores.

O PT surgiu num domingo do verão seguinte, 10 de fevereiro, em São Paulo. Registrou no manifesto de fundação a pretensão de "ser uma real expressão política de todos os explorados pelo sistema capitalista", com disposição de chegar ao governo "para que se efetive o poder de decisão dos trabalhadores sobre a economia e os demais níveis da sociedade". Passaram-se 43 anos, um terço deles com Lula e Dilma Rousseff no Palácio do Planalto. Lula-III tem mais 47 meses à frente no calendário do poder.

Quatro décadas passaram na janela e o PT continua com o mesmo problema na mesa: a indefinição de um projeto de desenvolvimento para o país, alternativo ao modelo de "Estado forte" desbotado no fim do século passado.

No Rio de 1983, o psicanalista Hélio Pellegrino, um dos fundadores do partido, espantou-se com o noticiário sobre o custo do dinheiro: "Com juros a 400%, não há libido que aguente", reagiu bem-humorado.

Em Brasília, nos últimos dias, um Lula mal-humorado criticou a "vergonha" de uma taxa de juros de 13,75%, (metade do que era em fevereiro do seu primeiro mandato). E mobilizou sua base no Congresso numa guerrilha política para derrubar o presidente e a diretoria do Banco Central.

O PT passou a qualificar a instituição como "entrave ao desenvolvimento". O PSOL apresentou projeto para liquidar com a autonomia do BC, aprovada 24 meses atrás pelo Legislativo. O PCdoB pediu à União Nacional dos Estudantes (UNE) a organização de protestos para "garantir nas ruas" mudanças na política monetária.

Antes mesmo de apresentar ao Congresso o desenho de uma política alternativa, e consistente, Lula estimula a divisão dentro do governo diante das aflições com as fragilidades da economia expressas nas taxas de juros e de inflação. Culpar o Banco Central pela estagnação é inútil, assim como cobrar promessa de candidato sobre o fim da reeleição a governante que sonha com novo mandato.

Em 1989, quando Lula estreou no ofício de candidato

“Lula terceiriza culpa pelo custo do dinheiro e da comida”

presidencial do PT, contra Fernando Collor, o Brasil encerrava um ciclo de século e meio de crescimento contínuo.

Desde a independência, a produção de riqueza avançou em velocidade três vezes acima da média mundial, medida pelo produto interno bruto (PIB). O país multiplicou por dez sua participação na economia global. Representava 0,3% no final da colonização portuguesa, saltou para 3% na era da computação portátil. Desde então, essa encolheu e se mantém estacionada em patamar inferior a 2,5%.

No fim do século passado, ainda eram notáveis as similaridades no estágio de desenvolvimento do Brasil com o da China, da Índia, da Coreia do Sul e da Espanha, entre outros. O tempo passou na janela e o país manteve-se estagnado, apesar da reconhecida abundância de insumos vitais (população, terra, água, energia renovável e fronteiras pacificadas) e da relativa autonomia tecnológica com potencial transformador para a sociedade.

Atravessou as últimas quatro décadas aprisionado numa lógica de atraso econômico e social mensurável nos portões das cadeias e das escolas de ensino básico, en-

quanto China, Índia, Coreia do Sul, Espanha e outros mudaram de "clube".

O debate sobre teorias monetárias é relevante, mas economia é importante demais para ficar restrita aos economistas — até porque, como ensinou John Kenneth Galbraith, eles gostam de ficar brigando entre si para não correr o risco de estar todos errados ao mesmo tempo.

O que falta mesmo é autocrítica na política, como Lula, Dilma, José Sarney, Fernando Henrique e Fernando Collor reconheceram numa longa conversa durante a viagem para o funeral de Nelson Mandela, na África do Sul, em dezembro de 2013. Seis meses antes, o povo havia saído às ruas em protesto contra tudo e contra todos. A estrutura política feneceu. Sem acordo, ainda não surgiu o novo. Enquanto isso, o "feijão maravilha" está cada vez mais caro na cara do prato. ■